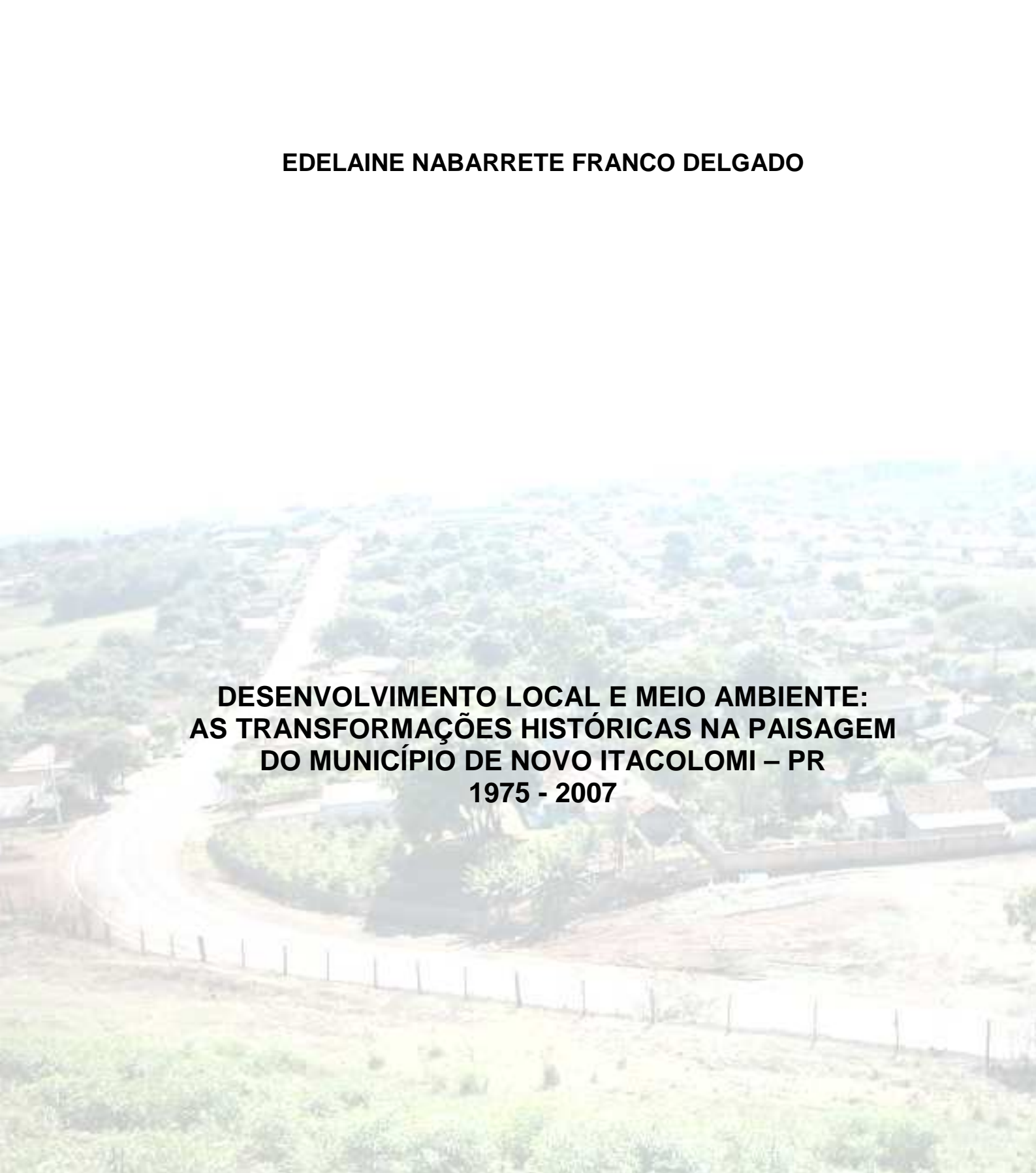


EDELAINÉ NABARRETE FRANCO DELGADO

An aerial photograph of a rural landscape. A winding road curves through the scene, bordered by a white fence. In the background, there are several buildings and a dense area of trees. The overall scene is a mix of natural and built environments.

**DESENVOLVIMENTO LOCAL E MEIO AMBIENTE:
AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS NA PAISAGEM
DO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI – PR
1975 - 2007**

MARINGÁ PR
2008

EDELAINÉ NABARRETE FRANCO DELGADO

**DESENVOLVIMENTO LOCAL E MEIO AMBIENTE:
AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS NA PAISAGEM
DO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI – PR
1975 - 2007**

MARINGÁ PR
2008

EDELAINÉ NABARRETE FRANCO DELGADO

**DESENVOLVIMENTO LOCAL E MEIO AMBIENTE:
AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS NA PAISAGEM
DO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI – PR
1975 - 2007**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação – Mestrado em Geografia, área de Concentração – Análise Regional e Ambiental do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em geografia.

MARINGÁ PR
2008

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Messias dos Passos
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Professor Doutor

Professor Doutor

***Aos meus pais José e Maria e a
meus irmãos Ednilson e Edimária
pelo apoio.***

***A minha filha Jussana, razão de
toda a minha luta.***

***Ao meu esposo Fernando pela
companhia, ajuda e incentivo nos
momentos difíceis.***

***Ao mestre Paulo Hilário (in
memoriam) por ter acreditado em
minha pessoa, enquanto ser
humano e profissional.***

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, autor da minha vida, que embora permitindo a ela muitos obstáculos, com seu amor de pai e segurando-me pela mão, ajudou-me a atravessar cada um deles;

A professora Marta Luzia de Souza pela compreensão e contribuições;

A Cida pela serenidade, eficiência e compreensão, sobretudo nos momentos de dificuldade;

Ao professor Messias Modesto dos Passos pela orientação e confiança;

Ao professor do Departamento de Geografia da UEM Hélio Silveira pelas orientações na elaboração do Pré- projeto.

Aos amigos da Escola Municipal Francisco Ribeiro Franco de Novo Itacolomi: Rosimeire, Maria Romilda, Simone e Silvia pela compreensão, paciência e ajuda. A Joelma, Adriana e Claudir pela contribuição ainda quando tudo era apenas um sonho;

A Sueli e Rosana Cazadei pelo auxílio no momento exato;

A Lola e Juliana pelo encorajamento e socorro no momento definitivo;

Ao prefeito de Novo Itacolomi Moacir Andreolla pelo apoio, contribuições técnicas e pela dispensa enquanto professora para que eu pudesse chegar até a UEM, uma tarde por semana;

Aos funcionários da Prefeitura Municipal Donizete e José Roberto pelas informações;

A EMATER de Novo Itacolomi nas pessoas dos técnicos José Adalton e Ovídio pelas contribuições;

Ao técnico agrícola Edinei de Souza Melo (EMATER de Novo Itacolomi) pelo acompanhamento e ajuda nos trabalhos de campo;

Ao Edivando Vitor do Couto pela ajuda na organização das cartas temáticas;

Ao Taidi pela ajuda na restauração de mapas e documentos;

Ao Tadau por ajudar-me a dar os primeiros passos;

Ao professor Vanderlei Grzegorkzik pelo incentivo;

A SUDERSHA (Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e IAPAR (Instituto Ambiental do Paraná) pelos dados e informações que tanto enriqueceram a minha pesquisa.

Àquelas pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que essa pesquisa se concretizasse e também aqueles que tentando dificultar, serviram de estímulos e impulso para que eu pudesse transformar dificuldades em degraus e com a ajuda de Deus subí-los, podendo chegar até aqui.

***“Que os nossos esforços
desafiem as impossibilidades.***

***Lembrai-vos de que as
grandes proezas da história
foram conquistas do que
parecia impossível.”***

(C. Chaplin)

DELGADO, Edelaine Nabarrete Franco. **Desenvolvimento local e meio ambiente: As transformações históricas na paisagem do município de Novo Itacolomi – PR. (1975 – 2007)**. 2007. 245 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia. Departamento de Geografia a Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2007.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal a análise de paisagem a partir de um recorte espacial, o município de Novo Itacolomi, buscando analisar as transformações históricas, econômicas e ambientais ocorridas neste espaço, bem como, qualificar a interferência da ação humana na produção e transformação dessa área em estudo, a qual resultou na dinâmica atual. O trabalho se apoiou em estudo bibliográfico, objetivando a construção da base teórica necessária e o resgate histórico da ocupação regional. Com relação ao conceito de paisagem, assumiu a abordagem sistêmica, visando uma “análise integrada” da paisagem. Procurou-se desenvolver trabalhos de campo à partir de entrevistas com moradores, realização de registros fotográficos da área em estudo e observação do acervo cartográfico afim de interpretar as transformações ocorridas. Embora o estudo realizado por meio dessa pesquisa se restrinja ao local; “o município de Novo Itacolomi”, muitas características aqui presentes, são referenciadas também em toda região norte paranaense no período de ocupação, realizado sobre tudo pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, do final da década de 1940 a 2007. Não fugindo aos moldes impostos pelo capitalismo, inserida historicamente nesse sistema, as Unidades de Paisagem que compõem essa área em estudo, identificam-se na sua maioria com o processo histórico – sócio – econômico vivenciado pela região Norte do Paraná, imbuída das marcas negativas e positivas da sociedade responsável pela sua construção. Assim sendo, caracteriza-se como um espaço geográfico urbano em desenvolvimento e rural de expressiva produção agrícola por meio de uma agricultura diversificada, aliada a pecuária que ocupa maior parte das terras do município, além da presença da avicultura, evidenciando claramente os impactos de como se desenvolveu a ocupação e as posteriores formas de usos do solo.

Palavras – chave: Transformações sócio-econômicas e ambientais, Unidades de Paisagem, Uso do solo, Dinâmica atual.

DELGADO, Edelaine Nabarrete Franco. **Local Development and Environment: the historical transformation of the landscape of Novo Itacolomi county- from - PR 1975 to 2007**. 261 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia. Departamento de Geografia a Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2007.

ABSTRACT

This research have had as the main objective the landscape analysis from a spatial cutting, the city of Novo Itacolomi, trying to analyze historical, economical and environmental transformations occurred in that space as well as qualifies the human action interference on production of that studied area, which was a result on this present dynamics. This work was supported by bibliographic study, objecting the building of the necessary theory basis and historical ransom of regional occupation. Related to landscape concept, it assumed the systematic approach defended by G. Bertrand (1968); seeking a landscape “integrated analysis”. It was tried to develop field works from interviews with residents, area photographic registers and observation of the cartographic pile to interpret the occurred transformations. Although the study made by this research is restrict to the place, “city of Novo Itacolomi”, many characteristics present here are referring to all the north region of Paraná during the occupation period, accomplished above all by CMNP from the end of the 1940s to 2007. In the patterns imposed by the capitalism, the Landscape Units inserted automatically on this system that make up this study are identified with the historical-social-economical process lived by the north region of Paraná impregnated with positive and negative marks of the society responsible for its building. This being the case, it is characterized by a in development urban geographic and rural space of great agricultural production through a diversified agriculture allied to cattle raising that occupy the most part of lands in this city and the aviculture clearly showing up aggressive marks of how the occupation was developed and posterior ways of solo’s uses.

Key-words: Historical, economical and environmental transformations, Landscapes Units, Solo’s uses, Present dynamics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de fluxos de atividades no município de Novo Itacolomi.....	57
Figura 2 – Ocupação do Norte do Paraná baseado na marcha da ocupação cafeeira.....	71
Figura 3 – Norte do Paraná – divisão em microrregiões homogêneas, tal como adotado pela CMNP.....	72
Figura 4 – Propaganda CMNP.....	75
Figura 5 – Propaganda CNMP.....	76
Figura 6 – Visão gráfica em perspectiva panorâmica do sistema de repartição de terras executado pela CMNP.....	79
Figura 7 – Planos urbanísticos projetados pela CMNP.....	82
Figura 8 – A área delimitada diz respeito às terras colonizadas pela CMNP.....	83
Figura 9 – Primeira estrutura fundiária da antiga Itacolomi.....	89
Figura 10 – Divisão territorial Cambira – Distrito de Itacolomi.....	91
Figura 11 – Vila Itacolomy.....	96
Figura 12 – Situação geográfica do município de Novo Itacolomi.....	116
Figura 13 – Mapa Urbano atual da cidade de Novo Itacolomi.....	120
Figura 14 – Mapa de drenagem do município de Novo Itacolomi.....	136
Figura 15 – Mapa hipsométrico do município de Novo Itacolomi.....	141
Figura 16 – Mapa de declividade do município de Novo Itacolomi.....	144
Figura 17 – Perfis topográficos do relevo do município de Novo Itacolomi.....	146
Figura 18 – O uso do solo no município de Novo Itacolomi e 1.975.....	152
Figura 19 – O uso do solo no município de Novo Itacolomi em 1.992.....	164
Figura 20 – O uso do solo no município de Novo Itacolomi em 2.007.....	170
Figura 21 – Localização dos aviários no município de Novo Itacolomi.....	184
Figura 22 – Reportagem sobre a avicultura no Paraná.....	186
Figura 23 – Reportagem sobre medidas contra a gripe aviária.....	191

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Origem da água usada na avicultura no município de Novo Itacolomi.....	194
Gráfico 2 – Origem da lenha usada na avicultura no município de Novo Itacolomi.....	204
Gráfico 3 – Percentual de eucalipto entre as propriedades granjeiras de Novo Itacolomi.....	205

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Geossistema em resistasia e biostasia.....	46
Quadro 2 – Organização e funcionamento, segundo Bertrand (1968).....	49
Quadro 3 – Esquema de evolução da paisagem no município de Novo Itacolomi....	54
Quadro 4 – Genealogia dos municípios vizinhos de Apucarana após 1.947.....	86

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – As primeiras “jardineiras”.....	77
Foto 2 – Reuniões nos bairros para formar a comissão pró – emancipação.....	93
Foto 3 – Reunião para discussão das divisas territoriais do município de Novo Itacolomi.....	93
Foto 4 – Fotografia datada de 1.947.....	95
Foto 5 – A pioneira Nair Pereira Franco.....	98
Foto 6 – Filhas de pioneiros em meio à roça nos primeiros anos de cultivo da terra.....	99
Foto 7 – Família do senhor Domingos Carlos em meio ao terreirão de café.....	100
Foto 8 – Primeiro meio de transporte da antiga Itacolomi.....	102
Foto 9 – Primeiras residências rurais do povoado de Novo Itacolomi.....	103
Foto 10 – Antigo comércio do patrimônio de Itacolomi, 1.958.....	104
Foto 11 – Crianças vestidas de anjo em procissão religiosa na avenida principal do patrimônio de Itacolomi.....	105
Foto 12 – Primeiro cruzeiro erguido no patrimônio de Itacolomi.....	105
Foto 13 – Primeira capela construída no povoado de Itacolomi.....	106
Foto 14 – Igreja de Nossa Senhora da Glória de Novo Itacolomi em 2007.....	106
Foto 15 – Carro de boi utilizado nos primeiros tempos de colonização.....	107
Foto 16 – Terreirão de café.....	108
Foto 17 – Vista do Parque Industrial de Novo Itacolomi.....	112
Foto 18 – Vista aérea da cidade de Novo Itacolomi.....	119
Foto 19 – Imagem de satélite da cidade de Novo Itacolomi.....	122
Foto 20 – Ponte sobre o rio Itacolomi; pastagens até à margem.....	138
Foto 21 – Curral construído na década de 1990. Hoje apenas usado para retiro de um pequeno rebanho.....	154
Foto 22 – Casa abandonada, fruto de êxodo rural.....	154
Foto 23 – Residência do pioneiro Adelino de Melo Franco.....	157

Foto 24 – Instalações Cafeeiras da década de 1970.....	158
Foto 25 – Interior de um moinho de milho que ainda se encontra em pleno funcionamento.....	159
Foto 26 – Ruas de terra da antiga Itacolomi em início dos anos 70, desfile 7 de setembro com alunos do Colégio Estadual Tomé de Souza.....	160
Foto 27 – O senhor Anadir em sua propriedade agrícola no momento da entrevista.....	162
Foto 28 – Fazenda Mercedes – ao fundo da imagem a encosta desmatada. Antes área ocupada pelas matas.....	165
Foto 29 – Vista Panorâmica da Rodovia do milho, principal via de acesso a Novo Itacolomi, marco fundamental para o início do desenvolvimento do município.....	167
Foto 30 – O girassol no cenário da diversificação agrícola.....	168
Foto 31 – A pecuária no relevo acidentado do município.....	171
Foto 32 – Fazenda de criação de gado extensivo. A modernização nas instalações.....	172
Foto 33 – Encontro das águas dos rios Itacolomi e Marumbi.....	173
Foto 34 – Ginásio de esportes Sebastião de Oliveira, construído em 1999.....	174
Foto 35 – Centro cultural, construído em 2004.....	174
Foto 36 – Rede fluvial com esgoto doméstico lançados a céu aberto em propriedade agrícola, próximo a nascentes.....	175
Foto 37 – Câmara de maturação das bananas.....	177
Foto 38 – Plantio de bananas, onde se plantava café.....	177
Foto 39 – Lavoura cafeeira, lugar de altitude favorável ao cultivo.....	178
Foto 40 – Cultivos de milho safrinha e trigo até as margens do rio Itacolomi na divisa com Marumbi.....	179
Foto 41 – A presença do mandacaru, vegetação espinhenta em meio à exposição das rochas.....	180
Foto 42 – Reabastecimento de água para aviário.....	195
Foto 43 – Poço comunitário do bairro dos 300 Alqueires.....	198
Foto 44 – Interior de um aviário com destaque para o forno à base de lenha.....	202
Foto 45 – Flagrante de madeiras cortadas na propriedade para abastecer os fornos da granja.....	203

Foto 46 – Senhor Daniel de Oliveira explicando sobre o funcionamento do forno a diesel.....	209
Foto 47 – Reserva de eucalipto da década de 1970.....	213
Foto 48 – Evidência da arquitetura européia; residência com características suecas que fora construída na década de 1.950.....	213
Foto 49 – A exuberância do ipê roxo em uma fazenda de colonização mineira.....	214
Foto 50 – A abundância da água estampada na caixa de lavar café.....	214
Foto 51 – A antiga roda d'água. Marcas do passado onde a energia elétrica era luxo de poucos.....	215
Foto 52 – O registro da simplicidade do verdadeiro caboclo da roça.....	215
Foto 53 – Instalações cafeeiras e o café no terreirão.....	216
Foto 54 – Uma residência construída em 1.959 por um pioneiro vindo do estado de Minas Gerais.....	216
Foto 55 – A presença dos bambuzais num local de nascentes.....	217
Foto 56 – Registro fotográfico do senhor José Conrado dos Santos e sua esposa Lourdes Peralta dos Santos.....	217
Foto 57 – Em meio ao pasto, o paredão de rochas basálticas como atração turística.....	218
Foto 58 – O senhor Edgar de Souza em meio a sua plantação de maracujá: uma das culturas alternativas do município.....	218
Foto 59 – O abandono da casa rural.....	219
Foto 60 – A exuberância do pé de cedro, madeira de lei nascida no sopé do morro.....	219
Foto 61 – Ontem, uma escola, hoje, nada mais que um paiol de milho.....	220
Foto 62 – O pecuarista juntamente com os peões no momento da pesagem do gado para venda.....	220
Foto 63 – Além da beleza das águas turvas, o detalhe dos marrecos num descontraído passeio pela represa.....	221
Foto 64 – A exposição dos mandacarus em meio aos matacões.....	221
Foto 65 – O plantio de eucalipto como alternativa de renda e fornecimento de lenha para os fornos dos aviários.....	222
Foto 66 – O canavial em área antes ocupada por cafezais.....	222

Foto 67 – Plantas da família das cactáceas, o mandacaru, numa visão circular ao tronco da árvore.....	223
Foto 68 – Uma das cachoeiras do rio Itacolomi formadas pela exposição das rochas basálticas.....	223
Foto 69 – Uma mostra da intervenção antrópica: pastagens onde deveriam existir matas.....	224
Foto 70 – Caminho do gado e uma árvore solitária. A meia vertente desmatada.....	224
Foto 71 – No encontro de dois morros, a existência de uma caverna formada de rochas basálticas.....	225
Foto 72 – O caminhão pipa – prova concreta da falta de água nos períodos de estiagem.....	225
Foto 73 – A erosão em meio às pastagens; fruto da inexistência de curvas de nível aliada ao pisoteio do gado.....	226
Foto 74 – A solidão da árvore esconde à sua direita a nascente que abastece a sede da fazenda São Miguel.....	226
Foto 75 – A prova da violenta intervenção humana. As pastagens até a beira do rio Itacolomi.....	227
Foto 76 – A vegetação nativa esconde a cachoeira nas rochas basálticas.....	227
Foto 77 – A cerca demarca as diferentes atividades econômicas do espaço rural do município de Novo Itacolomi. O flagrante da criança junto ao pai no lixão.....	228
Foto 78 – No detalhe da foto “eu” em meio às águas rasas do rio Itacolomi.....	228
Foto 79 – A mão do Cristo abençoa a cidade de Novo Itacolomi.....	229
Foto 80 – Uma mostra do lixão a céu aberto da cidade de Novo Itacolomi. Ele se encontra a menos de 100 metros da cidade.....	229
Foto 81 – O flagrante da criança junto ao pai no lixão.....	230
Foto 82 – Visão panorâmica proporcionada do alto do morro do Cristo.....	230
Foto 83 – A paisagem representada em uma espécie de mosaico.....	231
Foto 84 – A dimensão da erosão em meio ao pasto.....	231
Foto 85 – No centro da imagem, o local de uma nascente que quase desapareceu.....	232

LISTA DE TABELAS

Tabela1 Evolução Populacional do município de Novo Itacolomi.....	110
Tabela 2 Estimativa Populacional de Novo Itacolomi.....	112
Tabela 3 Dados pluviométricos do município de Novo Itacolomi.....	132
Tabela 4 Raio-X da avicultura no município de Novo Itacolomi.....	193
Tabela 5 Total de poços profundos no município de Novo Itacolomi.....	200

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGRET/PR	Arquivo Gráfico de Estruturas Territoriais do Paraná
ANA	Agência Nacional das Águas
Cfa	Clima Pluvial temperado, seco no inverno, quente no verão
Cfb	Clima temperado, sempre úmido, fresco no verão
CMNP	Companhia Melhoramento Norte do Paraná
Cwa	Clima Pluvial Temperado
COLARI	Cooperativa de Laticínios de Mandaguari
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
EMATER	Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
IAP	Instituto Ambiental do Paraná
IAPAR	Instituto Agrônômico do Paraná
IPARDES	Instituto Paranaense de Pesquisas e Desenvolvimento Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SANEPAR	Companhia de Saneamento do Paraná
SEMA	Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Paraná
SPRING	Sistema de Processamento de Informações Geo-referenciadas
SUDERSHA	Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos
UEM	Universidade Estadual de Maringá

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
2	PAISAGEM E GEOGRAFIA : UMA ABORDAGEM TEÓRICA.....	28
2.1	CONCEITUAÇÃO DE PAISAGEM.....	28
2.2	A PAISAGEM NO CONTEXTO DA ECO – HISTÓRIA.....	37
2.3	O GEOSISTEMA: MODELO TEÓRICO DA PAISAGEM.....	40
2.3.1	O modelo GTP – Geossistema, Território e Paisagem.....	48
2.4	HISTÓRIA TERRITORIAL E PAISAGÍSTICA: UMA SÍNTESE DO PROCESSO VIVIDO.....	52
3	AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NO TERRITÓRIO PARANAENSE: UMA ANÁLISE TÊMPORO – ESPACIAL.....	61
3.1	HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO SOCIOESPACIAL DO TERRITÓRIO PARANAENSE: UMA SÍNTESE.....	61
3.1.1	O Paraná tradicional.....	61
3.1.2	O Paraná moderno.....	66
3.2	A OCUPAÇÃO DO NORTE DO PARANÁ.....	68
3.3	NOVO ITACOLOMI – DO NASCIMENTO DE UM PEQUENO POVOADO À INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO.....	84
3.3.1	Aspectos da definição territorial e instalação do município.....	90
3.3.2	A história de uma terra e de um povo.....	94
4	ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI.....	114
4.1	OCUPAÇÃO DO SITIO URBANO E LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI.....	114

4.2	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI.....	124
4.3	AS UNIDADES BÁSICAS DE PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI E SUA DINÂMICA ATUAL.....	146
4.3.1	Unidades de paisagem do município de Novo Itacolomi.....	149
4.3.1.1	Unidade de uso extensivo – área de pastagens (1975).....	151
4.3.1.2	Unidade urbana / Peri – urbana – área de culturas perenes (1975).....	155
4.3.1.3	Unidade de Uso Intensivo – Culturas Anuais (1975).....	165
4.3.2	O uso do solo do município de Novo Itacolomi (1992).....	162
4.3.2.1	Unidade de uso Extensivo – área de pastagens (1992).....	163
4.3.2.2	Unidade Urbana / Peri – Urbana (1992).....	166
4.3.2.3	Unidade de uso intensivo - cultivos anuais (1.992).....	168
4.3.3	O uso do solo no município de Novo Itacolomi em 2007.....	169
4.3.3.1	Unidade do uso extensivo – área de pastagens 2007.....	169
4.3.3.2	Unidade urbana / Peri – Urbana – áreas de cultivos perenes (2007).....	173
4.3.3.3	Unidade de cultivos anuais (2007).....	178
5	IMPACTOS SÓCIO AMBIENTAIS OCACIONADOS PELA AVICULTURA NO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI.....	182
5.1	UM HISTÓRICO DA AVICULTURA NO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI.....	182
5.2	ÁGUA E LENHA - ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA O DESEMPENHO DA ATIVIDADE GRANJEIRA.....	192

5.2.1	Lenha: recurso natural de base para a atividade granjeira.....	202
6.0	O MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI: APREENÇÃO GEO – FOTO – GRÁFICA.....	210
6.1	A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO – GEOGRÁFICO.....	210
6.1.1	O município de Novo Itacolomi numa perspectiva geo – foto – gráfica.....	212
6.1.2	As evidências paisagísticas anterior a 1975.....	213
6.1.3	As evidências paisagísticas entre 1975 – 1992.....	218
6.1.4	A paisagem na atualidade.....	222
7.0	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	233
8.0	REFERÊNCIAS.....	240

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o município de Novo Itacolomi e aborda questões relacionadas às transformações históricas da paisagem (socioeconômicas) ocorridas nesta área e pontua a interferência da ação antrópica na produção e transformação desse espaço geográfico, a qual resultou na caracterização da dinâmica atual dessa paisagem.

O interesse por realizar esse estudo faz parte de um sonho pessoal que começou a ser realizado quando ainda na condição de aluna não regular do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, cursando a disciplina de “Produção do Espaço e Questão Ambiental no Brasil”. Durante as aulas comecei a direcionar meus pensamentos, ordenar melhor meu projeto e motivar-me o suficiente para lutar em pô-lo em prática. Nesse período, fui assistindo qualificações e defesas direcionadas nessa linha de pesquisa e percebi que foram de grande valia para definir meu objetivo.

O interesse em pesquisar a área do município de Novo Itacolomi, deve-se em primeira instância por ser este o lugar onde nasci, passei minha infância, realizei meus estudos básicos, pude tornar-me profissional e exercer minha profissão. Soma-se a isso, o fato de esta terra ter recebido meu pai como pioneiro da 2ª leva de migrantes do estado de Minas Gerais, por volta de 1947.

Ainda como incentivo a essa pesquisa, ressalta-se o fato de que transformações econômicas ocorridas nesta área de pesquisa nos últimos quinze anos têm ocasionado preocupações ambientais merecedoras de um estudo mais aprofundado e, na condição de mestrande, cabe-me sentir orgulho e satisfação em

poder ser a primeira filha deste jovem e humilde município a desenvolver uma pesquisa em nível de mestrado.

Vários são os fatos que dentro da área territorial desse município merecem investigação; nenhum povoado surge, nenhuma cidade cresce e prospera sem estar habitada. De algum lugar elas vieram, trabalharam, constituíram família e partiram, mesmo que para outra dimensão. Investigar a origem dos primeiros que aqui chegaram dentro de uma visão da Eco-história (PASSOS, 2006) é uma das tarefas desta pesquisa, uma vez que não é possível agir sobre a paisagem sem fazer história, pois a vida do ser humano é uma história e constituída a todo momento. Essa será uma das metas dessa pesquisa. Investigar o início, para entender o presente.

Todo espaço territorial é composto por paisagens; seja ele rural ou urbano, ela se encontra presente em todos os lugares e exhibe nitidamente o nível de intervenção da ação antrópica. Outro objetivo desta pesquisa é analisar e avaliar o nível de intervenção antrópica neste município através da ocupação e uso do solo.

E para desenvolver essa análise, esta pesquisa assume a abordagem sistêmica defendida por Bertrand (1968), sustentada no tripé: potencial ecológico + exploração biológica + ação antrópica, por entender que o espaço que constitui um município é dominado por paisagens e que essas, são formadas por geossistemas em razão de haver uma certa interação envolvendo a entrada e saída de matéria e energia, numa relação dialética entre os elementos envolvidos no que Bertrand denomina de combinação dinâmica entre a natureza e a sociedade.

Uma das intervenções antrópicas nesse espaço de pesquisa, o município de Novo Itacolomi, tem se manifestado através da avicultura. Para o desenvolvimento de tal atividade é necessário abundância de água. Tal uso exorbitante tem

repercutido na vida da população rural deste município, uma vez que nas estiagens (inverno) dos últimos anos tem faltado água para avicultores e até mesmo para quem não exerce a avicultura, fato este que tem intrigado muita gente.

Diante desses fatos, é preciso considerar que o município oferece elementos para pensar a problemática da preservação ambiental, permitindo avaliar e lançar um olhar crítico acerca da questão.

Embora se possa afirmar que a produção do espaço geográfico de um município seja única, quer pelas características propriamente locais, quer pela ação de sua dinâmica ocupacional, também se pode dizer que muitas das características do espaço geográfico ali produzidas poderão servir como referencial ao aspecto geral ocorrido nos outros municípios, uma vez que a Geo-história do município de Novo Itacolomi se identifica com o processo ocorrido pela região norte de Paraná ao longo das últimas décadas.

É preciso ressaltar que na construção desse trabalho transitou-se por documentos e estudos bastante variados. Num primeiro momento procurou-se estabelecer um diálogo com as abordagens teóricas acerca da paisagem, cujo objetivo foi definir o conceito que conduziria as discussões aqui apresentadas. Além disso, a revisão bibliográfica relacionada à temática do processo vivido pela região permitiu, por um lado, o reconhecimento das diferentes reflexões e recortes que ora se apresentam e, fundamentalmente, estabelecer conexões entre essas investigações e a problemática de estudo.

A consulta a fontes permitiu o aprofundamento da análise e reflexão sobre o estilo do objeto em específico. Para tanto, o reconhecimento *in loco* se deu através de entrevistas (depoimentos) colhidas com moradores da área de estudo através do trabalho de campo. Foi percorrido todo o município; visitando as três Unidades de

Paisagem, ocasião em que se realizaram registros fotográficos para uma análise das condições atuais, os quais também auxiliaram no diagnóstico ambiental da área em estudo.

Para a análise têmporo-espacial da área do município optou-se pela produção e interpretação de material cartográfico, como os mapas clinográfico, hipsométrico, hidrográfico e de usos do solo em três momentos: 1975, 1992 e 2007. Esses mapas subsidiaram o estudo físico e a evolução dinâmica de ocupação e das formas de uso do solo, bem como à sua alteração paisagística entre 1975 e 2007.

Os dados e informações necessários à pesquisa foram adquiridos em diferentes locais como: Prefeitura Municipal de Novo Itacolomi – Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente, Secretaria de Tributação, na EMATER (Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural), SUDERSHA (Superintendência do Desenvolvimento de Recursos Hídricos), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), IAPAR (Instituto Ambiental do Paraná), entre outros.

O trabalho foi estruturado em seis partes, tendo como primeira, a parte introdutória de toda essa pesquisa, iniciou a segunda parte desenvolvendo um contexto de discussão teórica sobre a relação entre Geografia e paisagem presente nas análises contemporâneas, buscando identificar os conceitos que estruturam e serviram de norte a esta discussão.

Envolto a uma abordagem têmporo-espacial, estruturada pela bibliografia pesquisada, procurou-se descrever na terceira parte, a formação histórica do Paraná, desde o chamado Paraná Tradicional até o Paraná Moderno. Compreende-se que no contexto do Paraná Moderno, a ocupação da região do Norte do Estado do Paraná se deu por meio do projeto colonizador inglês desenvolvido pela CTNP

(Companhia de Terras Norte do Paraná), e mais tarde pela CMNP (Companhia Melhoramentos Norte do Paraná), sua sucessora, inserido nesse projeto, o município de Novo Itacolomi e sua história.

Na quarta parte, realiza-se um breve estudo do município de Novo Itacolomi; abordando sua situação geográfica, seus aspectos fisiográficos (declividade, hipsometria e perfis de relevo). Procura-se destacar como se deu o processo de ocupação e desenvolvimento, analisando e interpretando os mapas de uso do solo de 1975, 1991 e 2007, observando as transformações paisagísticas ocorridas ao longo do período.

Como intuito de aprofundar a análise a respeito da ação humana na área, diretamente manifestada no desenvolvimento da atividade da avicultura no município de Novo Itacolomi, numa visão crítica se estrutura a quinta parte. Analisar as condições socioeconômicas dos avicultores e os impactos ambientais decorridos foi à meta principal.

Como forma de registrar a dinâmica atual da paisagem, carregada pelas intervenções antrópicas ou não, é que a sexta parte foi estruturada. A partir de registros fotográficos coletados na pesquisa de campo realizou-se um trabalho fotointerpretativo buscando demonstrar as condições atuais da paisagem no município, expondo as condições econômicas e principalmente, as socioambientais da área em estudo.

Após concluída essa pesquisa, nas considerações finais, pretende-se expor os resultados obtidos a respeito dos dados e discussões elaboradas. Pois, uma vez realizado o diagnóstico dos problemas, caberá prognosticar e dentro do possível, alertar, instigar novos debates a fim de obter no futuro menos impactos ambientais e um possível desenvolvimento sustentável.

Almeja-se que o estudo apresentado em relação ao município de Novo Itacolomi e de suas áreas expostas a degradação ambiental, possa somar-se a outras pesquisas e informações, todas necessárias para futuras investigações e discussões sobre impactos ambientais ocasionados pela ação humana neste município.

2. PAISAGEM E GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

2.1. Conceituação de Paisagem

A palavra paisagem deriva etimologicamente do latim *pagus*, que significa país, com um sentido de setor territorial e de lugar. A partir dela, derivam semelhanças nas diversas línguas como: *paysage* (em francês), *paesaggio* (em italiano) etc. O mesmo ocorre com as línguas germânicas, ao fazerem um paralelo com a palavra originária *land*, *landschaft* (alemão) *landscape* (inglês), *landschap* (holandês) etc. (Passos, 2006).

Já a segunda acepção da palavra paisagem, surge na linguagem dos cultivadores das artes pictóricas ao final do século XV, trazendo uma visão diferente no conceito; “a paisagem da pintura não é uma descrição, uma contabilidade analítica, não resulta da representação positiva de uma combinação de objetos rigorosamente materiais”... (Passos, 2006, p. 38). “Uma paisagem carregada de subjetividade, porém, sobretudo exprimida de diferentes maneiras no tempo e nas áreas culturais”.

Já na arte dos jardins, a paisagem foi o mais universal meio de expressão da visão da organização paisagista do meio ambiente humano.

Segundo (Passos, 2006, p. 39) “A história da paisagem na arte dos jardins desenvolveu-se a partir de três grandes vias de dispersão: o Mundo Mediterrâneo, o Oriente - Próximo Árido e a China”.

Populações que viviam em regiões áridas, ao migrarem dessas, entre os séculos VIII e XV - como os jardins da Índia, do Maghreb, até os jardins mourescos da Espanha - desenvolveram a fórmula de uma paisagem que valorizava os elementos básicos, benéficos de um ambiente freqüentemente hostil relacionado à

aridez no qual viviam. Já no Japão, a arte dos jardins tem uma finalidade tripla: contato com a natureza, paz e conforto espiritual. A paisagem, ao longo dos tempos, está intimamente ligada ao ser humano, espantando e servindo de inspiração, desde os tempos mais remotos, uma vez que é fruto das interações do homem com a natureza e, este mesmo homem que ao mesmo tempo devasta, planta, polui e limpa, é agente e paciente de sua própria realidade paisagística...

Na literatura, a paisagem antes do século XVIII, aparece com o intuito único de evocação, ela decora mesmo que artificialmente, simbolicamente a poesia e o teatro no Ocidente e no Oriente num clima de alegorismo e até de misticismo. “Ela fez parte dos romances exóticos, representando uma natureza não só pitoresca, mas também precisa, representada por nomes de espécies vegetais e animais emprestadas dos naturalistas” (Passos, 2006 p. 39). Segundo esse mesmo autor, contudo, a verdadeira abertura no tema paisagem se deu antes do final do século XIX com a poesia parnasiana.

Dentro da Geografia, a paisagem toma forma a partir do século XX, como “formas” que caracterizam um setor determinado da superfície terrestre, uma vez que, antes dessa época, ela ficara à mercê de usos elitistas na pintura, na literatura e mesmo, nas artes dos jardins. Com exceção dos jardins japoneses, ela não se popularizou permanecendo por muito tempo como negócio sem continuidade, restringindo o acesso a poucos.

A partir da concepção que a considera como: “conjunto de formas”, pode-se analisar a igualdade e desigualdade, bem como a magnitude dos elementos que a compõem, podendo-se obter uma classificação das paisagens em: agrárias, vegetais, morfológicas etc. Vale lembrar que o conceito de paisagem assim

discriminado foi introduzido na Geografia por A. Hommeyerem mediante a forma alemã "*Landschaft*".

A concepção de paisagem vai se aprimorando com o passar dos anos e, graças a sua própria análise, surgem problemas de conceitos, "o que leva cientistas e naturalistas cada vez mais a uma profunda análise e reflexão acerca da estrutura e organização da superfície terrestre em seu conjunto". (Passos, 2006, p. 41).

Dentro desse contexto, foi somente a partir da segunda metade do século XIX e na primeira do século XX, que se estabelece cientificamente a concepção de paisagem, uma vez que foi nesse período que se estrutura a maioria de suas bases teóricas. Foi na Alemanha, porém, que surgem as primeiras idéias relacionadas à cientificidade da paisagem, enquanto ciência, e este início tiveram em Alexandre Von Humboldt a figura máxima, já no século XIX.

Já ao final desse mesmo século, na Alemanha, posições polêmicas tomam conta do conceito de paisagem e, neste contexto, encaminha-se, preparatoriamente, numa Alemanha caracterizada por um forte sentimento naturalista, pelas contribuições, não só de Humboldt, mas também de Ritter e de Ratzel, abordagens estas sobre o conhecimento da natureza. Isso, mais tarde, resultou na *Landschaftskunde*, ou "uma ciência das paisagens consideradas mais segundo uma óptica territorial, como expressões espaciais das estruturas realizadas na natureza pelo jogo de leis cientificamente analisáveis". (Passos, 2006, p. 41).

Ainda nesse contexto histórico, as diferentes ciências passam a discutir a análise das relações entre os elementos, e ninguém melhor para ilustrar esse momento que a pessoa de S. Passarge em seu livro *Geomorfologia* (1931).

Outro autor alemão, de igual importância para o desenvolvimento da ciência da paisagem, é Karl Troll, incorporando ao conceito de paisagem abordagens

praticamente contemporâneas de Ecologia. Tratou de temas que mais tarde foram reformulados e aprimorados resultando o futuro conceito de “geossistemas”. Ao definir a Ecologia da paisagem, posteriormente a denomina “Geoecologia”. E, nesta visão, cria termos e os definiu como: a paisagem natural, *Naturlandschaft*, e a paisagem cultural, *Kulturlandschaft*, sendo esta última, o conceito principal, uma vez que inclui a paisagem natural e humana.

O conceito de sistema, no entanto, só foi plenamente incorporado aos estudos da paisagem, considerada como um sistema aberto, a partir das abordagens da Ciência Ecológica e, mais precisamente, com E. Neef e G. Haase. Para ambos, a atividade espiritual do homem deve também ser interpretada como parte da paisagem, uma vez que o homem não se vincula ao meio e aos demais homens somente pela troca de energia e matéria, mas também, através da troca de informação e de idéias.

O desenvolvimento da Ciência da Paisagem na ex URSS teve início no final do século XIX com o nome de Geografia Física Complexa. Originou da influência da Escola Germânica e das contribuições da Edafologia científica de V. V. Dokoutchaev (1848 – 1903).

Ao final do século XIX, ocorre na Rússia o problema da valorização dos vastos territórios da Ucrânia e Sibéria ocupados pelas estepes em solos considerados como nobres: “os chernoziens”. Isso impulsionou, por volta dos anos oitenta e noventa desse mesmo século XIX, missões científicas, algumas dirigidas por Dokoutchaev, o qual elaborou, nesse contexto, os fundamentos da pedologia científica e a noção de Complexo Natural Territorial. Esse momento fez com que na URSS, se considerasse essa formulação como o ato de nascimento da Ciência da

Paisagem e Dokoutchaev é tido como o fundador da nova escola geográfica soviética.

De 1914 até 1965, ocorreu um importante desenvolvimento da geografia da *Landschaft*. Em um primeiro momento, autores soviéticos como: D. L. Armand, A. A. Grigoriev, A. G. Isachenko, S. V. Kalesnik, V. S. Preobrazhenskii, A. M. Riabchikov, V. B. Sochava, N. K. Soltntsev e I. P. Gerasimov, definem o complexo físico ou complexo natural, o que (Passos, 2006) evidencia ao afirmar que:

O período dos anos cinqüenta e sessenta é geralmente considerado como aquele de afirmação doutrinal da *Landschaftovedenie*, sobretudo até 1965. O final dessa década ficou caracterizado por dois acontecimentos maiores, que ajudaram a Ciência da Paisagem a passar de sua tradicional sensibilidade à consideração dos complexos naturais e às concepções sistêmicas das ciências contemporâneas, ambos nascidos na Escola Siberiana de Geografia (PASSOS, 2006, p.44).

Ainda com relação à paisagem, é evidente ressaltar o estreitamento do estudo e desenvolvimento da paisagem na história da Geografia francesa, o que emergiu de uma necessidade de renovação dessa pesquisa na interface da sociedade e da natureza como: análise integrada dos meios naturais, pesquisas sobre o meio ambiente, estudos de impacto, entre outros. A escola geográfica francesa – vidaliana usou abusivamente da descrição para estudar paisagens no intuito da delimitação e caracterização da região geográfica.

Nessa mesma década, por volta de 1963, o fundador do Instituto Geográfico da Sibéria e do Extremo Oriente V. B. Sochava, lança o termo e a noção de geossistema que foi sem dúvida de um vigoroso sucesso tanto na URSS como no estrangeiro, uma vez que conceitua o termo diferentemente daquilo que vinha sendo discutido e estudado. De forma ousada, integrada e associada ele propõem uma nova fórmula de se estudar a paisagem, diferente daquela que até então vinha

sendo proposta e estudada por estudiosos da época. (Passos, 2006) expõe as idéias de Sochava melhor exemplificando o entendimento a respeito do geossistema:

Os geossistemas são sistemas naturais, de nível local, regional ou global, nos quais o substrato mineral, o solo, as comunidades de seres vivos, a água e as massas de ar, particulares às diversas subdivisões da superfície terrestre, são interconectados por fluxos de matéria e de energia, em um só conjunto (PASSOS, 2006 p.66).

As escolas de Moscou, caracterizadas pela Morfologia da Paisagem, causadas em correntes de pensamentos, marcadas por abordagens de paisagens mais próximas das ciências consideradas como duras, (em relação às ciências naturais), como a Física ou Matemática, apresentam suas idéias sobre geossistemas e geotopologia associadas a essas primeiras disciplinas, uma vez que são influenciadas pelas mesmas e as seguem como padrão.

No contexto da escola soviética, e sobre geossistema, Beroutchachvilli e Bertrand (1978, p. 5) definem e, ao mesmo tempo, o diferenciam do ecossistema:

O geossistema se diferencia do ecossistema, apesar de que ambos tratem de uma aplicação da teoria geral dos sistemas e da modelização sistêmica da natureza: o geossistema é um conceito territorial, uma unidade espacial bem delimitada e analisada a uma dada escala: o geossistema é muito mais amplo que o ecossistema, ao qual cabe, deste modo, uma parte do sistema geográfico natural (BEROUTCHACHVILLI; BERTRAND, 1978, p. 5)

O geossistema, dessa forma concebido, representa uma abordagem do geocomplexo efetuado inspirado na teoria dos sistemas, uma vez que se assemelha à noção de ecossistema lançada por Tansley, porém muito mais avançado, ao considerar igualmente importante todos os elementos do sistema, sem ressaltar nem inferiorizar elementos.

Ainda nesse contexto, Beroutchachvilli e Bertrand (1978, p. 5) exprimem melhor a abrangência do geossistema em relação ao ecossistema:

O ecossistema representa uma abordagem biocêntrica e metabólica, sob a qual os elementos não vivos do meio não são subordinados à análise dos elementos vivos no decorrer do processo de fotossíntese e da cadeia trófica. No geossistema, não existe nenhuma abordagem preferencial e nem hierarquia a priori. O conjunto das estruturas e dos mecanismos é apreendido globalmente. A hierarquia natural dos elementos, tal como aparecem na análise quantitativa do espaço-tempo concreto, é que determina as prioridades da análise (BEROUTCHACHVILLI ; BERTRAND, 1978, p. 5)

Numa análise geossistêmica, à consideração das variações espaciais, de massas, de energias e de suas combinações, acrescentam-se as suas variações no tempo. Como estão estruturados os componentes da paisagem, como ela funciona, depende de certo estado de equilíbrio em que ela se encontra no momento em que for realizada a observação. A realidade da vida do Sistema, entretanto, é feita de sucessões muitas vezes cíclicas de estados. Ex.: modificações nas entradas e saídas de substâncias e de energias e mudanças na repartição das massas constitutivas.

Para Sochava (1977 apud Passos, 2006, p. 47), o geossistema inclui todos os elementos da paisagem como um modelo global, territorial e dinâmico, aplicável a qualquer paisagem concreta”. Ele propõe três grandes tipos de geossistemas em relação a três ordens de tamanho:

- o geossistema global ou terrestre;
- o geossistema regional de grande extensão (pequena escala);
- o geossistema topológico em nível reduzido (grande escala).

Outra questão abordada por Sochava (1977 apud Passos, 2006, p. 47), é a definição e, ao mesmo tempo, a diferença entre três termos tão confundidos no meio geográfico:

- Meio é onde vive o homem e se define em função dele.
- Natureza é aquilo que nada tem a ver com o homem.
- Paisagem engloba tudo.

É importante ressaltar a grande contribuição da geografia soviética à Ciência da Paisagem: “num primeiro momento, através das estruturas institucionais e, mais tarde, a contribuição de ordem epistemológica o que contribui para irradiar o interesse suscitado pelos trabalhos de Sochava, além da URSS e dos países do Leste” (Passos, 2006, p. 47).

Todas essas bases teóricas foram de uma importância salutar, pois suscitou novas correntes de pensamentos o que avançou no conhecimento no campo da paisagem, fazendo com que a teoria científica da paisagem tivesse sua origem na Alemanha através das contribuições teóricas anglo-saxônicas.

A primeira grande contribuição vem através C.H. Smut, com a teoria “holismo”, segundo a qual todas as entidades físicas e biológicas formam um único sistema interagente unificado e que qualquer sistema completo é maior do que a soma das partes componentes, o que se torna, a partir de então, fundamental para compreender o conceito de integração da paisagem.

A segunda grande contribuição anglo-saxônica provém também do conceito básico de ecossistema elaborado por Tansley, no qual se embasa a geocologia de Carl Troll e, posteriormente, a definição de geossistema de Sochava, finalizando com a elaboração do conceito preciso de Sistema Geral, sobre o qual se apóiam todos os outros sistemas definidos por L. V. Bertalanfy.

Segundo Passos (2003), o termo paisagem, ao transmitir a idéia de lugar, de território, se confunde muitas vezes com a de natureza. A natureza, todavia, não é a paisagem. São termos distintos, porém, muitas vezes confundidos. A natureza em

si remonta a própria formação do planeta, já à paisagem só existe aos olhos do homem, seu observador, na justa medida em que a percebe, a reconhece. Ela é construída e alterada pelo homem, através de seu trabalho, de acordo com sua capacidade técnica e de acordo com seu contexto cultural e social.

Já nas primeiras décadas do século XX, após a concepção de uma Geografia centrada sobre as relações entre sociedade e seu meio natural, a paisagem passa a ser vista como objeto central. Sauer (1925) interpreta a paisagem como resultado da ação cultural ao longo do tempo sobre a paisagem natural dentro de uma dimensão histórica. Já em 1928, Carl Troll, geógrafo físico-alemão, considera a geografia moderna determinada pela paisagem.

Com o desenvolvimento de uma Geografia perceptiva, a ciência da paisagem se expõe a duras críticas, uma vez que a interpretação que se faz das paisagens é feita na sua maioria plural e um tanto subjetiva. Brunet (1968) acredita não ser possível estabelecer um olhar objetivo sobre um objeto tão complexo como a paisagem. Para ele, a paisagem deve ser interpretada como uma percepção particular sobre um fragmento da realidade geográfica, resultante da história e da cultura dos povos que a construíram.

A partir da década de 1970, esta passa a ter uma dimensão interdisciplinar e global. Ao ser considerada no contexto das Ciências Humanas, adquire dimensões e significados novos.

O uso de novas tecnologias como generalização de fotografias aéreas, imagens de satélite, SIGS (Sistema de Informação Geográfica), e programas especiais de computadores, entre outros, tem servido para melhor elucidação e explicação da paisagem, o que tem servido até mesmo de mais valorização, porém, não contribui sozinho para uma definição mais precisa de seu conteúdo.

2.2. A Paisagem no Contexto da Eco-História

Para entender e viver melhor o presente, é preciso mergulhar no passado a fim de se obter dados, fatos, que esclareçam melhor situações vividas atualmente. Assim é na vida, e como a vida é um artifício da natureza e esta por si só contextualiza a paisagem, não se torna possível estudá-la sem se referir e voltar ao contexto histórico passado. A essa volta, na busca de explicações paisagísticas coerentes, pode-se atribuir o título de eco-história - um estudo que une Ecologia e História, conforme afirma Bertrand (1975). Deve-se rastrear o passado em busca de informações que auxiliem na obtenção de informações fundamentais para a compreensão dos dilemas do meio ambiente enfrentados hoje.

Nesse sentido, é valioso lembrar que a paisagem é produzida historicamente pelos homens, segundo a sua organização social, seu grau de cultura e seu aparato tecnológico (Passos, 2006). Importante destacar que essa paisagem também resulta, além de reflexos sociais e culturais, de condições naturais particulares, como destaca esse mesmo autor: sendo resultante, de um espaço em três dimensões: "natural," social e histórico.

A eco-história possui um complexo objeto de estudo e que segundo Passos (2006), parte de três pressupostos básicos entre natureza e sociedade:

- os ecossistemas são dinâmicos e devem-se considerar os distintos tempos históricos;
- nem todas as formas históricas de organização produtiva foram e são ecologicamente sustentáveis. Algumas permaneceram, enquanto outras fracassaram nos limites impostos pelos ecossistemas;
- Idéias e percepções orientam relações dos seres humanos com a natureza em cada momento de sua evolução. Estes têm construído marcos de referências -

ideológicos ou simbólicos - para organizar e dar continuidade a distintas atividades, determinando visões de mundo social e material.

A história ecológica não possui idade recente, seus primórdios surgem no início dos anos setenta, quando, nos âmbitos científicos internacionais, começou-se a perceber a gravidade da crise ambiental. Esse novo enfoque gestou-se a partir de dois núcleos principais: Estados Unidos com, Roderick Mash, a partir da obra pioneira *The States of Environmental History*, onde propôs estudar o meio ambiente como um tipo distinto de documento histórico no qual os americanos deixaram sinais de suas formas peculiares de organização e evolução social; na França, a escola francesa dos *Annales* e, especialmente, as obras Fernand Braudel, *El Mediterrâneo y el mundo mediterrâneo en tiempos de Felipe II* e Emmanuel Le Roy Ladurie, *Los campesinos Del Languedoc*, baseados na tradição da Geografia francesa, dedicaram ao meio ambiente uma grande capacidade explicativa em suas argumentações. Preocupados com as bases ambientais nas quais se assentavam as sociedades, consideraram o meio ambiente como um fator que, ao longo do tempo, contribui para modelar as formas de vida e as relações dos seres humanos. As duas escolas propunham também, analisar como os homens haviam modificado seu meio ambiente e com que resultados.

A História Ecológica não deve ser considerada como uma nova especialidade historiográfica, e sim, como uma abordagem alternativa para se compreender a História, cujo sentido e razão desapareciam se seu discurso fosse assumido pelos historiadores. O objetivo da História Ecológica passa a ser ecologizar a História, entender o passado dos seres humanos em seu meio ambiente.

É necessário ressaltar que no estudo de paisagens, diferentes caminhos são trilhados, dependendo da ideologia que segue o pesquisador. Assim sendo, erros freqüentes são cometidos, podendo servir como exemplo, as diferentes linhas ideológicas. Para os ecologistas, regra geral, a evolução histórica da paisagem é negligenciada, uma vez que são pouco familiarizados com fatos e documentos históricos; já os historiadores, com raras exceções, não interpretam documentos relativos ao meio natural, e pelos geomorfólogos, enfatizam mais o conhecimento dos meios quaternários em detrimento da dinâmica atual das paisagens, ignorando o período histórico. Por outro lado, defendem que não se deve esquecer que a paisagem é produzida historicamente pelos homens, a partir das exigências da organização social e das condições naturais particulares, fazendo nascer um contexto de “ação antrópica”.

Nos últimos anos, o ser humano tem intervindo com mais intensidade sobre o meio natural, sobretudo aqueles habitantes dos países mais ricos e industrializados que, pelas condições político-econômicas, os levam a tais atitudes, e que na maioria das vezes não têm sido as melhores. Neste sentido, tem tomado grandes proporções os chamado desastres ecológicos que, potencializados pelo poder da mídia, contribuíram para que o termo “ação antrópica” adquirisse um sentido pejorativo. Como exemplo, textos relacionados à Ecologia ou Geografia quando mencionam o termo “ação antrópica”, sempre evidenciam uma conotação negativa em relação ao meio ambiente.

Passos (2006) chama a atenção a esse respeito, ao afirmar que “a paisagem é produzida historicamente pelos homens, segundo a sua organização social, o seu grau de cultura e o seu aparato tecnológico”. Conforme evidenciado, espera-se que a capacidade crítica do geógrafo, de avaliação das atividades desenvolvidas no

espaço pelo coletivo social, (este como conhecedor do espaço que o é), não tenha reprimido, sua capacidade crítica de avaliação das atividades desenvolvidas pelo coletivo social, o que deixa claro ao evidenciar que:

O que pensamos a esse respeito é que, para julgar a intervenção do homem sobre o meio é necessário se conhecer bem todas as circunstâncias que promoveram essa intervenção, sobretudo com uma perspectiva temporal, isto é, “histórica” (PASSOS, 2006, p. 76).

É interessante ressaltar que, na tentativa de se estudar corretamente a paisagem, se tenta elaborar um método específico e se isso não é possível, pelo menos que se substituam princípios anteriormente usados e que deixaram marcas evidentes da sua não eficácia.

2.3. O Geossistema: Modelo Teórico da Paisagem

O conceito de sistema foi responsável por servir de referência e fazer surgir um novo tipo de pesquisa geográfica. Ao pôr fim na longa tradição de setorização da pesquisa em elementos isolados, propicia, através da interdisciplinaridade, do globalismo e do ambientalismo, uma análise dialética da natureza e da sociedade. Conceitos como sistema, estrutura e auto-organização relançaram a Ecologia em torno do renovado conceito de ecossistema e, a Geografia Física, em torno do renovado conceito de geossistema. Este, lentamente se tornou separado da análise paisagística e deu espaço ao surgimento de um método naturalista às margens das Ciências Sociais e das práticas de organização do espaço.

O geossistema corresponde a um determinado tipo de sistema (Passos, 1988, p. 67). Segundo este autor, tal conceito foi definido pelo geógrafo soviético Sochava, em 1963, e foi utilizado pelo geógrafo inglês Stoddart, em 1967, e, em alemão, pelo geógrafo Neef, em 1969. A partir dessas datas, passou a ser

conhecido como um termo científico em âmbito mundial, utilizado por todos os especialistas da Ciência da Paisagem.

Conforme Troppmair, apud (Troppmair 2004, p.12) os estudos geográficos são complexos e diversos, uma vez que:

[...] não há um geossistema, uma paisagem igual a outra, propus, que nós geógrafos falássemos em “Geodiversidade”, contrapondo-nos assim à biodiversidade dos biólogos. Entender essa “Geodiversidade”, ou seja, o funcionamento e as relações natureza-homem, e não necessariamente homem-natureza...é o objetivo fundamental do complexo estudo dos geossistemas e da Ecologia da Paisagem (TROPpMAIR, 2004, p.12).

Ao propor esse termo, Troppmair ressalta ainda que nós humanos, é que precisamos da natureza, e não ela de nós. Na realidade, porém, ocorre sempre o contrário, o homem com sua supremacia faz da natureza sua submissa, ao modificá-la constantemente a seu *bel* prazer, não respeitando suas individualidades e potencialidades.

Entender a paisagem de forma integrada e não isolada é uma necessidade que pode ser melhor explicitada nas afirmações de Bertrand apud Troppmair (2004, p12):

“Os geossistemas estão no trabalho de Piaget, praticamente... ele aplica: uma letra do alfabeto... não tem sentido: uma palavra... um sentido restrito; uma frase... já tem sentido social: então um parágrafo, um livro tem bastante sentido (sentido amplo e complexo). Começamos pelo livro e não pela letra”. (TROPpMAIR, 2004, p. 12).

Dentro desse contexto, vale ressaltar mais uma vez, a importância de se analisar integralmente a paisagem de forma integrada, entendendo sua constituição como resultante de vários fatores que não aconteceram de forma isolada, mas sim, integrada. É preciso também começarmos pelo livro e não nos contentarmos com as

palavras. Se quisermos fazer de fato uma boa leitura, principalmente quando esta for “uma leitura da paisagem”.

Sendo a paisagem a expressão do objeto de estudo da Geografia, sua pretensão é valorizar o fundamental, unificar a Geografia, tornando-a aplicável, projetando-a como uma Ciência prática. O conceito de paisagem sofreu transformações com o passar dos tempos, e os problemas maiores foram justamente àqueles relacionados à homogeneidade e heterogeneidade com relação à escala, complexidade e globalidade das formas da superfície da Terra. Isto desencadeou a necessidade de repensar a estrutura, bem como a organização da superfície terrestre como um todo.

O conceito atual de paisagem foi fortemente influenciado pela escola geográfica alemã na pessoa de Carl Troll. Este desenvolveu a Ciência da Paisagem, a Ecologia, e mais tarde, por volta de 1939, divulga o termo ecologia da paisagem e começa, mesmo que superficialmente, definindo termos relacionados à Ecologia. Induz ao conceito de geossistema.

Prosseguindo nestes moldes, ressalta-se a importante contribuição da escola soviética, desde Dokoutchaev, no final do século XIX, até Grigoriev - no entre guerras - terminando com Sochava, na década de 1960, e mais especificamente em 1963, conforme já mencionado anteriormente, quando cria o termo e a noção de Geossistema. Para este autor, os geossistemas funcionam como sistemas naturais locais, regionais e até mesmo global, onde os elementos naturais se interligam através de fluxos de matéria e energia, o que o torna como um modelo teórico aplicável a qualquer paisagem.

É importante destacar, ainda, a contribuição da escola anglo-saxônica, através do método quantitativo e, por fim, tem-se a colaboração da escola francesa

representada pelo extraordinário Bertrand, (1971), que a classifica em função da taxonomia e da dinâmica. Para ele, a paisagem não é composta por uma soma de elementos desordenados, mas sim, de uma combinação instável de elementos físicos, biológicos e antrópicos que reagem dialeticamente uns sobre os outros, fazendo com que a paisagem se torne um conjunto único e indissociável, em constante evolução.

Para Bertrand, G. e Beroutchachvilli, Nicolas (1978): O Geossistema, volume que se inscreve nas três dimensões do espaço, se define por uma massa, isto é, por uma certa quantidade de matéria, e por uma certa energia interna:

- componentes abióticos (litosfera, atmosfera, hidrosfera);
- componentes bióticos, ou biomassa (fitomassa e zoomassa), que constituem o bioma;
- componentes antrópicos;

Dentro desse contexto, a integração dos elementos se torna de origem conceitual e se impõe como prioridade na análise geossistêmica. Isso evidencia o caráter interativo e integrador que Bertrand denomina como combinação dinâmica entre elementos da natureza e sociedade, através de um processo dialético das transformações que se verificam na paisagem.

Passos (2001), ao conceituar paisagem, sugere que se devem considerar como fundamentais três elementos: as características de geossistema que definem os elementos, o tamanho referido a uma escala espacial e o período de tempo considerado na escala temporal.

A conceituação da paisagem como um objeto de pesquisa próprio e generalizado (in: PASSOS, 1998, p. 45 – 46), foi definida mais recentemente, graças a uma conjunção de dados científicos exteriores à Geografia:

- o desenvolvimento da teoria da reflexão epistemológica em todas as pesquisas ditas “de ponta”, muito particularmente em Biologia e em ligação estreita com os problemas de semântica e de classificação;

- a vulgarização dos métodos matemáticos e informáticos, que permite tratar rapidamente dados múltiplos e de aparência heteroclítica pelo viés das análises multivariadas;

- os progressos da Ecologia de Síntese, ou biocenótica, que autorizam o estudo global da Biosfera com ajuda de um pequeno número de conceitos integrados simples (ecossistema, biocenose, biótopo, cadeia trófica etc.);

- a contribuição das escolas geográficas que desenvolveram estudos integrados, práticos ou teóricos, qualitativos ou quantitativos (ex–URSS, Europa de Leste, Austrália, Canadá etc);

- sobre o plano técnico, a generalização de fotointerpretação e o avanço da teledetecção que fornecem documentos particularmente adaptados ao exame global das paisagens;

- enfim, não se entenderia o desenvolvimento da Ciência da Paisagem fora dos problemas do meio ambiente, da organização dos recursos naturais e da proteção da natureza que colocam, em termos novos e graves, a questão das relações entre os indivíduos, as sociedades e os meios ecológicos.

Ainda segundo Passos (2000), podem-se distinguir, provisoriamente, duas grandes correntes de pesquisa, cujos métodos e, sobretudo, finalidades são diferentes. A primeira define a paisagem como um espaço subjetivo, sentido e vivido. É a linha escolhida pelos psicólogos, arquitetos, sociólogos e até alguns geógrafos. Estes consideram a paisagem como sendo fruto mais da influência

humana, produzida culturalmente e socialmente, sem conexão com o natural e com a ecologia.

Já, a segunda corrente é aquela em que se considera a paisagem em si mesma e para ela mesma, em uma perspectiva totalmente ecológica, situando-se na confluência entre Geografia e Ecologia, combinando tentativas globais e setoriais, qualitativas e quantitativas apoiando-se sobre as cartografias integradas com diferentes escalas.

Como comenta Caseti (1991), ao se tratar questões ambientais, a Geografia proporciona a aproximação do homem com a natureza, onde se rompe a visão dicotômica e afirma-se a unidade dialética.

Diante desta realidade, Caseti (1991) confirma o que a escola francesa vem sugerindo com Bertrand (1968), que considera a questão taxonômica da paisagem (ciência das classificações) onde se utiliza a unidade geossistema.

Diante do contexto exposto, o geossistema refere-se a uma determinada porção do espaço que resulta da combinação de elementos biológicos, físicos e antrópicos. Em nível de relação, resulta da combinação entre o “potencial ecológico” – quando acontece a integração do relevo com o clima e a hidrografia, bem como a “exploração biológica” que é representada pelo solo, vegetação e fauna e a “ação antrópica”, onde se conclui que o equilíbrio entre o potencial ecológico e a exploração biológica sugere um equilíbrio climático e caracteriza um geossistema em biostasia, que é o “estado inicial do sistema.” (CASSETI, 1991, p. 49) utiliza o conceito de Erhart (1956), onde evidencia claramente que ao agir, o homem causa uma alteração sensível no equilíbrio climático e, por consequência, resultará em um geossistema em resistasia que significa “nova situação do equilíbrio dinâmico em características totalmente diferentes do estágio inicial”.

Passos (2006, p. 61), traz um quadro demonstrativo da taxonomia de Bertrand, onde resume em seis níveis a estruturação da paisagem, sendo agrupada em dois conjuntos.

CONJUNTOS DINAMICOS	GEOSSISTEMA
Geossistema em biostasia	Geossistema “climácio” , “plecioclimácio”. Geossistema “paraclimácio”. Geossistema degradado com dinâmica progressiva Geossistema degradado com dinâmica progressiva sem modificação importante do potencial ecológico
Geossistema em resistasia	Geossistema com geomorfogênese “natural”. Geossistema regressivo com geomorfogênese ligado a ação antrópica

Quadro 1 – Geossistema em resistasia e biostasia.

Fonte: Passos (2006, p. 61)

No contexto de uma análise paisagística, Bertrand (1972) propõe o esforço de se passar da monografia ao modelo, ou seja, uma reflexão metodológica que permita:

“aprender globalmente a paisagem na sua dimensão socioecológica, ou seja, compreender o termo ecológico em uma perspectiva histórica, que é aquela do estudo das relações entre as sociedades sucessivas e os espaços geográficos que elas transformam para produzir, habitar e sonhar” (BERTRAND, 1972, p. 9).

Sendo assim, Bertrand (1975), propõe quatro níveis de resolução para a abordagem da problemática histórico-ecológica, como segue:

1. o estudo dos meios naturais, tais como se apresentam atualmente, isto é, profundamente modificados pelas sociedades humanas. Esse estudo não coloca problemas particulares na medida em que se apóia sobre métodos geográficos e ecológicos habituais;

2. o estudo das frustrações naturais de certos elementos do meio natural tomado isoladamente, de que é exemplo o estudo da história do clima realizado por Laduriê;

3. o estudo das flutuações dos meios naturais decorrentes das intervenções humanas (roçada, equipamentos hidráulicos, erosão dos solos, reflorestamento etc). Esses aspectos são evocados pelos historiadores, os quais, entretanto, por não terem formação ecológica, não sabem tirar partido dos dados ecológicos propriamente ditos. Por outro lado, um ecologista dificilmente poderá utilizar o trabalho de um historiador, por falta de reunir a documentação ecológica, elaborá-la e acima de tudo criticá-la no plano histórico;

4. o estudo das relações dialéticas entre a evolução das sociedades rurais e a evolução dos meios, o qual aparece dentro de toda sua complexidade. Nesse nível, a principal dificuldade é ter que debater a todo momento, problemas que tratam domínios diferentes (ecológicos, agrônômicos, físicos, sociológicos) e que ficam sem resposta dentro de suas respectivas categorias.

Dentro desse contexto parcial de esboço teórico metodológico, foi possível dimensionar o quão complexo é a definição do conceito de paisagem. O tema evoca várias leituras, contradições e discussões, porém necessárias e importantes para a uma verdadeira produção científica.

Nesse sentido, ao discutir o quadro real da paisagem, a partir, das observações empíricas, adota-se o conceito de geossistema como modelo teórico da paisagem, acreditando ser este, propício para uma análise coerente, uma vez que analisa de forma integrada a paisagem, procurando entender os elementos interagidos e não desconexos em si mesmos. Acredita-se que por ser tão complexo, nenhuma teoria abrange todas as dimensões do objeto "paisagem", o que faz com que haja novas possibilidades, constantemente, de novos recortes e novas leituras. Conforme Faria (2007), a Ciência não se assenta no consenso, e sim na construção de argumentos.

2.3.1. O Modelo GTP – Geossistema, Território e Paisagem

O estudo da paisagem requer cuidado e precisão, uma vez que ela não surge do nada, mas sim da combinação de vários elementos: clima, rochas, Hidrografia, solo, Geomorfologia e semente, além da ação antrópica. Enfim, para que uma vegetação nasça, cresça e se desenvolva é necessário à combinação de todos esses elementos, sem os quais não seria possível seu desenvolvimento. Da mesma forma que é preciso uma harmonia para que tal vegetação se desenvolva, compondo o principal cenário de uma paisagem, é preciso também um estudo integrado e não fragmentado da mesma para que se possa chegar a um resultado satisfatório de pesquisa.

O fator antrópico é quase que sempre decisivo em uma paisagem, pois o homem, em busca de sua sobrevivência, a modifica a todo instante. A ânsia de adequá-la às suas necessidades e, sempre de acordo somente com seus interesses, esquecendo de que a “casa principal” deve ser preservada, sobretudo por uma questão de sobrevivência a esta, e principalmente, as futuras gerações.

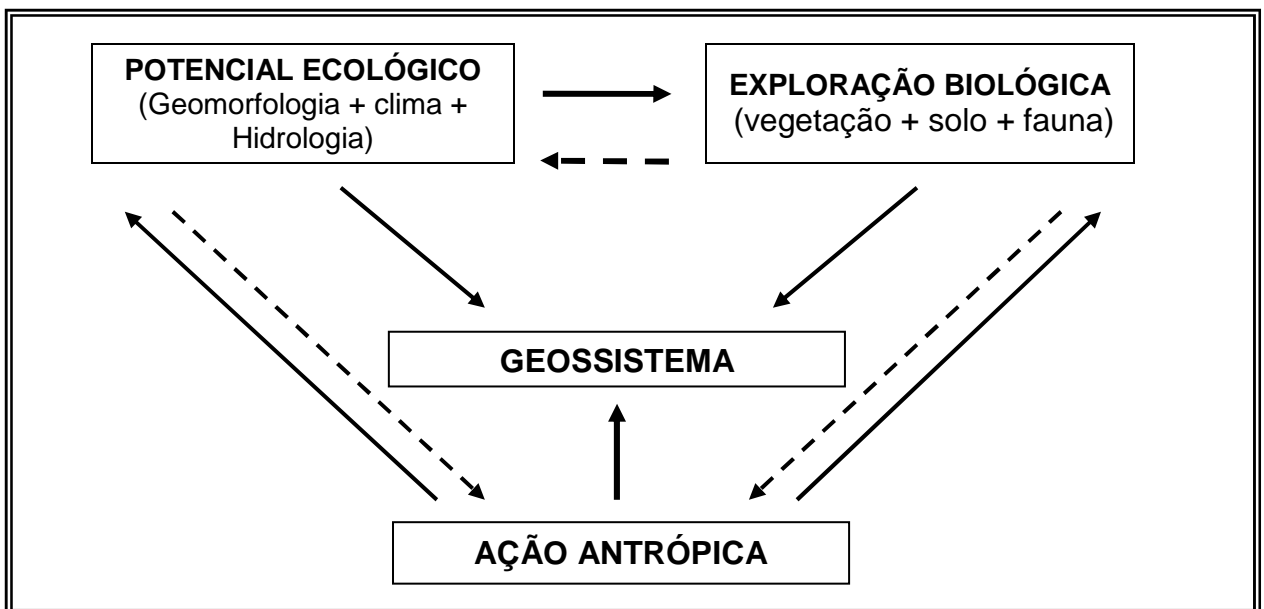
Nesse contexto, é imprescindível ressaltar aqui as idéias de Bertrand e Bertrand (2007) que estabelece o seguinte:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND e BERTRAND, 2007, P. 7.).

Esta integração de elementos é o que Bertrand denomina de combinação dinâmica (entre elementos naturais e sociais, e nesse processo dialético de transformações é que advém uma concepção sistêmica de paisagem, na qual se

destaca o geossistema como unidade básica espacial em que se situa entre o regional e o local).

A partir da definição de Geossistema, seguindo a linha de raciocínio fundamentada teoricamente em Bertrand (1968), é que se abordará o conceito para o estudo da paisagem local, cujo modelo se traduz na seguinte equação: potencial ecológico + exploração biológica + ação antrópica, que pode ser observada no esquema a seguir:



Quadro 2 – Organização e funcionamento do geossistema, segundo Bertrand (1968).
Fonte: Rigon (2005, p.31)

A partir desse esquema, e se entendendo a paisagem como algo construído historicamente através de uma entidade entre fatores naturais e humanos é que se evidencia o conceito adotado por Bertrand (1971), ao estudo de paisagem, onde é perfeitamente possível, através das relações ocorridas ao longo do tempo, analisar a produção econômica em geral, evidenciando o papel da avicultura na transformação do espaço geográfico que foi pesquisado (o município de Novo Itacolomi), com o

objetivo de delinear a dinâmica atual e entender as transformações inerentes a esse mesmo espaço.

A partir do ano de 1997, Bertrand, in Passos (2006, p. 63), propõe uma metodologia mais aprimorada de estudo de paisagem, realizada de uma maneira, conforme já dita anteriormente, “de forma integrada”, através de três “entradas” teleológicas:

1- A “entrada” naturalista, ou a fonte: o Geossistema.

2- A “entrada” socioeconômica, ou o recurso: o território.

3- A “entrada” sociocultural: a Paisagem.

Ainda relacionado ao modelo GTP, Bertrand, apud PASSOS, 2006, p. 63, evidencia de uma forma um tanto didática a metodologia baseada sobre o “modelo GTP” de espaços-temporais:

O geossistema representa o espaço-tempo da natureza antropizada. É a “fonte” (*source*) jamais captada, tal qual ela escorre da vertente, mas que pode ser já poluída.

O território, fundado sobre a apropriação e o “limitar/cercar”, representa o espaço-tempo das sociedades, aquele da organização política, administrativa e aquele da exploração econômica. É o “recurso” (*ressourse*) no tempo curto e instável do mercado.

A paisagem representa o espaço-tempo da cultura, da arte, da estética, do simbólico e do místico. Ela é o *ressourcement* de tempo longo, patrimonial e identitário.

Troppmair (2004, p.11), salienta a proposta de Bertrand, observando que ele colocou uma questão importante no estudo do geossistema que, sendo dinâmico,

faz necessário evidenciar o elemento “tempo”, onde o geossistema deve ocorrer numa dimensão temporal, que o torna um processo.

Em se tratando de transformações ocorridas na paisagem, é interessante e necessário ressaltar a intervenção humana na chamada “ação antrópica”, a qual se iniciou com a apropriação do espaço no processo de ocupação do solo e no conseqüente uso e exploração para fins econômicos, o qual desencadeou ações nem sempre benéficas e eficazes ao meio ambiente. Nessa dinâmica, a paisagem natural passa a ter características culturais, o que evidencia a “fragilidade sócio-cultural do ambiente pioneiro”, o que contribuiu sem dúvida para que acontecesse o processo de degradação ambiental evidenciada na área de pesquisa, assim como que na região como que um todo, de forma mais ou menos explícita.

Dentro do contexto de fragilidade sócio-cultural do ambiente pioneiro, e seguindo os moldes adotados pela CTNP - Companhia de Terras Norte do Paraná - o colono adquiria o pequeno lote e, motivado pelos lucros da atividade cafeeira, seguia fielmente as recomendações técnicas mais apropriadas para o parcelamento do lote (café na alta vertente, moradia e pastagens nos fundos de vale). Este modelo permaneceu por muito tempo, mudando, posteriormente, na maioria dos lotes, com a crise cafeeira e da economia de um modo geral.

Ressalta-se também, que anteriormente a primeira crise do café e no auge da economia cafeeira do norte paranaense, o interesse por essas terras aumentava cada vez mais, porém a CTNP, elaborou e colocou em prática um plano de vendas que facilitava a compra de terras também pelo pequeno agricultor, não restringindo assim, suas vendas somente ao grande proprietário. Esse sistema de colonização funcionou como que uma espécie de reforma agrária da terra, onde o agricultor através de um sistema de parcelamento podia efetuar o pagamento com o lucro

obtido nas colheitas do próprio lote de terras. Esse fato, entre outros, impulsionou ainda mais o desmatamento e a agressão ao meio ambiente, acelerando o espaço-tempo do geossistema antropizado, pois o agricultor necessitava plantar e produzir o máximo possível.

2.4. História Territorial e Paisagística: uma Síntese do Processo Vivido

Conforme relatado brevemente, a região norte do Paraná teve uma ocupação estimulada, de início, pelo avanço da cafeicultura e da ferrovia, nos primórdios do século XX. Conforme relata Rigon (2004, p. 33):

Até a década de 1930, a parte identificada como Norte Novo permaneceu praticamente intocada. No final dos anos de 1940, com a comercialização das terras por parte da CTNP/CMNP(Companhia de Terras Norte do Paraná/Companhia Melhoramentos Norte do Paraná), a região começou a ser desbravada. A mata virgem não resiste à violência do machado, a superfície desnuda deixa à mostra um solo vermelho–arroxeadado. (RIGON, 2004, p. 33).

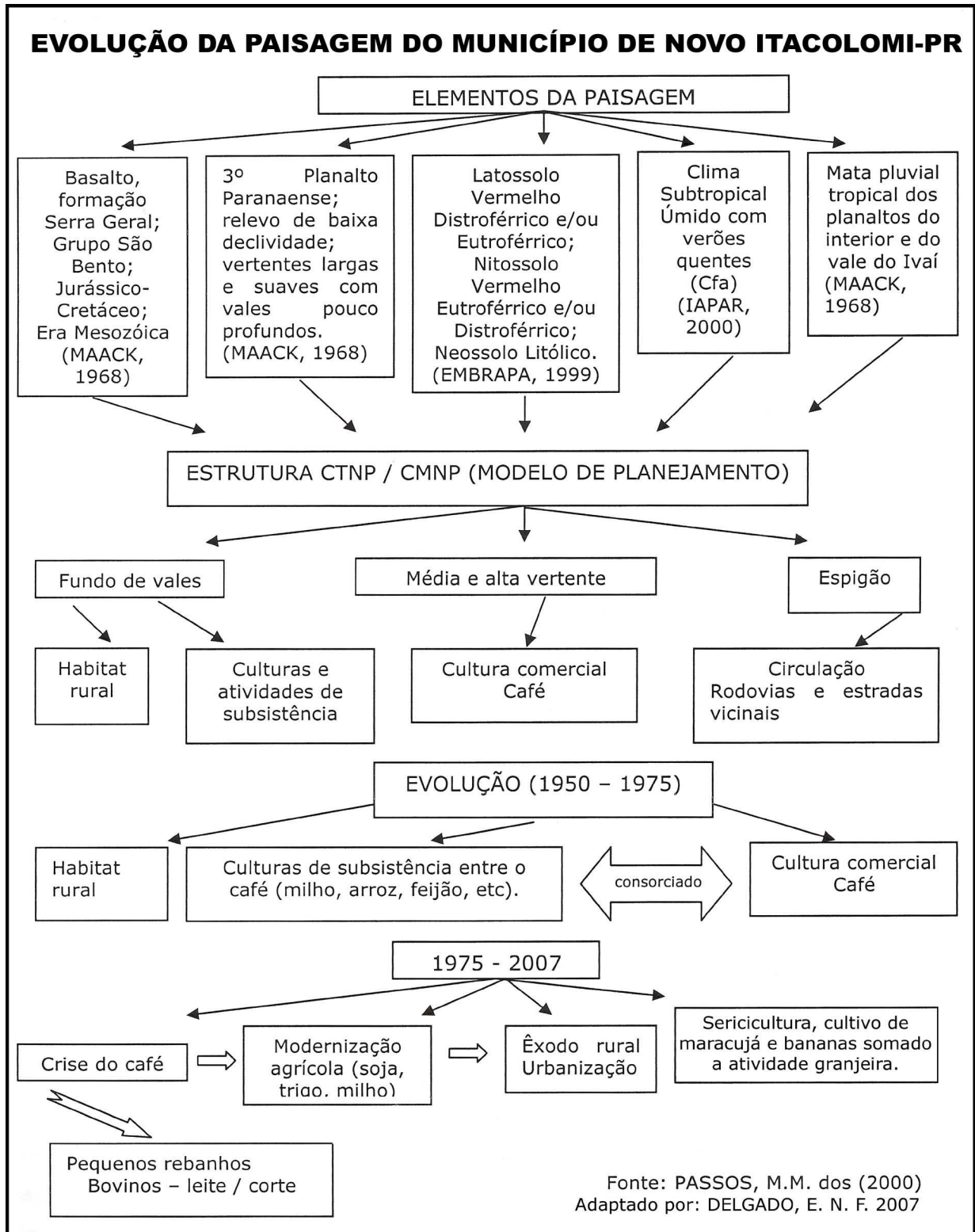
Esta “terra” vermelho–arroxeadada, a que o autor se refere, nada mais é do que a famosa terra-roxa que atraiu imigrantes, dos mais ricos aos mais pobres, dos internacionais aos nacionais, dos ingleses aos mineiros, que, neste caso, para cá vieram em busca de dias melhores, a fim de realizarem seus sonhos... Com a nudez da terra, veio à tona um solo vermelho–arroxeadado. Era a terra roxa originada da decomposição do basalto mesozóico em um clima tropical úmido. “Essas características reuniram as condições ideais para a ocorrência de um dos maiores e mais bem sucedidos projetos de colonização ocorridos no Estado do Paraná e no Brasil” (Rigon, 2004).

Para estudo da área em pesquisa, utilizaram-se as cartas topográficas de Mandaguari, Apucarana, Rio Bom e Borrazópolis, do (IBGE 1: 50.000), de registros fotográficos históricos do acervo do museu da Bacia do Paraná (UEM), de imagens

fotográficas obtidas em trabalho de campo e entrevistas com moradores da região. A decisão, em se utilizar desses procedimentos, foi tomada a partir de conclusões de que tal maneira faz desses procedimentos os mais eficazes para a explicitação dos processos evolutivos da paisagem do que o tratamento numérico. Acredita-se que, dessa forma, a abordagem adquire um aspecto qualitativo mais condizente à compreensão da construção paisagística.

A paisagem não se apresenta como algo estático e, sim, dinâmico. Ela é construída e modificada adquirindo um viés cultural. Esse viés retrata interesses econômicos, usos, costumes, tradições... de um povo, de uma época, dentro de um contexto econômico global que por sua vez, repercute no local. Foi dentro desse panorama que se construiu e consolidou a paisagem da área em estudo, uma vez que o desenvolvimento econômico daquela época encaminhava-se para o auge do café, o que, logo após, seguindo contextos econômicos diversos, foi mudando para atender tais exigências, passando por culturas locais diferentes com a soja, o milho, o algodão, maracujá, bicho da seda, plantio de bananas, até chegar ao momento atual com a intensificação da atividade avicultora, representada pelos aviários espalhados pelos mais diversos pontos do município.

Com o objetivo de exemplificar e esclarecer melhor a evolução paisagística local é que foram elaborados os dois quadros esquemáticos:



Quadro 3 - Esquema da evolução da paisagem no município de Novo Itacolomi.
Fonte: Passos, M.M. dos. Com base em esquema desenvolvido pelo grupo de paisagem da IX Jornada de Biogeografia, Espanha. 2000.

Através do quadro esquemático, (Quadro3), é perfeitamente possível se entender elementos componentes da paisagem que foram de suma importância para

que tal processo colonizador se desenvolvesse na região. A partir de elementos paisagísticos como, em especial, o solo e a compartimentação do relevo, a CTNP propôs o modelo de ocupação.

As propriedades comercializadas tinham acesso simultâneo às estradas de rodagem e aos fundos de vale. Convencionou-se, então que, nas altas e médias vertentes, dever-se-ia cultivar o café com fins comerciais, uma vez que as altitudes seriam maiores, o que, conseqüentemente, resultaria em menores riscos de geadas; já, nos fundos de vale, convencionou-se que deveriam se instalar as residências dos agricultores, em virtude da maior probabilidade de se obter água, devido às menores altitudes, o que facilitaria maior acesso a lençóis subterrâneos na evidente necessidade de se perfurar poços, além do cultivo de pequenas culturas de subsistência e, ainda, se efetuaria o “criame” de alguns animais e aves para o consumo próprio.

É possível analisar, através do quadro 3 , também a transformação socioeconômica ocorrida em dois importantes períodos para o Norte do Paraná; primeiro, o que se refere à proposta de estruturação de colonização proposta pela CTNP, o qual centrava no café a base para o povoamento e ocupação da área. Esse modelo perdurou de 1950 até 1975. Já, o segundo período, de 1975 até os dias atuais (2007), enfatiza a modernização agrícola através da mecanização e uso de diferentes tecnologias, o que teve como resultado a substituição da cafeicultura por outras culturas consideradas como temporárias, pois flutuam, de acordo com o momento econômico, como a soja, o milho, trigo, algodão, maracujá, bicho da seda, bananas até o surto intensificado da atividade granjeira. Durante esse processo, no permear entre uma e outra fase de cultivo, se faz necessário ressaltar a intensificação do êxodo rural, impulsionado, sobretudo por diferentes fatores:

legislação trabalhista, crise da cafeicultura, do algodão ¹ falta de mercado agrícola, inexistência de políticas agrícolas, falta de terras para empregar toda família, esses, atrelados a outros fatores fizeram com que grande parte da população dessa localidade se deslocasse para os grandes centros, sobretudo São Paulo, em busca da realização do sonho de uma vida melhor.

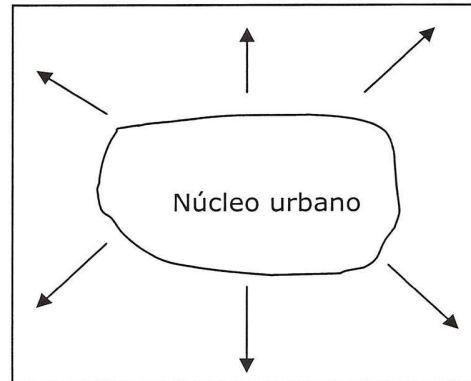
Ainda se pode observar que, além do processo de êxodo rural, necessário se faz ressaltar a questão da urbanização, que mesmo a passos lentos, já deixa cicatrizes, não fugindo daquilo que acontece nos grandes centros, visto que as pequenas indústrias instaladas na cidade de Novo Itacolomi, atraí as pessoas em direção a área urbana, deixando um vazio populacional no campo.

Nesse contexto, de conter o avanço do êxodo em direção a cidade e melhorar os rendimentos de quem moram no campo, é válido citar a ocorrência de um fato particular a essa área de estudo, a questão da implantação da atividade granjeira em áreas consideradas urbanas, localizadas no entorno da cidade de Novo Itacolomi, o que tem ocasionado transtornos a essa população, devido ao forte odor emitido pela atividade avicultora.

¹ Crise ocasionada por um inseto chamado bicudo que dizimou os algodões.

ESQUEMA DE FLUXOS DE ATIVIDADES NO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI

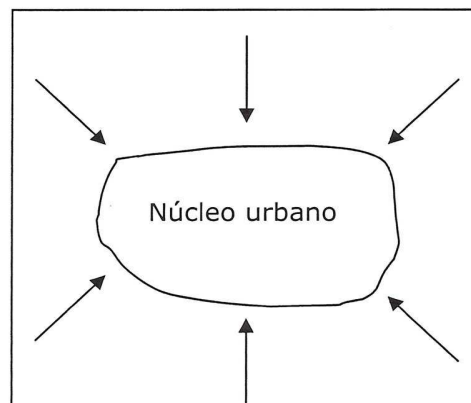
1950 - 1975



SENTIDO CENTRÍFUGO:

- ❖ Território afetado por agentes externos;
- ❖ área inserida no contexto da ocupação cafeeira promovido pela CMNP;
- ❖ ocorrência de desmatamento, implantação da cafeicultura e formação da rede urbana.

1975 - 2007



SENTIDO CENTRÍPETO:

- ❖ Com a decadência da cafeicultura (geadas/políticas de reorganização do espaço agrícola brasileiro) ocorre o colapso da pequena propriedade, e observa-se:
- ❖ Concentração de terras;
- ❖ Implantação da agricultura mecanizada (soja, milho, trigo), erradicação dos cafezais;
- ❖ Êxodo rural ocorrido em dois momentos distintos: primeiro em direção aos grandes centros e após 1990, para as cidades vizinhas e pequena parcela para cidade local.
- ❖ Início da industrialização.

Fonte: PASSOS, M.M. dos (2000)
Adaptado por: DELGADO, E.N.F. 2007

Figura 1 – Esquema de fluxos de atividades no município de Novo Itacolomi.

Fonte: PASSOS, M.M. dos. Com base em esquema desenvolvido pelo grupo de paisagem da IX Jornada de Biogeografia, Espanha. 2000.

O quadro-resumo (Figura 1), denominado “Esquema de fluxos de atividades no município de Novo Itacolomi”, procura estabelecer um paralelo entre os dois períodos: 1950–1975 e 1975–2007.

No primeiro período (1950 – 1975), verifica-se um modelo de desenvolvimento considerado como sustentável para tal época, uma vez que se baseava exclusivamente na atividade cafeeira agro-exportadora. Esse modelo sugeria um sentido centrífugo, o que era característico da fase inicial de ocupação e a apropriação das terras comercializadas pela Companhia colonizadora.

Esse modelo se caracterizava como centrífugo, uma vez que atraía para tal território, pessoas dos mais diversos e diferentes lugares. Pessoas de todos os Estados brasileiros eram atraídas pela propaganda glamurosa das famosas “terras roxas” do Estado do Paraná, o que resultou nessa área em estudo, a vinda e permanência de um grande contingente populacional advindo, sobretudo, dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, o que fez desse último Estado, o campeão em deslocar migrantes.

Entre (1975 – 2007), considerado como o segundo período, pode-se observar um sentido centrípeto. Isso se deve ao colapso de pequena propriedade, aliado à decadência em massa da atividade cafeeira, colapso esse que foi impulsionado, sobretudo, pela grande geada que assolou toda essa região, fazendo com que áreas de cafezais fossem substituídas por cultivos que não empregavam mão-de-obra em número elevado. Esses fatores não tiveram outros resultados, senão a concentração de terras nas mãos dos grandes proprietários, surgindo às fazendas (o que fugia do objetivo inicial da colonizadora que era a pequena propriedade) e o êxodo rural, que expulsou enormes contingentes populacionais de toda essa região para os grandes centros e cidades circunvizinhas, pois ao contrário

do que acontecia nos outros lugares, Novo Itacolomi até 1992 não atraía populações, devido ser uma pequeníssima cidade (um distrito) com uma população de e não oferecer empregos . O sentido centrípeto começa claramente a existir após a emancipação político – administrativa, uma vez que a cidade começa a se desenvolver economicamente e passa a abrigar boa parte da população que sai da zona rural e até repatriar algumas que se foram para as cidades circunvizinhas.

Vale salientar que o objetivo central desses quadros – resumos para apresentar a evolução paisagística, bem como os fluxos das atividades desenvolvidas - deve ser visto e analisado como uma tentativa de síntese na busca de se aproximar a eco-história territorial e paisagística do município de Novo Itacolomi.

3. AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NO TERRITÓRIO PARANAENSE: UMA ANÁLISE TÊMPORO – ESPACIAL

3.1. Histórico da Ocupação Sócioespacial do Território Paranaense: uma Síntese

A ocupação do Estado do Paraná não se deu de forma uniforme e inédita, porém passou por três momentos distintos, cada um de acordo com o contexto histórico da época. O resultado desse processo de colonização foi o surgimento das três comunidades regionais que, na atualidade, compõe o Paraná. Como confirmação a este argumento, se torna interessante destacar a confirmação relatada por Cardoso (1981), quando diz que:

(...) a história do Paraná compreende a formação de três comunidades regionais: a do Paraná Tradicional, que se esboçou no século XVII, com a procura de ouro, e estruturou-se no século XVIII sobre o latifúndio campeiro dos Campos Gerais e, mais tarde, no século XIX, nas atividades extrativas e no comércio exportador da erva-mate e da madeira; e a do Paraná moderno, já no século XX, sendo a do norte, com a agricultura tropical do café, a que, pelas origens e interesses históricos, ficou a princípio, mais diretamente ligada a São Paulo; e a do Sudoeste e Oeste, dos criadores de suínos e plantadores de cereais que, pelas origens e interesses históricos, ficou a princípio mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul. (CARDOSO, 1981, p. 09).

Ficam evidentes, assim exposto, os três diferentes momentos em que se deu a colonização do Estado do Paraná como um todo, pois esses momentos, sobretudo economicamente, foram favoráveis para justificar tal contexto histórico da época. As comunidades fundadas acabaram por desenvolver em suas cidades as mesmas características, uma vez que eram resultados do mesmo tipo de economia e de sociedade.

Os primeiros povoados aqui existentes foram fundados pelos espanhóis e se situam, nos dias de hoje, próximos ao município de São Pedro do Ivaí. Era a localidade de *Ciudad Real Del Guayara* em 1557. Já em 1576, fundaram Vila Rica *del Espiritu Santu*, onde hoje se situa o município de Guairá. Além desses povoados, foram fundadas as reduções jesuíticas, as quais eram administradas pelos padres jesuítas. Esses povoados foram fundados em função da presença espanhola nesta parte da América, como resultado do acordo estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas, conforme relata Santos (2001):

Todo esse conjunto de caminhos foi percorrido por espanhóis e portugueses, tendo sempre, como objetivo primeiro, o preamento de índios e a busca de metais preciosos. Datam dessa época, proibições impostas pelas autoridades espanholas e portuguesas quanto à multiplicidade dos caminhos e o conseqüente desrespeito às linhas de Tordesilhas. (SANTOS, 2001, p. 18).

3.1.1. O Paraná Tradicional

Devido à posição geográfica, o Estado do Paraná se enquadra como o mais setentrional entre os demais estados da região sul e, assim sendo, sua proximidade com o denominado eixo São Vicente – Rio de Janeiro – Bahia facilitou sua entrada no sistema colonial mercantil.

As terras que pertenciam a Portugal foram efetivamente ocupadas com a descoberta do ouro próximo a Bacia de Paranaguá, na metade do século XVII, fato este, que marca o início do povoamento do nosso litoral. Isso ocorreu após a destruição da maioria dos povoados espanhóis, e das reduções jesuíticas terem sido destruídas no decorrer do século XVII.

A notícia da descoberta do ouro na região litorânea do Estado do Paraná, anunciada por Gabriel de Lara em 1646 junto a Câmara Municipal de São Paulo, foi o estopim para que tal região fosse ponto de atração de pessoas que fizeram da

mineração o primeiro ciclo econômico do Estado do Paraná. As pessoas vieram de diferentes lugares, até mesmo de várias partes de Portugal e da América portuguesa como: São Vicente, Rio de Janeiro e Santos, o que resultou na elevação de Paranaguá a categoria de vila em 1660.

Na esperança de fazer fortuna, a busca pelo ouro durou mais de cem anos e fez com que surgissem importantes cidades como: Curitiba (1693), Guaratuba (1771) e Antonina em (1797).

Como o ouro encontrado esgotou-se com rapidez, boa parte da população sem ter como sobreviver, viu-se obrigada a partir para outras localidades, onde naquele momento já se anunciava novas descobertas de ouro, como acontecia com as minas de Cataguazes e Cuiabá.

Segundo Cardoso (1981), só permaneceram nessas localidades as pessoas envolvidas com as pequenas atividades agrícolas e aquelas que se mantinham através do fraco comércio marítimo que se desenvolvia em Paranaguá, tais como: comércio de farinha de mandioca, importação de sal, peças de algodão da Capitania e ferragens.

Rigon (2005), afirma que “por volta de 1770, comerciantes portugueses iniciaram no litoral a produção de cana para aguardente e açúcar, e pouco mais tarde, de arroz e trigo” (p. 41).

Com a queda da produção de ouro, portanto, pôde-se constatar o surgimento de outras atividades econômicas, a fim de garantir a sobrevivência das populações que ali residiam. Além de produzirem, então, aguardente e açúcar, começaram também a intensificar a pecuária que, cada vez mais, foi ganhando espaço econômico, pois esta atividade já existia (porém em menor proporção) ligada

à mineração, uma vez que o gado era utilizado economicamente através da agricultura, transporte, alimentação, trabalhos domésticos, entre outros.

Por volta da segunda metade do século XVIII e início do século XIX, a pecuária ganhou espaço econômico ligado ao transporte de gado e muares vindos do Rio Grande do Sul, através do caminho Viamão, para serem revendidos em Sorocaba - São Paulo. Essa atividade econômica ficou conhecida como Tropeirismo e fornecia animais que eram usados no trabalho e transporte nas fazendas de café, além da mineração.

Como resultados do desenvolvimento dessa atividade, surgiram no local das inúmeras pousadas (que serviam para descansar as tropas), cidades como: Palmas, Ponta Grossa, Lapa, Rio Negro, Palmeira, Piraí do Sul, Jaguariaíva e Castro, o que Cardoso (1981) convencionou a chamar de localidades resultantes de pousos, invernadas e freguesias.

Foi nesse contexto, que se ocuparam as regiões dos campos de Curitiba, dos Campos Gerais, de Guarapuava e de Palmas. Instalou-se, nessas localidades, uma sociedade latifundiária, escravocrata e monocultora, pois a mão-de-obra escrava utilizada na mineração foi incorporada na lida com o gado, que através da carta de concessão de sesmarias, acompanhavam os mestres além de muitos mineradores passarem então a exercer atividades ligadas ao tropeirismo. Esta atividade sobreviveu até a segunda metade do século XIX, por volta de 1870. A partir daí, começou, então, a mostrar sinais visíveis de decadência, uma vez que, começaram a surgir às primeiras estradas de ferro em São Paulo e, através destas, então, teve início o transporte de cargas, retirando a função econômica dos animais, uma vez que já não era mais desses a função de transportá-las. Isso trouxe fortes

conseqüências na economia paranaense, que até aquele momento se apoiava no tropeirismo.

No início do século XVIII, preocupando com a expansão econômica do Sul do Brasil, Portugal autorizou as populações de Paranaguá e Curitiba a comercializarem com a colônia do Sacramento e Buenos Aires não só erva-mate, mas também: madeiras, telhas e tijolos.

Além disso, o aumento da exportação da erva-mate para os países platinos, se deu após a Guerra do Paraguai, uma vez que este país era o maior concorrente da produção paranaense e, após a guerra, limitou sua produção ao mercado interno, abrindo assim as portas para o comércio desse produto, movimentando a economia paranaense, através da geração de emprego e renda para boa parte da população paranaense.

Essa atividade perdura até o início do século XX, quando a Argentina, que já industrializava, passou a cultivar a erva-mate e, no decorrer dos anos de 1930, teve fim à hegemonia paranaense das exportações desse produto.

Sobretudo, o ciclo da erva-mate, foi de fundamental importância à colonização e à economia paranaenses, pois deixou impregnadas importantes marcas como: substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra imigrante, atração de imigrantes, introdução do trabalho assalariado, surgimento de cidades, portos, estradas de ferro, serrarias, além de, a indústria do mate serviu de suporte ao surgimento de outras empresas como: embalagens, metalurgia, madeireira e gráfica.

Conforme explicitado anteriormente, a atividade ervateira foi responsável pelo surgimento de outras atividades, entre elas as madeireiras e serrarias, uma vez que, através da interiorização da população na busca pela extração da erva-mate,

teve origem, ainda ao final do século XIX, a atividade madeireira, através da exploração, principalmente, da *araucária angustifolia*, que inicialmente supria apenas as necessidades locais.

A partir de 1853, quando se criou a Companhia Florestal Paranaense, a extração e beneficiamento da madeira se transformaram em importante atividade econômica para o Estado do Paraná. A produção, porém, ganhou impulso com a Primeira Guerra Mundial (1914–1918), pois o Brasil ficou impossibilitado de importar madeira similar da Europa, o que favoreceu o mercado externo e interno, tendo como exemplo a Argentina que passou a receber madeira paranaense, principalmente *araucária angustifolia* através do porto de Paranaguá. Outro fator que impulsionou a extração e beneficiamento da madeira foi à chegada da estrada de ferro e o aparecimento do caminhão que fez com que a madeira conquistasse, não só o mercado nacional, mas também, o mercado internacional.

A intensa atividade madeireira impulsionou a construção da Estrada Graciosa (1853 – 1873), e da Ferrovia Curitiba – Paranaguá (1880 – 1885), além de influenciar o desenvolvimento de outras indústrias ligadas ao setor. Contudo, já ao final da década de 1970, a madeira nativa era considerada quase como que extinta. A atividade madeireira, entretanto, juntamente com a extração de erva-mate, foi responsável pela ocupação e o desenvolvimento de extensas áreas do Sul, Sudoeste e Oeste do Estado do Paraná, transformando-se na base econômica de várias cidades como Prudentópolis, Mallet, Lapa, União da Vitória, São Mateus do Sul, Laranjeiras do Sul e Guarapuava, entre outras.

Essas duas atividades econômicas contribuíram ainda, para o desenvolvimento da navegação nos rios Paraná e Iguaçu, pelo surgimento de núcleos urbanos como Guairá – fundada em 1909, com o objetivo de exportar o

mate (de fabricação da multinacional Mate Laranjeiras) para a Argentina, além de estimular o surgimento de vilas, povoados, ferrovias, caminhos, além da indústria madeireira.

3.1.2. O Paraná Moderno:

Dois fenômenos merecem ser ressaltados no que diz respeito à formação do Paraná moderno: o primeiro, desencadeado pela atividade cafeeira, o qual foi responsável pela colonização do norte do Paraná; o segundo de menor destaque, porém não menos importante, foi responsável pela ocupação do Oeste e Sudoeste do Estado. Fora promovido pelos sulistas, principalmente os gaúchos, a partir do surgimento de culturas agrícolas como: a soja, o trigo, além da suinocultura.

Cardoso (1981) discorre claramente como foi à introdução do café no Estado do Paraná ao afirmar que:

Desde o final do século XVIII, o café do litoral do Paraná é encontrado nas listas de exportação do Paranaguá, contudo, sem expressão econômica. Nos meados do século XIX, também já se produzia café, para o consumo interno, nos aldeamentos indígenas de São Pedro de Alcântara e de São Jerônimo, e na colônia militar de Jataí (CARDOSO, 1981, p. 10).

Conforme relatos sobre essa época, podem-se observar e concluir que, a partir de 1750, o café já figurava em território paranaense até mesmo como um produto destinado à exportação, além de ser utilizado como bebida, principalmente entre povos indígenas, o que comprova ser o café no Paraná, um dos produtos pioneiros da atividade econômica. Este só ganha destaque, porém, na economia paranaense, com a chegada da chamada frente pioneira, o que fica comprovado nas palavras de Cardoso (1981, p. 10).

(...), o café de fato entrou no Paraná no final do século, com a frente pioneira que procurava terras para a empresa agrícola cafeeira, de modo espontâneo, e com o estabelecimento de fazendas no tradicional estilo paulista (...)(CARDOSO, 1981, p. 10).

E prossegue o autor descrevendo as áreas de ocorrências dos cafezais.

(...) Penetram pelos cursos superior e médio do Itararé e, no decorrer de um século, o café se estende predominantemente em todo o Norte do Paraná, em três zonas sucessivas, as duas últimas com maior impetuosidade face à conjuntura. A primeira, do Norte Velho, desde a divisa Nordeste com São Paulo, até Cornélio Procópio, colonizada entre 1860 e 1925; a segunda do Norte Novo que desde Cornélio Procópio abrange Londrina, prolongando-se até o rio Ivaí, colonizada entre 1920 e 1950; e a última, do Norte Novíssimo, entre os rios Ivaí e Piquiri', colonizada desde 1940, até 1960, sobretudo, quando se encerra o ciclo de grande dinamismo da agricultura paranaense.(CARDOSO, 1981, p.10).

A partir de 1960, teve início à decadência do café, originada, sobretudo pelo excesso de produção do Brasil e dos outros países produtores, das geadas no início dos anos 70, além de uma política econômica desfavorável resultante da conjuntura política mundial. Esses fatores contribuíram para que a cultura do café fosse substituída por outras culturas como a soja, o que acarretou o surgimento de uma agricultura diversificada em todo o estado do Paraná.

A decadência cafeeira no norte do Estado, fez com que regiões paranaenses como o Oeste e o Sudoeste tivessem uma maior ascensão, pois essas regiões passaram a ser ocupadas integralmente através da implantação da agricultura diversificada. Isso ocasionou o surgimento de cidades e um aumento populacional impulsionado pelos movimentos migratórios que se intensificaram. Nesse contexto, a economia do Paraná passa da monocultura cafeeira para a policultura representada pela: soja, trigo, milho, feijão, entre outras.

3.2. A Ocupação do Norte do Paraná

A história da formação sócioespacial do norte Paranaense está inserida no contexto histórico político do Brasil e, para entendê-la, é preciso voltar a atenção para o momento político em que vivia o Brasil por volta dos anos de 1922, quando Arthur Bernardes assumiu o governo da República com grande dívida interna e externa, o que resultava em cofres vazios e uma desordem econômica. Para reverter, ou amenizar essa situação, era preciso tomar medidas drásticas urgentes. Então, demitiu corruptos e procurou moralizar o serviço público, o que deixou a muitos descontentes. Em meio a toda essa situação era preciso buscar alternativas para equilibrar as finanças e promover o desenvolvimento econômico. Para cumprir os compromissos assumidos, resolve então convidar um grupo de ingleses que demonstravam interesse em conhecer e investir no Brasil.

É válido lembrar que, no cenário econômico mundial, a Inglaterra, naquele momento, necessitava ampliar suas plantações de algodão em virtude do grande consumo para o suprimento das indústrias do setor têxtil. Isso impulsionou e estimulou os ingleses a visitarem as terras brasileiras, e essa visita acontece então por volta de 1923 chefiada por Lord Montagu, uma missão composta por técnicos em administração, banqueiros, comerciantes, e entre eles Lord Lovat. Este, após a chegada, visita terras no Estado de São Paulo e fica impressionado com as mesmas, as quais se localizavam às margens do Paranapanema. Mais tarde, visita Cambará, interessado logicamente nas terras ao plantio do algodão. Visita a fazenda de Major Barbosa Ferraz que possuía naquela localidade extensas áreas de terras (o que perfazia um total de 5.000 alqueires e um milhão de cafeeiros).

Lord Lovat era diretor de Sudan Cotton Plantations Syndicate e assessor para assuntos de agricultura e florestamento e tinha a incumbência dos acionistas dessa poderosa empresa de vir a investir seus capitais no Brasil.

Segundo a CTNP (1975), a missão de Lovat foi de suma importância para a colonização do norte do Paraná, uma vez que, de um lado, Lovat buscava informações sobre a agricultura aqui desenvolvida e de terras adequadas para o cultivo do algodão e, de outro, os fazendeiros do Norte Velho, liderados pelo Major Barbosa Ferraz e por Antonio Ribeiro dos Santos, buscavam atrair investidores estrangeiros para a continuação da construção da Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná, já que estava difícil naquele momento acabar a construção de tal ferrovia sem maiores investimentos. Tal ferrovia tinha a incumbência de ligar Ourinhos a Cambará e, naquele momento, era a via de transporte fundamental para o desenvolvimento econômico destas localidades.

Assim sendo, a história da colonização do Estado do Paraná surge associada à fundação da CMNP, pois a partir dessa visita que Lovat fez às terras paranaenses (atual Norte Velho), este, ao retornar à Inglaterra, demonstra-se entusiasmado com o que viu e decide, juntamente com alguns companheiros como João Sampaio, Antonio Moraes Barros e Arthur Thomas, organizarem uma subsidiária da *Brazil Plantations Syndicate*, a Companhia de Terras Norte do Paraná.

De acordo com a CTNP (1975, p.54), logo após sua formação a Companhia:

Adquire as fazendas de Guatambu em Birigui, e Caiuá e Santa Emília, em Salto Grande, onde passam a plantar algodão. Compram também uma usina de beneficiamento de algodão na cidade de Bernardino de Campos (CMNP, 1975, p. 54).

O sucesso, entretanto, com o plantio de algodão nas fazendas de Estado de São Paulo não dura muito, o que se pode comprovar, no relato de CTNP (1975, p. 57):

A partir de 1925 sucederam-se vários episódios significativos: (...) as culturas de algodão nas fazendas adquiridas no Estado de São Paulo não vão bem e os investidores ingleses deliberam abandoná-las; verifica-se crescente entusiasmo pela ocupação das terras roxas do Norte do Paraná. No decorrer do ano de 1928, cessaram todas as atividades da Companhia de terras Norte do Paraná com o algodão e a diretoria da empresa delibera dedicar-se intensivamente à colonização das terras adquiridas na margem esquerda do Paranapanema, entre os rios Tibagi e Ivaí, para o que resolve aceitar a oferta que nos anos atrás, em 1924, lhe fizeram os acionistas da Companhia Ferroviária São Paulo–Paraná, no sentido de que adquirisse essa empresa e prolongasse seus trilhos além de Cambará (CTNP, 1975, p.57).

Dentro desse contexto, fica evidente que a ocupação e colonização do norte do estado do Paraná teve início de forma expressiva, uma vez que a propaganda da terra-roxa ideal para o plantio do café, já era uma realidade, principalmente em virtude da decadência do algodão nas fazendas paulistas.

Rigon (2005) explicita claramente essa realidade ao afirmar que:

[...] a ocupação com vista a uma colonização sistematizada se deu através da incorporação de novas fronteiras agrícolas descortinadas com a marcha do café”. Isso ocorreu por volta do início do século XX em direção ao norte do Estado do Paraná, vindo de São Paulo. (RIGON, 2005, p. 43).

Conforme relatos da CMNP (1975), a Região Norte do Paraná tem sua área de abrangência entre os rios Itararé, Paranapanema, Paraná, Ivaí e Piquiri. Esta área corresponde a cerca de 100 mil quilômetros quadrados. Essa área foi denominada na época como: Norte Velho, Norte Novo e Norte Novíssimo. A primeira regionalização se localiza, iniciando no rio Itararé até à margem direita do rio Tibagi e foi colonizada pelos mineiros e paulistas. Estes adentraram o estado por meio do rio Itararé, por volta do início do século XX. Como resultado do processo de

ocupação desses povos nesta região, originaram-se importantes núcleos urbanos, como por exemplo: Jacarezinho, Santo Antonio da Platina, Cambará, Andirá, Ribeirão Claro, Cornélio Procópio e Bandeirantes.

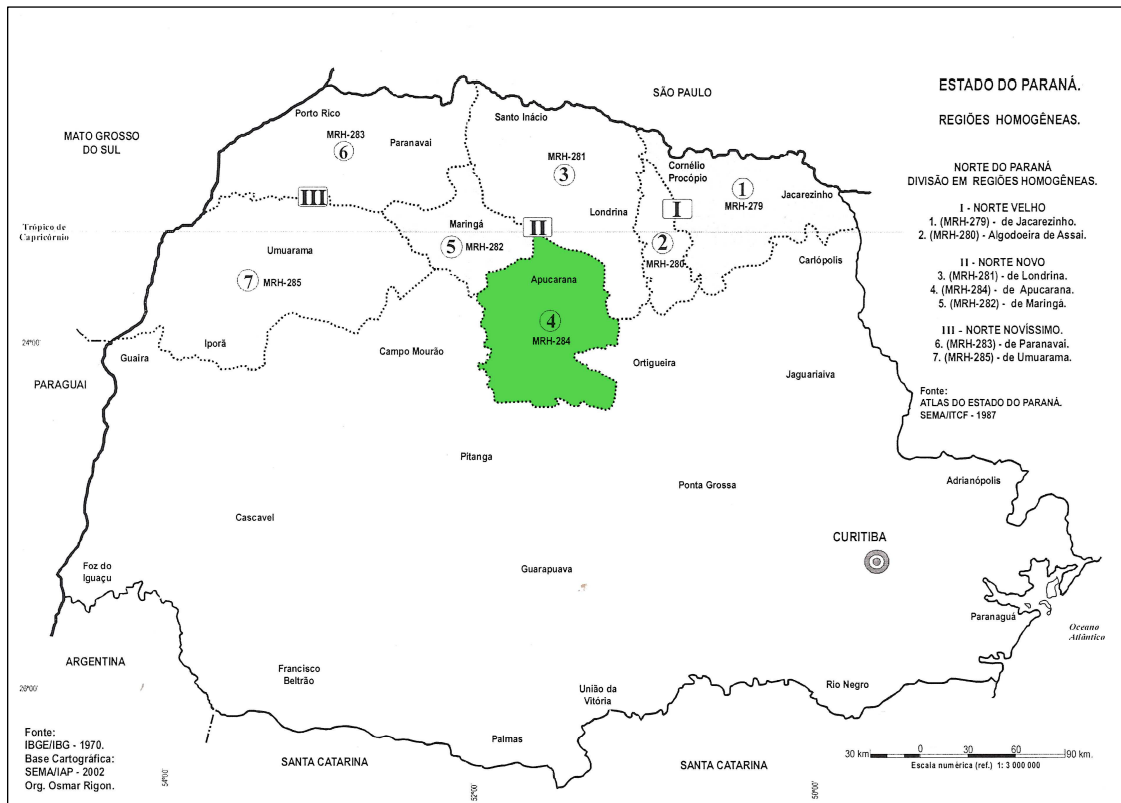


Figura 2 – Norte do Paraná – divisão em microrregiões homogêneas, tal como adotado pela CMNP.
Fonte: IBGE/IBG-1970. Base Cartográfica SEMA/IAP – 2002.
Organização: Rigon. O - 2005

Cardoso (1986) ressalta que o domínio do café no norte do Paraná ocorreu em três zonas sucessivas;

1º- Norte Velho, abrangendo uma área desde a divisa nordeste com São Paulo, até Cornélio Procópio entre os anos de 1860 e 1925.

2º- Norte Novo abrangendo Cornélio Procópio, Londrina estendendo-se até o rio Ivaí, entre os anos de 1920 e 1950.

3º- Norte Novíssimo, colonizada entre os rios Ivaí e Piquiri nos anos de 1940 até 1960. A figura 2 mostra essa realidade.

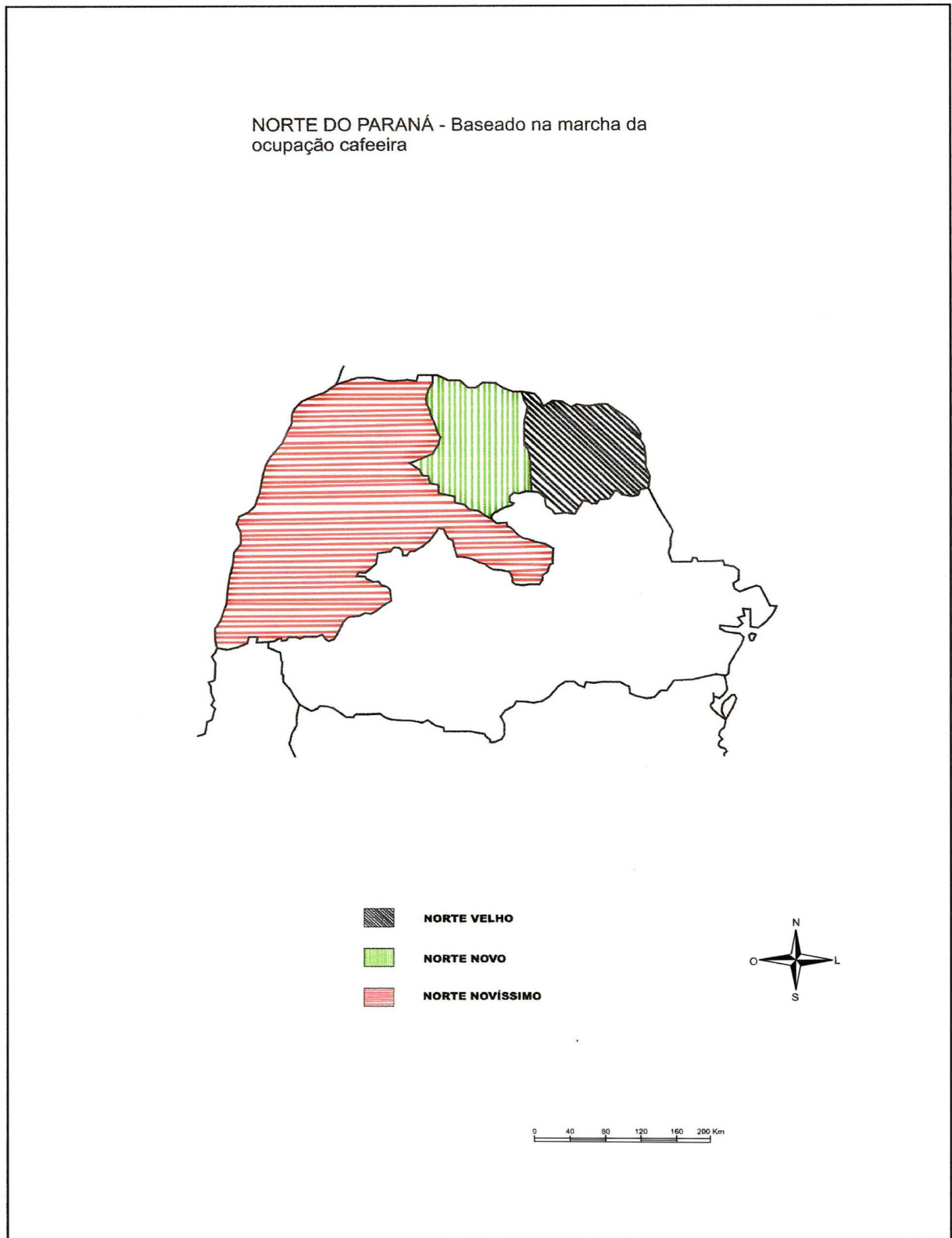


Figura 3 – Ocupação do norte do Paraná
Fonte: Cardoso (1986)

Segundo Wachowicz (1987), “o Norte Velho foi o primeiro espaço ocupado na região. O início da colonização retrocede historicamente dos tempos imperiais”.

Já o Norte Novo é delimitado pelo rio Tibagi até as barrancas do rio Ivaí, indo às margens do rio Paranapanema e ribeirão Caiuá. Tem como limite o oeste a linha traçada entre as cidades de Terra Rica e Terra Boa. É nessa divisão territorial que surgiram algumas das mais importantes cidades do Paraná como: Maringá, Londrina, Apucarana, Araçongas e Paranavaí, além de Nova Esperança, Porecatu e Jaguapitã.

Ainda é necessário destacar a terceira divisão em que se enquadraram as terras paranaenses, (a chamada Norte Novíssimo) que se estende entre os rios Ivaí e Paraná, cobrindo toda a margem do rio Piquiri. Nesta última divisão, cabe destacar como importantes cidades, aquelas projetadas pela CMNP como: Cianorte, Umuarama, Xambrê, Cruzeiro D'Oeste e Terra Boa, além de outras.

No princípio do século XX, a atividade cafeeira paulista já cedia lugar à industrialização e a cafeicultura já realizava sua marcha em direção ao Paraná. O café acompanhava o trajeto da ferrovia que adentrava interior afora rumo ao oeste, onde predominava a terra-roxa originária do derrame de lavas basálticas.

Como já foi mencionado anteriormente, a ocupação do norte do Paraná foi influenciada também pela construção da Estrada de Ferro e pelo plantio do café realizado principalmente nas fazendas do Major Barboza Ferraz que atraiu a visita de Lovat em suas terras.

É válido destacar que, por volta de 1908, a Estrada de Ferro Sorocabana atingiu a cidade de Ourinhos, no Estado de São Paulo – fronteira com o Paraná, o que alavancou de vez a ocupação do Norte do Paraná. Foi nesse contexto, que o importante fazendeiro Major Antônio Barbosa Ferraz Júnior, adquiriu sua extensa

área de terras entre Ourinhos e Cambará, fronteira entre Paraná e São Paulo e iniciou o plantio de um milhão de pés de café. Passados alguns anos, aliou-se a outros proprietários da região e juntos formaram uma empresa ferroviária chamada Companhia Ferroviária São Paulo–Paraná, a fim de prolongar os trilhos da, até então, Sorocabana até o Estado do Paraná, em Cambará, perfazendo um total de 29 quilômetros, com o objetivo de facilitar o transporte das cargas de café produzido em suas terras até o Porto de Santos, no Estado de São Paulo.

Conforme já citado anteriormente, por falta de recursos financeiros, a construção de tal ferrovia não aconteceu de forma a atingir os objetivos esperados e seus empreendedores então se lançaram à procura de novos investidores para prosseguir as obras, o que veio a ocorrer, por volta de 1924, com a chegada de Lord Lovat, quando teve início a história da CTNP e, conseqüentemente, a colonização do Norte do Paraná.

Nesse contexto de colonização, é de fundamental importância lembrar o importante papel de destaque da terra - roxa que, pela sua fama de produzir muito, e sendo ideal ao plantio do café, atraiu pessoas de diversos lugares do Planeta. Esta procura por terras de qualidade foi que fez com que o Norte do Paraná vivenciasse um dos empreendimentos mais bem sucedidos de colonização privada do Brasil.

Cabe destacar, segundo a CMNP (1975), que entre 1925 e 1927 a Companhia adquiriu mais terras, totalizando 515 mil alqueires paulistas de terras fertilíssimas, cobertas de mata.

Por volta do ano de 1928, a CTNP finalmente comprou a Companhia Ferroviária São Paulo–Paraná, o que fez com que prosseguisse a linha férrea em território paranaense, chegando até a localidade de Cambará. Em 1930, foi construída uma estrada de rodagem até o recém-criado patrimônio de Três Bocas o

qual, tempos depois, passou à denominação de Londrina. Em seguida, teve início a chegada dos primeiros compradores ².

Veja os cartazes atrativos divulgados pela Companhia de Terras para atraí-los:

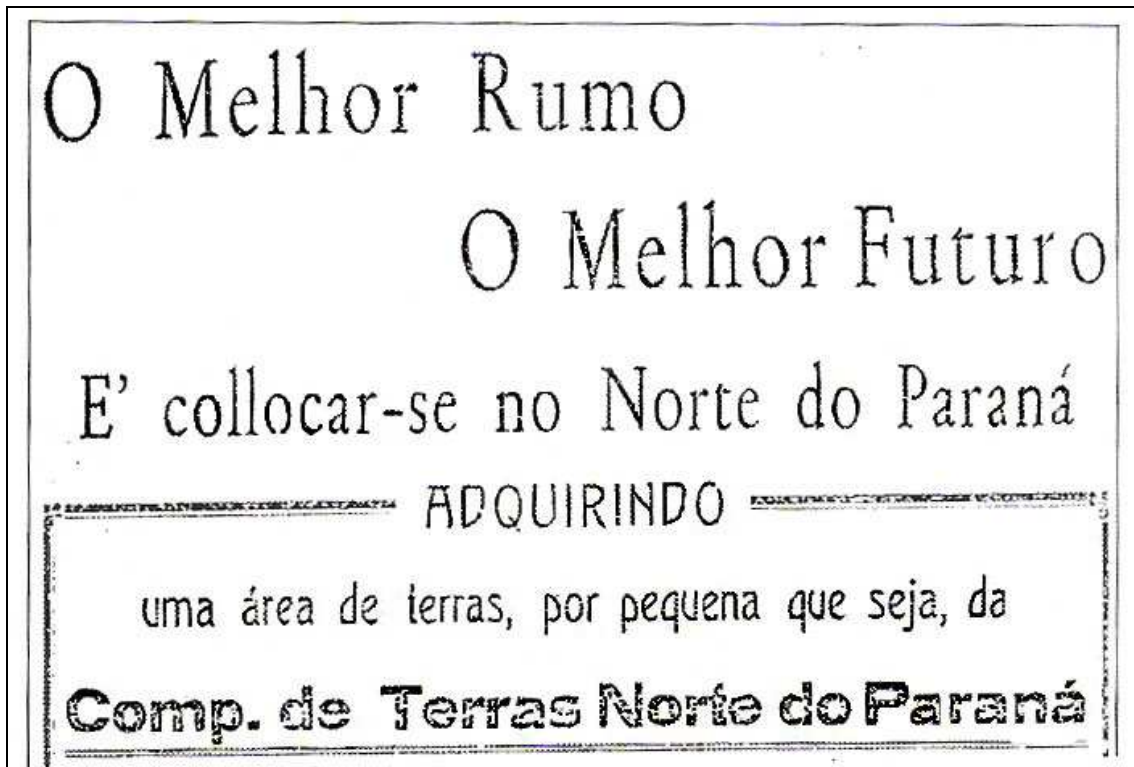
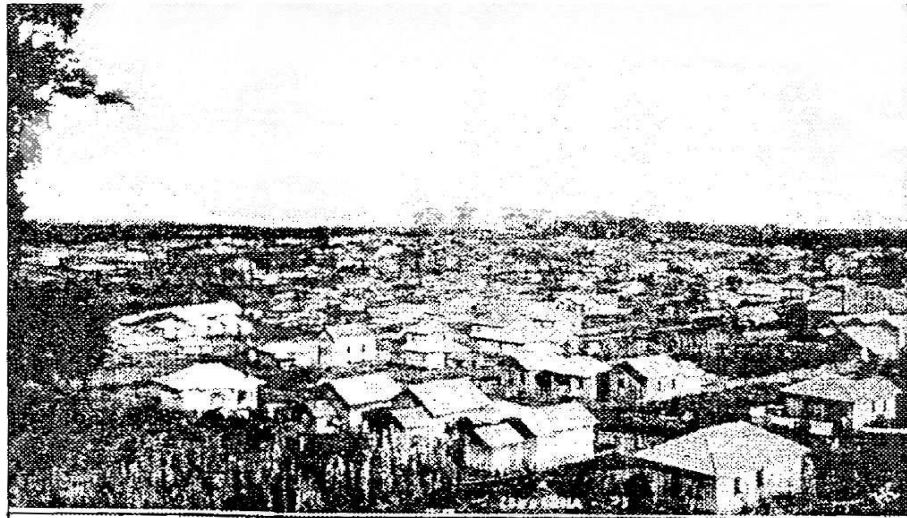


Figura 4 – Propaganda CTNP
Fonte: Neto, A. (1998)

² A primeira caravana chegou em dezembro de 1929, composta por japoneses.

Em 1941 a CTNP publicou o folheto propagandístico, intitulado: *O Norte do Paraná*. Eis sua primeira página:



Vista aérea da cidade de LONDRINA

SINTA A ALEGRIA DE VIVER E PROSPERE NO NORTE DO PARANÁ

PARA que se possa bem alisar das possibilidades incalculáveis do Norte do Paraná, é presente data (Agosto, 1941) é preciso "ver para crer" ou, então, ter conhecido outras terras e fronteiras. Na realidade terras tão produtivas, facilmente se encontram. Da o êxito da Companhia de Terras Norte do Paraná, a maior empresa colonizadora da América do Sul, cujas vendas, atingiram 75.000 alqueires! Proprietária de uma área de 500.000 alqueires (1.200.000 hectares) de terras fertilíssimas, adequadas para qualquer cultura, situadas nas bacias das rios Paranapanema, Tibagi, Irapó e Ivaí, no Norte do Estado do Paraná, judicialmente divididas e todas adquiridas diretamente do Estado do Paraná, a Companhia de Terras Norte do Paraná oferece, por todas as razões, as melhores vantagens, tais como:

- 1.º TÍTULOS DE DOMÍNIO ABSOLUTAMENTE SEGUROS;
- 2.º FERTILIDADE E SALUBRIDADE;
- 3.º ESTRADA DE FERRO E BOAS ESTRADAS DE RODAGEM;
- 4.º AGUA DE UMA PUREZA INVULGAR.

Os testemunhos insuspeitos e entusiastas dos ditos compradores das nossas terras, constituem a comprovação incontestável das nossas afirmações.

Cia. de Terras Norte do Paraná

Sociedade Anônima, com sede em LONDRINA, Estado do Paraná, Brasil.
Capital realizado Rs. 18.500.000\$000.

Solicitem informações no seu escritório em São Paulo à
RUA SÃO BENTO N.º 329 — 8.º andar — Caixa Postal 2771.

(Nota-Nenhum agente de vendas está autorizado a receber dinheiro em nome da Cia.)

Agosto de 1941-10.001

COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ. *O Norte do Paraná*. São Paulo, 1941.

Figura 5 – Propaganda CTNP
Fonte: Neto, A. (1988)

Segundo Neto, (1998) o cartaz explica o seguinte:

Mais uma vez aqui, a ênfase é colocada sobre as qualidades das terras, sua riqueza natural em madeiras e as possibilidades grandiosas de sua exploração agrícola. Não somente essas qualidades possibilitaram a obtenção de lucros, mas também a implantação da ferrovia anuncia a valorização das terras, ou seja, a possibilidade de utilização das terras do norte do Paraná como reserva de valor. (NETO, 1998, p. 31-32).

Ainda se referindo ao contexto histórico do processo de colonização do Norte do Estado do Paraná, vale ressaltar mais contribuições, uma vez que:

O processo de atração populacional exercida pela Companhia de Terras Norte do Paraná e a intensa propaganda, dentro e fora do país, atinge quase todo o território nacional, que já inserida num processo dinâmico de capitalismo nacional, proporciona a vinda de grandes contingentes de imigrantes europeus, asiáticos e migrantes nacionais em direção a esse território (...). Desse modo, a ocupação e o desenvolvimento do Estado do Paraná, especificamente da região norte, destaca-se por fluxos demográficos intensos, dinamizados pelo seu processo de desenvolvimento econômico ligado, sobretudo à agricultura cafeeira. (FARIA, 2001, p. 100).

Confirmando essas afirmações, por volta dos anos de 1932, começa a chegar à região cada vez mais os compradores de terras, que na sua maioria eram estrangeiros imigrantes, representados principalmente pelos italianos, japoneses, alemães, além dos brasileiros através dos nordestinos, os quais encontraram muitas dificuldades, tendo que enfrentar as mais diversas adversidades.



Foto1 - As primeiras "jardineiras". As dificuldades eram evidentes, pois não havia estradas adequadas e cascalhadas. Pequenas distâncias se transformavam em grandes distâncias.
Fonte: Acervo fotográfico do Museu da Bacia do Paraná – UEM / Maringá – PR

Todo esse sucesso alcançado pela Companhia não poderia resultar se não na criação do município de Londrina, a qual ocorreu através do Decreto Estadual nº 2519, de três de dezembro de 1934, tendo como primeiro prefeito o Dr. Joaquim Vicente de Castro, que tomou posse no dia 10 de dezembro daquele mesmo ano.

A primeira eleição da cidade de Londrina elegeu como prefeito constitucional o Dr. Willie Davids.

O sucesso alcançado pelo empreendimento da Companhia se deve a fatores como os que seguem explicitados... onde é evidente o plano de metas que a mesma pretendia:

As cidades destinadas a se tornarem núcleos econômicos de maior importância seriam demarcadas de cem em cem quilômetros, aproximadamente. Entre elas, distanciados de 10 a 15 quilômetros um do outro, seriam fundados os patrimônios, centros comerciais e abastecedores intermediários. Tanto nas cidades como nos patrimônios a área urbana apresentaria uma divisão em datas residenciais e comerciais. Ao redor das áreas urbanas se situariam cinturões verdes, isto é, uma faixa dividida em chácaras que pudessem servir para a produção de gêneros alimentícios de consumo local, como aves, ovos, frutas, hortaliças e legumes. A área rural seria cortada de estradas vicinais, abertas de preferência ao longo dos espigões, de maneira a permitir a divisão da terra da seguinte maneira: pequenos lotes de 10, 15 ou 20 alqueires, com frente para a estrada de acesso e fundos para um ribeirão. Na parte alta, apropriada para plantar café, o proprietário da gleba desenvolveria sua atividade agrícola básica: cerca de 1500 pés por alqueire. Na parte baixa construiria sua casa, plantaria a sua horta, criaria os seus animais para consumo próprio, formaria o seu pequeno pomar. A água seria obtida no ribeirão ou em poços de boa vazão. (CMNP, 1975, p. 75)

Dessa forma, a Companhia estruturou o seu sistema de distribuição de terras para venda de uma forma extremamente organizada, de acordo com seu ponto de vista, o que de certa forma colaborou para a integração social daqueles que adquiriam suas terras. Ao conseguir transformar as vendas naquilo que ficou conhecido, na época, como que, uma de Reforma Agrária, a Companhia, dispôs suas terras para venda em pequenos lotes rurais, ligados à estrada, que ficava

sempre no espigão e tendo ao fundo do vale um ribeirão. Isso resultou em estreitas e alongadas propriedades, conforme comprova a figura a seguir:

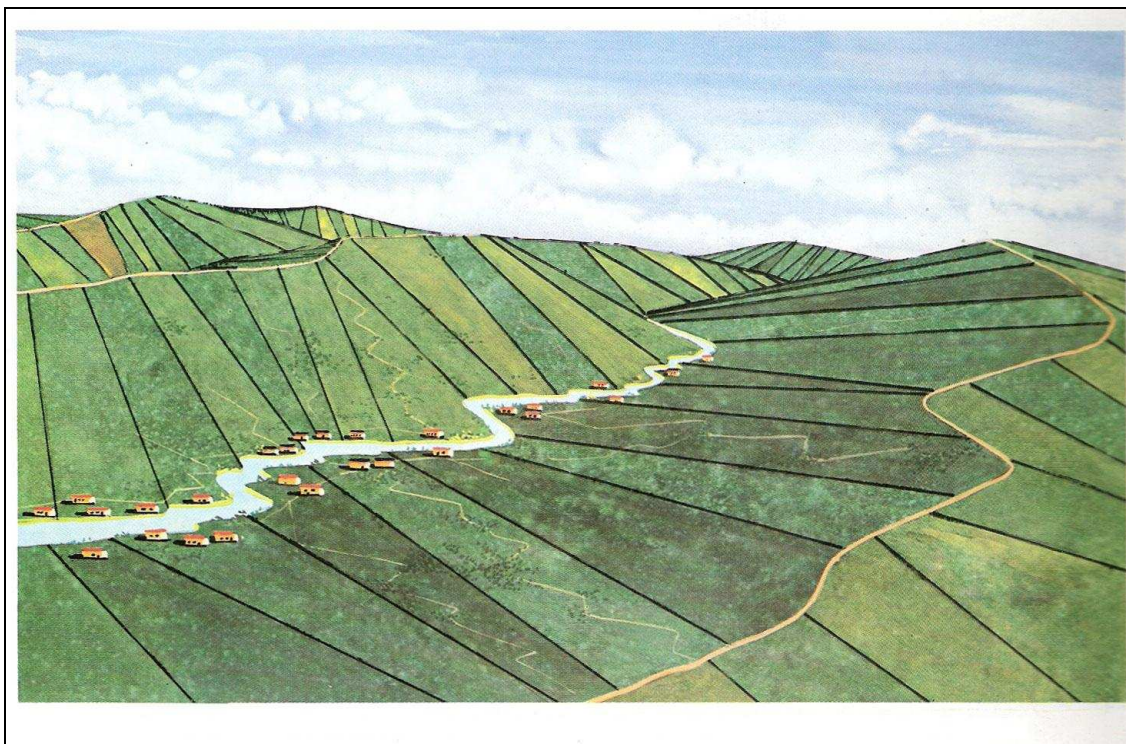


Figura 6 - Visão gráfica em perspectiva panorâmica do sistema de repartição de terras executado pela CMNP (extraído de CMNP, 1975, p. 122).

O objetivo básico da Companhia com esse modelo de colonização, era realmente atingir o pequeno agricultor, pois tal modelo era favorecedor, na medida em que, indiretamente, induzia a organização da vida do agricultor até mesmo pela disposição de casas, lotes e maneiras de como viviam:

As casas de vários lotes contíguos, alinhados nas margens dos cursos d'água, formariam comunidades que evitassem o isolamento das famílias e favorecessem o trabalho em mutirão, principalmente na época da colheita de café, que para a maioria dos pequenos agricultores representaria lucro líquido de sua atividade independente, porquanto, no decorrer do ano ele viveria – consumindo o necessário e vendendo o supérfluo – das culturas paralelas: arroz e milho plantados por entre as fileiras de café novo, legumes e hortaliças, frutas diversas, porcos e galinhas. (CMNP, 1975, p. 78).

Esse modelo de colonização organizado e proposto pela Companhia, visava atender às necessidades do pequeno proprietário que, automaticamente, através do regime familiar de trabalho, produzindo em pequena escala, abasteceria o mercado local com o excedente. Já o grande produtor rural, diferentemente, produzia voltado à exportação que se consolidava através do Porto de Santos.

Naquela época, o transporte ferroviário era de fundamental importância, pois era através da ferrovia que se escoava toda safra de café, além de realizar o transporte de todo tipo de mercadorias e servia ainda como veículo de transporte de pessoas estabelecendo, acima de tudo, a comunicação entre as localidades. Quem ilustrava esse cenário era então a Companhia Ferroviária São Paulo que fora adquirida pela Paraná Plantation.

O trajeto percorrido pela ferrovia primeiramente fez a ligação entre as cidades de Ourinhos e Cambará e depois, por volta de 1932, chega até a Jataí, localizada junto às margens do rio Tibagi. Mais tarde, chega até Londrina, Cambé, Rolândia, Araçongas e Apucarana, esta última já por volta de 1943. Já, a cidade de Maringá, recebeu os trilhos somente em 1954 e, somente por volta de 1973, chega ao seu destino final na cidade de Cianorte.

Desde quando os ingleses vieram ao Brasil, passaram a se relacionar estreitamente com o engenheiro Gastão de Mesquita Filho, este que, durante a deflagração da Segunda Grande Guerra, foi o formador do grupo que adquiriu a Companhia Ferroviária.

Em 1942, a CTNP foi posta à venda pelos ingleses por 1.520.000 libras esterlinas, incluídas aí as ações da Companhia Ferroviária. Nessa ocasião, o grupo formado e liderado por Gastão de Mesquita Filho; Gastão Vidigal, Arthur Bernardes Filho e Irmãos Soares Sampaio assumiu a administração da empresa. No final das negociações as ações da CTNP foram mantidas com o grupo, enquanto a Companhia Ferroviária foi repassada ao Governo Federal, como condição para a conclusão do negócio. Ao final a

CTNP acabou nas mãos dos grupos fundadores Mesquita e Vidigal. (RIGON, 2005, p. 4).

Prosseguindo na história da Companhia, passados dois anos, passou em definitivo ao poderio de brasileiros e, mais precisamente, por volta de 1951, passou a denominação de CMNP (Companhia Melhoramentos Norte do Paraná), porém continuou no foco idealizado pelos ingleses; a comercialização de lotes rurais e urbanos.

O total de terras colonizadas pela CTNP/CMNP, corresponde a um total de 546.078 alqueires paulista de terras. Fundou 63 cidades e patrimônios, comercializou lotes com 41.741 compradores, com áreas variando entre 5 e 30 alqueires, além de 70.000 datas urbanas com cerca de 500 metros quadrados cada.

Ainda, de acordo com CTNP, (1975) cidades como: Maringá, Cianorte, Londrina e Umuarama foram cidades planejadas nos mínimos detalhes para se transformarem em grandes metrópoles. Entre essas cidades, fundaram, pequenas cidades, cuja finalidade era servir como centro de abastecimento para a numerosa população rural. Essas pequenas localidades, na atualidade, transformaram-se em cidades constituídas e mesmo não sendo planejadas com o intuito de progredirem, algumas se transformaram em centros regionais como Arapongas e Apucarana. Afirma-se que essas cresceram e se desenvolveram por si só, uma vez que a Companhia se limitou a construir nestes locais um escritório, uma estação de jardineiras³ e uma escola.

O quadro abaixo evidencia claramente o plano urbanístico dessas pequenas cidades planejadas pela Companhia, bem como o ano de suas fundações.

³ Jardineiras era a denominação usada na época para os ônibus que transportavam as pessoas.

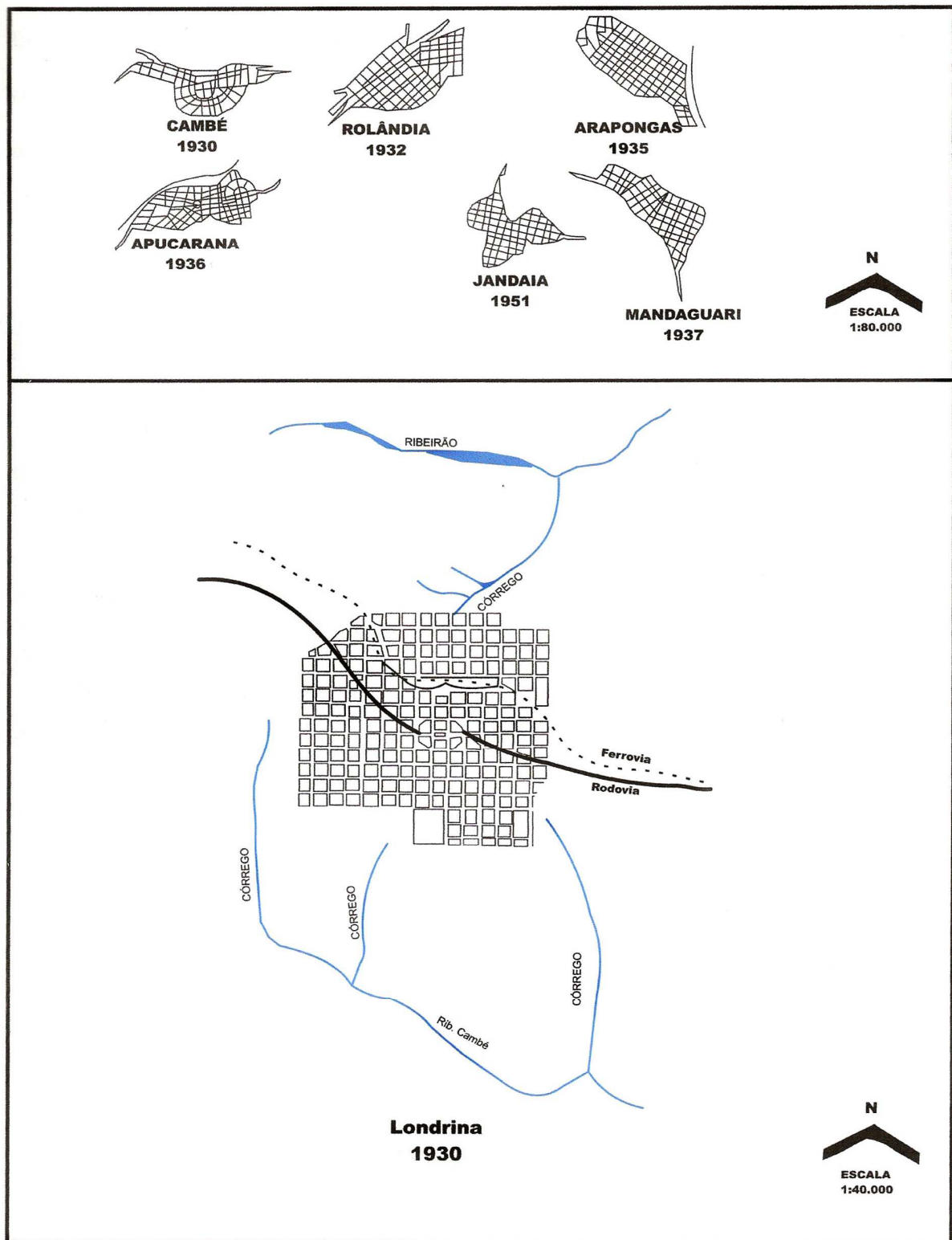


Figura 7 - Planos Urbanísticos projetados pela CMNP
Fonte: Neto, A. (1998)
Org.: Delgado, E.N.F. (2007)

Do total de terras colonizadas pela Companhia, cerca de 515 mil alqueires encontram-se localizados nas terras que se pode denominar de Norte Novo, tendo as cidades de Maringá e Londrina como principais centros urbanos. Já o Norte Novíssimo abrigou cerca de pouco mais de 30 mil alqueires, tendo as cidades de Cianorte e Umuarama como as principais. Atualmente, a sede da companhia Melhoramentos Norte do Paraná se localiza na cidade de Cianorte.

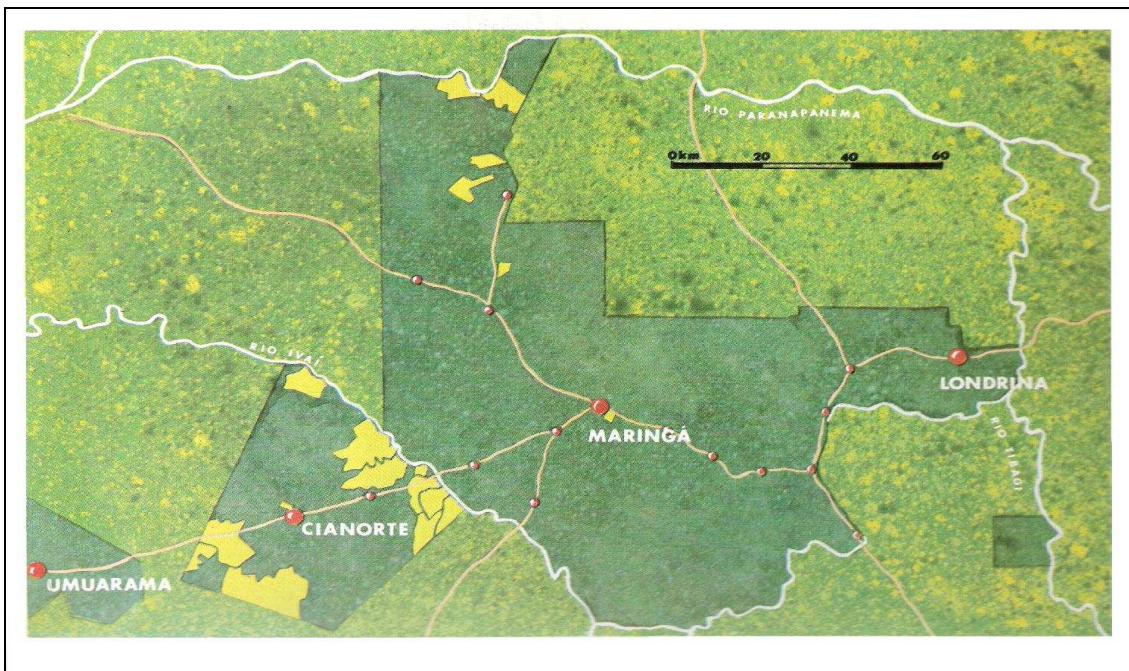


Figura – 8 A área delimitada diz respeito às terras colonizadas pela CMNP; as áreas em verde-escuro correspondem às terras comercializadas para o desenvolvimento da Agropecuária, e em amarelo, áreas destinadas às suas próprias fazendas, hortos e reservas florestais. (extraído de CMNP, 1975, p. 123)

É importante salientar o motivo pelo qual a CTNP passa a denominar-se CMNP. Essa mudança se deve ao fato de, uma vez cessadas suas atividades, com o término das terras disponíveis para a venda, era preciso naquele momento, diversificar suas atividades, o que só foi possível tornar realidade devido aos enormes lucros obtidos com as vendas dos lotes.

Uma vez diversificadas as atividades, cabe aqui mencioná-las:

Empresa Elétrica de Londrina, organizada com o objetivo de fornecer energia elétrica a essa e outras prósperas cidades da região;
Companhia Agrícola, Usina Jacarezinho, produtora de açúcar,
Companhia Cimento Portland Maringá, produtora de cimento;

Cobrasma, produtora de vagões e outros equipamentos ferroviários; Forjas Nacionais, Fornasa, produtora de tubos galvanizados; a Braseixos, produtora de autopeças e produtos forjados; e A Marítima, Companhia de Seguros Gerais. (CMNP, 1975, p. 186).

Ainda, com o objetivo de diversificar atividades, a fim de manter e equilibrar seu capital, uma vez que havia uma progressiva cessação da venda dos lotes, foi que a Companhia também investiu no setor agropecuário, através da compra de fazendas destinadas a criação de gado, além de produção de sementes selecionadas.

Concluindo, vale destacar a importância que as ferrovias desempenharam no plano de colonização adotado pela CTNP/CMNP, uma vez que, paralelo ao trajeto dessas, foi que se desenvolveram as estradas de rodagem que atualmente se transformaram em vias asfaltadas, ligando cidades de todo o norte do Estado do Paraná.

Naquele momento (época da colonização do norte do Estado), a construção das rodovias, tinha como finalidade dois objetivos básicos; facilitar o acesso às novas áreas de fronteiras agrícolas e permitir o escoamento da produção com segurança, e foi nesse panorama econômico que por volta de 1930, fundou-se a cidade de Londrina, cidade esta que se desenvolveu como um núcleo de povoamento, sede das atividades da Companhia desde a chegada dos ingleses nessa localidade.

3.3. Novo Itacolomi – do Nascimento de um Pequeno Povoado à Instalação do Município

Para estudo mais aprofundado da história agrária e urbana da área de pesquisa em questão utilizou-se as cartas topográficas de Apucarana, Mandaguari,

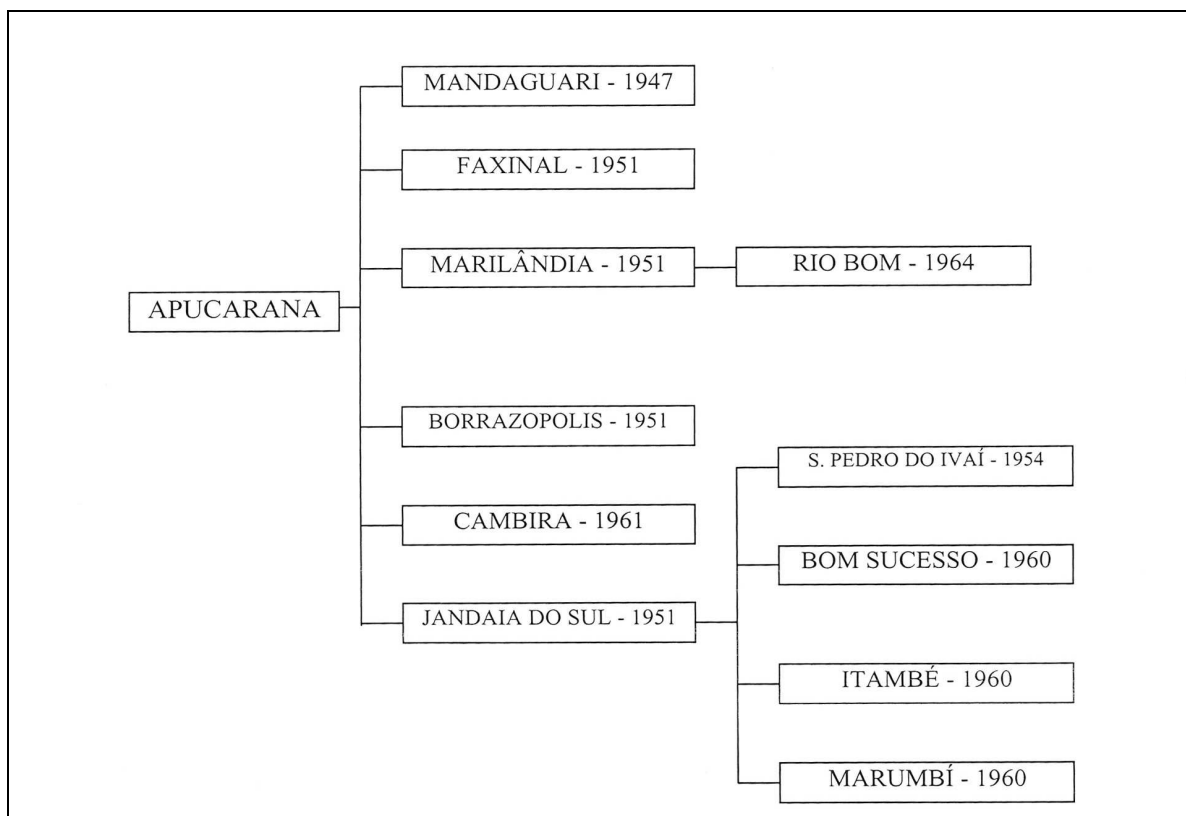
Rio Bom e Borrazópolis , IBGE, escala de 1:50.000, dados históricos, registros fotográficos e mapas da Prefeitura de Novo Itacolomi, fotos obtidas dos familiares dos pioneiros e em trabalho de campo, bem como entrevistas com moradores e pioneiros da região. Utilizou-se ainda de dados do IBGE e do IPARDES relativos à população.

Optou-se por esses procedimentos por se acreditar que os mesmos sejam mais pertinentes e eficazes, prestando melhor explicitação dos processos evolutivos do que o tratamento numérico. Assim, a abordagem adquire um aspecto qualitativo mais apropriado à compreensão da construção da paisagem.

O município de Novo Itacolomi localiza-se na dinâmica ocupacional aplicada ao Norte do Estado do Paraná, que apesar de ter passado por vários momentos de colonização diferenciados, em momentos distintos, teve na presença da CTNP , mais tarde a CMNP sua sucessora, seu maior referencial.

Muitos municípios, hoje existentes ao redor, foram no passado, territórios pertencentes ao município de Apucarana.

Confirmando essa afirmação, é pertinente ressaltar as idéias de Lôr (1969, p. 63), quando ele traz a informação de que, após 1947, aconteceram outros desmembramentos de Apucarana e que o município de Mandaguari conseguiu tal feito no ano de 1947, o que se pode comprovar por meio do quadro 4.



Quadro 4 – Genealogia dos municípios vizinhos de Apucarana após 1947

Fonte: Lôr (1969, p. 64)

E foi nessa seqüência de desmembramentos que, no ano de 1990, criou-se o município de Novo Itacolomi através do Decreto Lei nº. 9387 de 28 de setembro de 1990, condicionada à aprovação popular em plebiscito. O mesmo foi realizado após um ano e um mês aproximadamente, 27 de outubro de 1991, quando a população itacolomiense compareceu em peso; dos 1281 eleitores cadastrados pela justiça eleitoral, 1103 compareceram e votaram a favor da criação do “tão sonhado” município de Novo Itacolomi. Só aconteceu, porém, sua efetiva instalação com a posse do 1º prefeito municipal em 01 de janeiro de 1993.

Novo Itacolomi foi uma das localidades projetadas pela CTNP, para ser um pequeno núcleo de abastecimento para a zona rural, assim como outras localidades, como foi o caso de Apucarana. Tal afirmação pode ser confirmada nos relatos de (P M A, 1994, p.8).

Conforme se pode observar no quadro 4, o município de Cambira conseguiu sua emancipação política de Apucarana no ano de 1961, permanecendo com Itacolomi - como distrito - até a data da emancipação desta localidade.

Os primeiros colonizadores que chegaram em Novo Itacolomi, vieram por volta de 1947, na maioria advindos do Estado de Minas Gerais, atraídos pelos comentários da famosa terra roxa, que naquela época era propagada como “a ideal” para o plantio do café.

Conforme já mencionado, Itacolomi foi planejada pela Companhia de Terras para ser um mero patrimônio, com o claro objetivo de suprir as populações próximas, do básico, como: produtos alimentícios, remédios, roupas, calçados, etc. Pelo motivo de estar distante das cidades maiores, criadas com o objetivo de prosperarem. De acordo com a política da Companhia, as cidades menores deveriam se localizar margeando a ferrovia, e distante uma da outra aproximadamente 15 km, já as cidades criadas para servirem de pólo, como Londrina, Maringá, Campo Mourão e Umuarama, deveriam estar distantes, uma das outras, cerca de 100 km.

Na divisão dos lotes rurais a companhia seguiu o seguinte critério:

Os lotes rurais eram traçados em forma de longos retângulos, tendo quase todos frente para uma estrada e fundo para um regato ou rio. Desta forma, a estrada sempre passava nas regiões mais elevadas e todos os lotes ficavam inclinados. O tamanho dos lotes variava de 5 a 15 alqueires, mas todos dentro do limite da pequena propriedade rural (WACHOWCZ,2001, p. 270).

E foram nesses moldes idealizados e traçados pela CTNP, que as terras hoje pertencentes ao município de Novo Itacolomi, foram loteadas e comercializadas. A venda de lotes dessa localidade teve início por volta da década de 1940. Como se pode observar, Itacolomi não se enquadrava nos parâmetros de

cidade “modelo”, uma vez que fugia os critérios de progresso idealizado pela Companhia.

Seguindo os moldes adotados pela CTNP, o colono adquiria o pequeno lote e, motivado pelos lucros da atividade cafeeira, seguia então fielmente, as recomendações técnicas mais apropriadas para o parcelamento do lote (café na alta vertente, moradia e pastagens nos fundos de vale), o que permaneceu por muito tempo, mudando, posteriormente, na maioria dos lotes com a crise cafeeira e da economia de um modo geral. É interessante ressaltar que esse modelo ainda persiste na maioria das pequenas propriedades desta área em estudo.

No auge da economia cafeeira do norte paranaense, o interesse por essas terras aumentava cada vez mais, porém a CTPM, elaborou e colocou em prática um plano de vendas que facilitava a compra de terras também pelo pequeno agricultor, não restringindo assim, suas vendas somente ao grande proprietário. Esse sistema de colonização funcionou como que uma espécie de reforma agrária da terra, onde o agricultor através de um sistema de parcelamento podia efetuar o pagamento com o lucro obtido nas colheitas do próprio lote de terras. Cabe ressaltar que esse modelo implantado é característico desta localidade, uma vez que as propriedades desta área em estudo foram loteadas em pequenos lotes conforme se pode observar em mapa daquela época (figura 9).

Segundo o senhor Donizete Fernandes Costa, funcionário da Prefeitura de Novo Itacolomi, em entrevista concedida, no dia 02 de maio de 2007, este mapa, acima exposto, veio na documentação herdada da Prefeitura Municipal de Cambira, quando da instalação do município, sendo o mapa mais antigo dos arquivos desta municipalidade. Ele relatou ainda que devido ser muito antigo, as áreas maiores representadas ao Sul e Sudeste, ainda não tinham sido loteadas pela Companhia de Terras .

A borda azul na parte Leste do mapa, representa o rio Bom, já a cor creme evidencia os lotes que foram delimitados pela Companhia de Terras Norte do Paraná e colocados para a venda. A área urbana da antiga Itacolomi aparece circundada pela cor azul clara que destaca a área Peri-Urbana .

Ainda permanece como característica desta área de estudo, a pequena propriedade (até 5 alqueires). São poucas as propriedades que podem ser consideradas fazendas.

3.3.1. Aspectos da Definição Territorial e Instalação do Município

O espaço territorial de Itacolomi foi reduzido após acordo firmado para emancipação, conforme relata o senhor João Rodrigues Filho, morador deste município (e que naquela época fez parte da comissão pró-emancipação). O maior problema enfrentado pela comissão foi a questão dos limites com o município de Cambira. Enquanto distrito, a área territorial de Itacolomi representava mais de 60% da área do município de Cambira, conforme representado no mapa da figura 10 por meio da cor azul. Bairros como: Bela Vista, Cruzeiro, Palmeirinha e Santo Antonio pertenciam a Itacolomi. Lideranças da sede do município de Cambira e dos bairros ora mencionados não aceitaram a divisão, tal como ela era, pelo motivo de terem

suas propriedades rurais localizadas na área que, conforme a figura 10, pertencia a Itacolomi (como era denominado antes da criação do município).

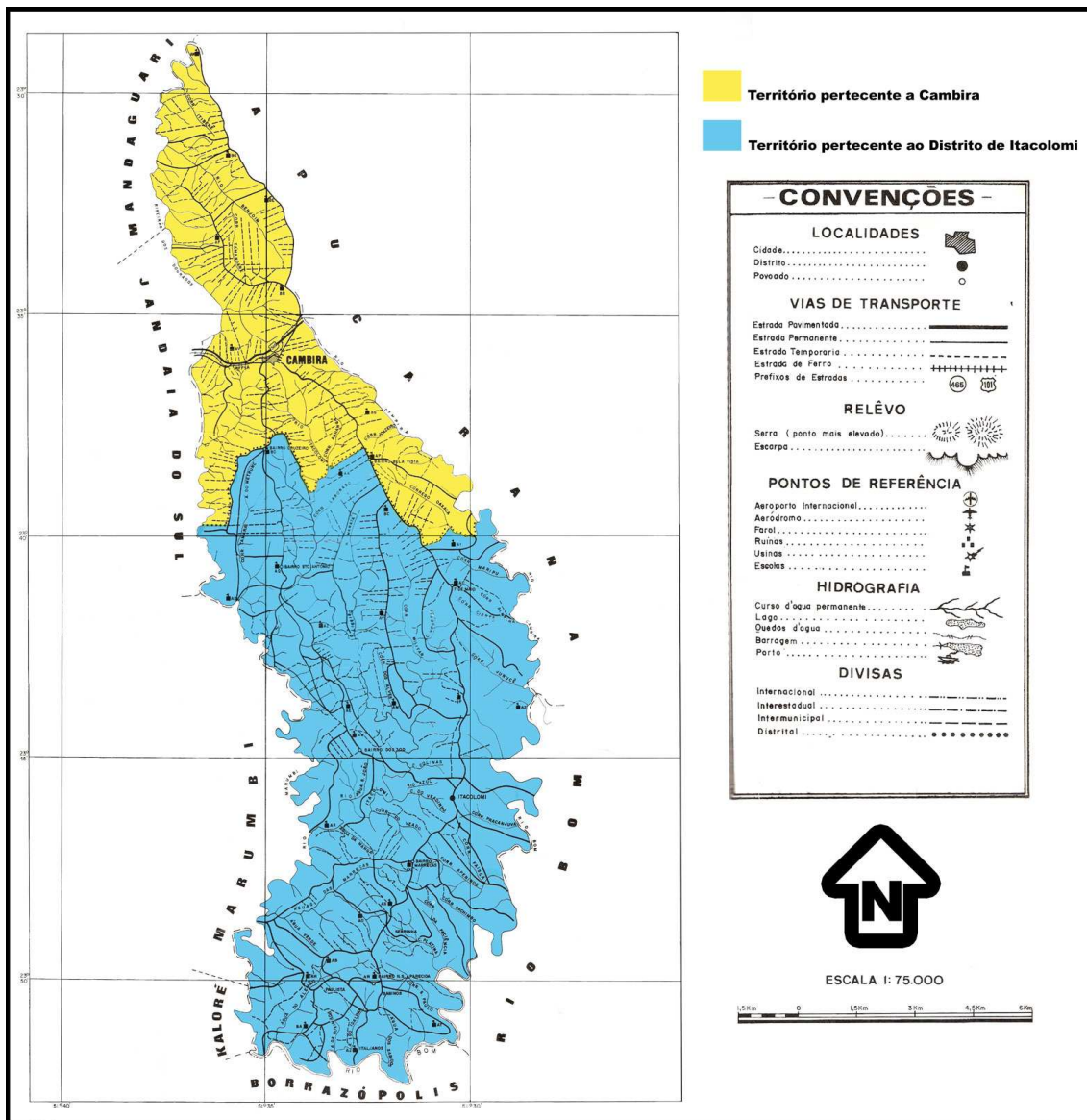


Figura 10 - Divisão territorial Cambira – Distrito de Itacolomi
 Fonte: Instituto de Terras e Cartografia (1980)
 Org.: Delgado, E.N.F. (2007)

O então distrito de Itacolomi, reunia condições para caminhar sozinho. Uma prova dessa afirmativa e que chama atenção, era o que acontecia na área educacional. Conforme relatos da professora Amarilda Regina da Silva Almeida, durante os anos de 1971 a 1979, o curso ginásial hoje Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries de Cambira, funcionava como uma extensão do Ginásio Estadual de

Itacolomi, (denominação usada naquela época para o atual Colégio Estadual Tomé de Souza) o que faz com que até hoje a documentação escolar dos alunos, se encontre arquivada na secretaria do Colégio Estadual Tomé de Souza de Novo Itacolomi.

Ainda é pertinente ressaltar, que os pioneiros também tinham fervorosa atuação política, pois mesmo morando no distrito, Adelino de Melo Franco foi Prefeito do Município de Cambira entre os anos de 1965 e 1969 e trouxe para este futuro município de Novo Itacolomi a energia elétrica e a construção do prédio do atual Colégio Estadual Tomé de Souza. Era uma pessoa de cultura e sabedoria inquestionável. Conforme mencionado anteriormente, desde há muitos anos, o povo de Itacolomi sonhava com a instalação do município. E para que tal viesse a acontecer, foi preciso, naquele momento, que lideranças políticas se unissem a fim de alcançar o objetivo. Foi nesse contexto político que, a partir de 1990, a população começou a se reunir para discutir sobre a emancipação. Foi em agosto de 1991, contudo, que a comissão Pró-emancipação foi oficialmente constituída. Havia à frente da mesma, lideranças que demonstravam todo o seu espírito de luta e amor por essa terra. Foi liderada pelo ilustre Senhor Paulo Hilário (*in memoriam*) e assessorada por Cabral Ribeiro Franco, João Rodrigues, Davi Nogueira, entre outros. (Fotos 2 e 3)



Foto 2 - Reuniões nos bairros para formar a comissão Pró–Emancipação Bairro das Marrecas (1991)

Fonte: Arquivo pessoal da senhora Marizi Inácia Michelim obtida em (05/2007)



Foto 3 - Reunião para discussão das divisas territoriais do município de Novo Itacolomi. Da esquerda para a direita, os senhores: José Decíneo Catâneo, Paulo Hilário, João Rodrigues Filho, Francisco Valente Lemos, José Pichelli, David Nogueira, Francisco Pereira, Narciso Capeloto e outros (1991)

Fonte: Arquivo pessoal da senhora Marizi Inácia Michelim obtida e (05/2007)

Também de fundamental importância para que a emancipação ocorresse, foi o apoio do então Deputado Estadual Orlando Pessuti que, naquele momento, foi o autor do projeto para a emancipação. É pertinente relatar que a pessoa do Senhor

José Decíneo Catâneo, então prefeito de Cambira, colaborou assinando o documento em que Novo Itacolomi se desmembrava oficialmente de Cambira.

Itacolomi é um nome designado pela Companhia de Terras e, na língua Tupi-Guarani, significa: “Ita” = Pedra e “colomi” = fogo. Pedra de fogo, portanto, todavia existem controvérsias quanto ao seu significado.

A palavra “Novo” passou a fazer parte do nome da cidade, após a instalação do município, quando se realizou, com a população, uma consulta para troca de nome, uma vez que já existe outra localidade, em Minas Gerais, com o nome Itacolomi. Tal circunstância levou então, à decisão de acrescentar a palavra “Novo”, passando então à denominação de Novo Itacolomi.

3.3.2. A História de uma Terra e de um Povo

Embora naquele momento de início de colonização (final da década de 1940), fosse apenas um povoado, Novo Itacolomi nasce da mesma forma que se iniciava uma grande cidade projetada.

A mata fechada, tomava conta das terras desta localidade, embora fosse aos poucos sendo derrubadas pelo golpe do machado, conforme se pode observar através da foto 4.



Foto 4 - Fotografia datada de 1947 mostra a região de Novo Itacolomi, quando ainda pertencia ao Município de Apucarana. O que se vê são apenas pessoas dentro da mata no momento em que se ia iniciar a derrubada para começar a instalar as casas na zona rural próxima ao povoado de Itacolomi (cerca de 3 km)

Fonte: Arquivo pessoal da senhora Cecília de Lima Delgado obtida em (02/2007)

Novo Itacolomi, foi fundado pela CMNP e segundo arquivos de sua Prefeitura, o nome fora dado pela própria Companhia, que de início designou como Vila Itacolomy. Outras denominações, porém, foram dadas, como: Taquaras, Patrimônio das Taquaras, São Sebastião de Itacolomi, Itacolomi e Novo Itacolomi.

A planta inicial pode ser observada a partir da Figura 11:

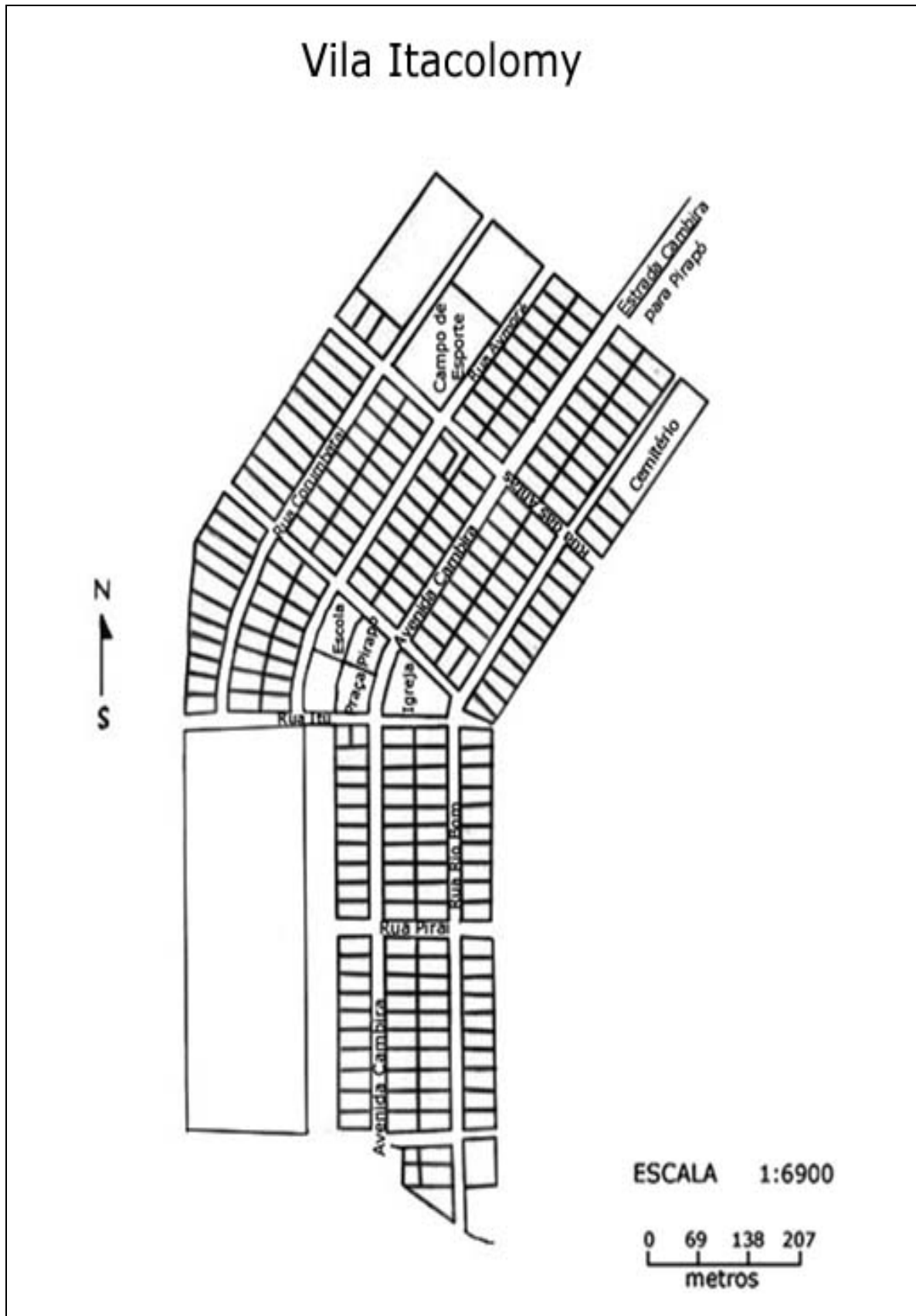


Figura 11 - Planta inicial da cidade de Novo Itacolomi

Fonte: Arquivos da Prefeitura do Município de Novo Itacolomi, data e ano desconhecidos.

Seguindo o modelo adotado pela CTNP, o povoado de Itacolomi, fora planejado no alto de um espigão, assim como a estrada que lhe dava acesso.

Segundo Capeloto (1998):

A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, não acreditava que pudesse surgir uma cidade tão próxima de Apucarana e de Jandaia do Sul. Assim, projetou a Vila Itacolomi, com 314.000m², equivalente a 12,97 alqueires, que hoje se constitui na sede do município de Novo Itacolomi (CAPELOTO, 1998, p. 5).

Conforme destaca a senhora Marizi Inácia Expedito Michelim (neta de pioneiros), em entrevista concedida no dia 27 de abril de 2007, os primeiros habitantes a fixarem residência nesta localidade, na década de 1940, foram os senhores Paulo Russo e Joaquim Coruja e, posteriormente, o senhor João Cordeiro e sua irmã Felisbina Cordeiro, além dos senhores: Pedro Pininga , Pedro Kossi, Francisco Colodino , José e Antônio Sotoski.

Segundo Capeloto (1998), a vinda dos mineiros para o então povoado de Itacolomi teve início quando passou por essa região no início da década de 1940, um viajante polonês e que ao passar por Bom Jardim de Minas falou sobre as terras ao senhor Adelino de Melo Franco, que então resolveu vir conferir de perto a qualidade das mesmas. Dando seqüência aos relatos da colonização desta área de pesquisa,(op. cit) relata:

O senhor Adelino de Melo Franco veio em 21/05/1947 até Bom Sucesso. De volta a Bom Jardim de Minas, comunicou aos amigos. Eles aqui vieram, visitaram Antonio Mendonça, em Mandaguari, que lhes indicou um corretor de imóveis, o qual lhes vendeu 20 alqueires, sendo eles os senhores Domingos Carlos, Adolfo Marcelino de Almeida, Izaltino de Almeida e um quarto ao próprio senhor Adelino, mesmo sem conhecimento. O senhor Paulo Russo (apelido) era proprietário de um bar e dava pousada aos forasteiros. O corretor era o senhor Benevides Mesquita. No mês de agosto de 1947, o senhor Cabral Ribeiro Franco chegou a Itacolomi (CAPELOTO, 1988, p. 39).

Capeloto (1998) ainda continua esclarecendo melhor como tais fatos ocorreram ao afirmar que:

Em 1948, o senhor Adelino comprou, em sociedade com Manoel Carlos, 100 alqueires, sendo 67 para ele e 33 para o outro.(...) O senhor Adelino de Melo Franco veio de São Paulo, encontrou-se com Crispim Pereira e os dois vieram para Bom Sucesso, onde os aguardava o senhor Agnaldo Pereira Leite, fazendeiro. Aqui andaram conhecendo a região, da qual ele muito gostou (CAPELOTO, 1988, p. 39).

Ainda, em se tratando do início de colonização desta localidade, segundo informações prestadas pela senhora Nair Pereira Franco (Foto 5) em entrevista concedida no dia 29 de abril de 2007, após 1948, vieram outros mineiros como: o senhor Nicodemes Pereira Chaves com sua esposa Maria Balbina de Melo, os quais compraram lotes de terras vizinhos, na divisa com o povoado de Itacolomi e ali fixaram suas moradias.

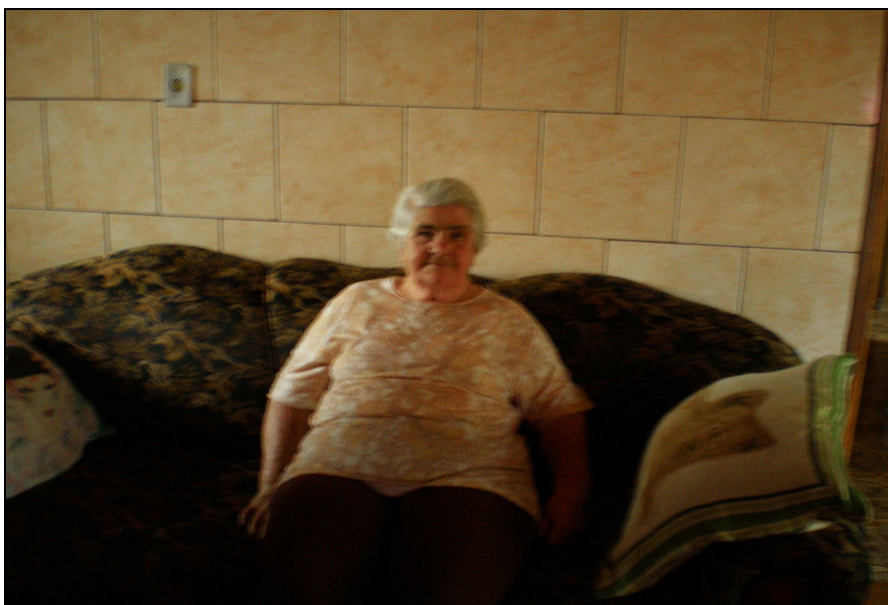


Foto 5 – A senhora Nair Pereira Franco no dia da entrevista, 29/04/07, ela que ainda reside no mesmo local quando da chegada do Estado de Minas Gerais
Autora: Delgado, E.N.F. (2007)

O senhor José Pereira Franco, filho de pioneiro conta que, inicialmente, sua casa era de pau a pique e coberta com” tabuinhas,” extraídas da própria floresta e que foram desbravando floresta adentro a poder de golpes de machado e uso de traçador manual e introduzindo nas atraentes “terras-roxas”, cultivo de café, milho, arroz e feijão para subsistência. Essas terras segundo ele produziam tudo o que plantava. As matas recém derrubadas davam lugar as lavouras, conforme se pode observar por meio da Foto 6.



Foto 6 - Filhas de pioneiros em meio à roça nos primeiros anos de cultivo da terra. Aspectos da mata recém derrubada

Fonte: Arquivo pessoal da senhora Nadir Carlos obtida em (06/2007)

Nessas novas terras, passados alguns anos foi introduzido pelos agricultores locais o plantio da cultura do café, afinal foi à propaganda atrativa do plantio dessa cultura que os atraiu para tal localidade. Passados alguns anos, tal sonho passou a se tornar realidade e, como resultado do plantio, vieram as primeiras colheitas, conforme se comprova por meio da Foto 7.



Foto 7 - Família do senhor Domingos Carlos em meio ao terreirão de café em uma das primeiras colheitas -1952

Fonte: Arquivo pessoal da senhora Nadir Carlos obtida em (06/2007)

Segundo contam antigos moradores desta localidade, como a senhora Maria Nabarrete Franco, as dificuldades de locomoção existentes aqui, no início dos anos de 1950 eram muitas; quando alguém ficava doente era preciso andar no lombo de burros ou mulas pelo menos de sete a dez quilômetros, para se chegar até a farmácia mais próxima, que era no patrimônio de Sete de Maio, ou alugar um dos seis únicos automóveis existentes, os *Jeeps*, e ir até a cidade de Apucarana, ao qual era longe daqui, enfrentando o barro e ou a poeira da longa e dificultosa estrada de terra. (depoimento concedido em 18/03/2007).

Conforme se pode observar, para chegar a cidade de Apucarana, as pessoas tinham que percorrer quase quarenta quilômetros em estrada de terra, uma vez que não existia ainda a Rodovia do Milho. Os que vieram para tal localidade enfrentaram adversidades de todo o tipo, pois a distância para uma cidade maior e com maiores recursos, fazia com que a população enfrentasse muitas dificuldades..

A falta de infra-estrutura, aliada às dificuldades econômicas, fez com que muitas famílias trabalhassem pesado, caminhando a pé cerca de dez a doze quilômetros por dia, cortassem de machado o dia inteiro e, à tarde, fizessem o mesmo trajeto de retorno para casa a pé, passando por caminhos improvisados num sobe e desce do relevo acidentado.

A propaganda realizada pela CTNP era muito atrativa e atraía, sobretudo os habitantes da região do sul de Minas Gerais, e foi, em grande quantidade, que de Bom Jardim de Minas e Taboão partiram para Novo Itacolomi boa parte de seu povo.

Também por volta de 1948, segundo depoimento da senhora Cecília de Lima Delgado, em entrevista concedida no dia 01 de maio de 2007, veio da localidade de Taboão o fazendeiro Senhor Adolfo Marcelino de Almeida com seus filhos Geraldo Almeida Delgado e Teódolo Almeida, com a finalidade de adquirir “terras roxas e planas”, diferentes daquelas que possuía em Minas Gerais. Adquiriu os lotes de terras com o intuito, sobretudo, de plantar café, porém, o destino traçou-lhe um caminho diferente, e este veio a falecer em 23 de março no ano de 1949, deixando aqui seus filhos que deram continuidade, colocando em prática, seu sonho de colonizador.

Uma das grandes dificuldades encontradas pelos colonizadores, era o meio de transporte, então o senhor Adolfo Marcelino de Almeida, adquiriu um caminhão em sociedade com outras pessoas a fim de realizar o transporte de pessoas até as cidades de Cambira e Apucarana, conforme se pode comprovar com a imagem fotográfica daquela época (Foto 8).



Foto 8 - Primeiro meio de transporte: o caminhão que transportava pessoas até Apucarana e que fora adquirido pelos primeiros moradores que aqui chegaram
Fonte: Arquivo pessoal do senhor Adolfo Marcelino de Almeida obtida em (07/2007)

Um dos fatores que chama atenção com relação à população atual de Novo Itacolomi, é o elevado número de pessoas descendentes de mineiros e que preservam vivos os usos, costumes, tradições, cultura e boa culinária mineira, uma vez que as famílias que primeiro vieram eram parentes umas das outras e muitos se casaram na própria família.

Não foram, entretanto, só os mineiros que se deslocaram para esta localidade, chegaram também os paulistas, nordestinos, os paranaenses do sul entre outros, que enfrentaram iguais dificuldades enfrentadas pelos mineiros e que também derramaram seu suor através um árduo trabalho, vivendo em humildes residências, plantando, sobretudo o café, que mais tarde fez com que esse povo vivesse com um pouco mais de tranqüilidade (Foto 9).



Foto 9 - Primeiras residências rurais do povoado de Itacolomi – Na imagem, a família do senhor Manoel Moreno Quevedo; Dona Justa Nabarrete Peres e filhos pequenos.
Fonte: Arquivo pessoal da senhora Maria Nabarrete Franco obtida em (10/2006)

Embora com toda dificuldade encontrada, o povoado planejado pela CTNP foi aos poucos crescendo. Atraídos pelos próprios parentes, muitas pessoas foram chegando e comprando lotes na zona urbana e foram fixando residências e estabelecimentos comerciais - as chamadas vendas (Foto 10).



Foto 10 - Antigo comércio do patrimônio de Itacolomi, datada do ano de 1958. Na foto, o senhor Pedro Benício de Oliveira na porta esquerda (de calça branca). Ele era dono deste estabelecimento, onde se vendiam tecidos e confecções de um modo geral.

Fonte: Arquivo pessoal do senhor Sidney de Oliveira Ribas obtida em (06/2007)

Nesta época, as ruas ainda eram bastante rudimentares, os poucos estabelecimentos comerciais da época se concentravam na avenida principal.

Como a fé católica sempre foi expressiva nesta localidade, de início, por volta de 1950, o senhor Domingos Carlos, com a comunidade da época, iniciou a construção de uma pequena capela de madeira, no local já planejado pela Companhia para ser construída uma igreja, o que Capeloto (1998), confirma em seus relatos, afirmando que, “ em 1952, fincaram um cruzeiro e construíram uma igreja, posteriormente demolida, onde se situa a atual Matriz de Novo Itacolomi.



Foto 11 - Crianças vestidas de anjo em procissão religiosa na principal avenida do patrimônio de Itacolomi.

Fonte: Arquivo pessoal do senhor Sidnei de Oliveira Ribas obtida em (06/2007)



Foto 12 - Primeiro cruzeiro de Novo Itacolomi

Fonte: Arquivo pessoal do senhor Sidinei de Oliveira Ribas obtida em (06/2007)



Foto 13 - Primeira capela construída no povoado de Itacolomi
Fonte: Arquivo pessoal do senhor Sidnei de Oliveira Ribas obtida em (06/2007)

Neste mesmo local, nos dias de hoje é que fica localizada a Paróquia de Nossa Senhora da Glória (Foto 14).



Foto 14 - Igreja de Nossa Senhora da Glória de Novo Itacolomi em 2007
Fonte: Arquivo da Prefeitura de Novo Itacolomi (2007)

Por volta de 1965, as florestas estavam praticamente todas derrubadas e em seus lugares, plantados os cultivos de arroz e feijão, além do café que ocupava a maioria das terras altas da região. Faziam parte também deste cenário paisagístico, as pastagens que abrigavam os animais usados para prepararem a terra a fim de poder realizar o cultivo das próprias lavouras. Como exemplos desses animais, podem ser citados os muares e eqüinos, além do gado bovino que tinha, entre outras utilidades, a de arar a terra para o plantio dos cereais, além de servirem como meio de transporte, uma vez que puxavam os chamados “carros de boi”, conforme se pode observar pela foto 15.



Foto 15 – Carro de boi utilizado nos primeiros tempos de colonização. Por ele era feito todo tipo de transporte de cargas, mercadorias e até pessoas. Este carroção ainda existe e pertence à fazenda São Geraldo

Autora: Delgado, E.N.F. (2007)

As pastagens ocupavam , assim como na atualidade, as terras tomadas por um relevo mais acidentado.

A boa fertilidade das terras fazia com que a produção do café fosse alta, permitindo que com duas ou três colheitas, o agricultor conseguisse pagar suas

próprias terras, ou até comprar novas (Foto 16). Não era preciso gastar com adubos e defensivos. Trabalhavam como meeiros, porceiteiros e arrendatários. A produção de café empregava famílias inteiras.



Foto 16 – Terreirão de Café

Fonte: Arquivo pessoal da senhora Nadir Carlos obtida em (06/2007)

Passos (2001, p.5) evidencia claramente a questão dos sentidos migratórios e, de acordo com o referido autor, essa atração populacional que toda a região norte do Estado do Paraná proporcionava através da terra-roxa e, conseqüentemente, com o plantio da lavoura do café - e que aconteceu aqui também no então denominado povoado de Itacolomi, no período compreendido entre final da década de 1940 e o início da década de 1970 - recebe a denominação de sentido centrífugo, uma vez que era região de atração populacional.

Os moradores, descendentes das famílias pioneiras, contam que o café começou a apresentar sinais evidentes de decadência após as intensas geadas que

assolaram estas terras, fazendo entre outros fatores, com que o ciclo cafeeiro em todo o norte do Paraná, findasse.

Na década de 1960, ocorreram várias geadas, mas os cafezais ainda resistiram parcialmente e continuaram a produzir mesmo que em menor escala. Ocorreram também problemas na conjuntura política e econômica mundial que afetou o comércio cafeeiro fazendo com que muitos cafeicultores cortassem seus cafezais. Porém, foi no ano de 1975, que a geada pôs fim em definitivo aos sonhos dos cafeicultores, o que causou como resultado, uma brusca mudança na paisagem local, uma vez que cultivos como a soja, e o milho foram introduzidos.

Com o fim dos cafezais devido ao fim de maturação dos pés, associado à recém geada ocorrida e, somado-se a conjuntura político-econômica mundial que dificultou os bons preços no mercado, muitas famílias se viram obrigadas a abandonar o campo e ir para os grandes centros, intensificando o processo do êxodo rural que ocorreu de forma expressiva nas regiões onde não existiam mais os cafezais. Como não existia, naquele momento, nesta região, uma cidade que abrigasse, empregando toda essa população que se viu expulsa do campo, esta viu-se obrigada a procurar moradia nos grandes centros, como na Grande São Paulo.

Conforme relato feito pelo padre Pedro Beltrame, pároco da Paróquia Nossa Senhora da Glória de Novo Itacolomi, em entrevista concedida no dia 15/04/07, no ano de 1973 quando ele assumiu a paróquia, o distrito de Itacolomi apresentava um contingente populacional de 11.000 habitantes. Segundo ele, esse total era superior à população da sede do município, Cambira. Afirmou ainda que a área territorial que pertencia a Paróquia era igual à área do distrito, o que faz com que essas informações comprovem a intensidade com que ocorreu o êxodo rural desta localidade.

Outro fator que impulsionou o êxodo rural neste município foi a mudança na legislação trabalhista, pois muitos proprietários rurais não tendo como arcar com as despesas trabalhistas, passaram a dispensar e não empregar mais famílias em suas propriedades; muitos preferiam deixar a propriedade no abandono, a deixá-la aos cuidados de empregados.

Ainda se faz necessário ressaltar que, com a substituição dos cafezais por outros cultivos, houve como consequência, além da baixa de poder aquisitivo da população, o uso da mecanização agrícola, que se responsabilizou por desempregar também um grande contingente populacional, uma vez que a máquina enquanto objeto, não apresenta os problemas que um ser pensante possui, além de não reclamar e nem causar transtornos trabalhistas.

Cabe ressaltar que, devido ao fato de o município de Novo Itacolomi ter sido criado em 1990, não existem, em separado, dados populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes a esta localidade, existindo apenas dados diferentes daqueles contabilizados pelos censos realizados em 1996 - com o objetivo de se efetuar a contagem populacional do novo município - e do último censo que foi realizado no ano 2007. Tais dados podem ser confirmados através da Tabela 1.

Tabela 1 – Evolução Populacional do Município de Novo Itacolomi IBGE (1996/2000/2007).

ANO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	POPULAÇÃO TOTAL
1996	857	2143	3000
2000	1261	1608	2869
2007	1179	1564	2743

Fonte: Censos Demográficos do Município de Novo Itacolomi, IBGE (1996/2000/2007).

Conforme se pode observar, mesmo após ter sido criado o município de Novo Itacolomi, o êxodo continuou a existir, principalmente entre a população rural.

Esta continuou saindo da “roça” e indo procurar uma vida melhor nas cidades vizinhas, principalmente em Apucarana e Arapongas, esta última, tem sido a campeã em receber Itacolomiense.

De acordo com dados da Tabela 1, nos últimos sete anos, o município perdeu cento e vinte e seis pessoas. Isto tem feito com que o município também enfrente o problema de se conviver com uma população adulta, pois os jovens, devido ao fato da cidade local não ofertar muitas opções empregatícias, são os que mais rápido saem de casa. Assim que terminam o Ensino Médio, muitos se vão e, dificilmente, voltam, fazendo com que a cidade durante a semana fique um tanto vazia, pois aqueles jovens solteiros, só vêm nos finais de semana visitar os familiares.

Como consequência desses fatores é que, na atualidade, Novo Itacolomi é um dos municípios paranaenses de menor contingente populacional do Vale do Ivaí e de todo o Estado do Paraná.

Pode-se afirmar que após a década de 1980, começou a ocorrer, nesta localidade, o segundo ciclo migratório. Este não só tinha como característica expulsar pessoas para as grandes capitais, como no caso a cidade de São Paulo, mas também para mais perto; sobretudo aos municípios vizinhos.

Cabe ressaltar que nos últimos anos, o número de pequenas empresas vem aumentando no município e vem empregando parte da mão-de-obra disponível. O município dispõe de um pequeno Parque Industrial (Foto 17) e, no momento, possui empresas nos setores de confecções, móveis e alimentícios (doce de leite), além de outras em fase de instalação. Conforme relato do prefeito municipal, o senhor Moacir Andreolla, oferece um total de aproximadamente 200 empregos, que já ameniza bastante o *déficit* empregatício do município.



Foto17 – Vista do Parque Industrial de Novo Itacolomi
 Fonte: Registrado pela autora durante trabalho de campo em 11/07/2007

A instalação do Parque Industrial, aliada ao incentivo e instalação das pequenas indústrias, tem contribuído para o retardo do êxodo rural no município, que segundo o IPARDES (Instituto Paranaense de Pesquisa e Desenvolvimento Econômico e Social, 1999), seria ainda maior. Os números relativos a estimativa populacional, embora tenham aumentado (Tabela 1), não alcançaram à projeção feita por esse mesmo órgão, conforme se pode observar na Tabela 2.

Tabela 2 –Projeção populacional do município de Novo Itacolomi (2000/2010)

ANO	POPULAÇÃO
2000	2672
2002	2501
2004	2352
2006	2195
2008	2023
2010	1887

Autora: DELGADO, E. N. F. (2007)
 Fonte: IPARDES, (1999)

Relacionado ao desenvolvimento das cidades, George (1980, p. 32) relata que não importa a época em que ocorram, as cidades se definem em função de suas formas de vida econômica e social. Sendo assim, o desenvolvimento econômico da cidade de Novo Itacolomi se dará no momento em que economicamente estiver bem estruturada, por meio do aumento de empregos gerados pela indústria local, o que fará com que aumente o poder aquisitivo da população, resultando em reflexos positivos na própria indústria e no comércio de um modo geral. Além do mais, repercutirá também na contenção do êxodo rural de uma forma mais expressiva, pois a população jovem não mais precisará sair do município para conseguir um emprego.

Outro fator relacionado à definição das cidades e que se caracteriza nesta área em estudo, está relacionado à área rural do município, onde o êxodo é bem mais expressivo que na área urbana, uma vez que a maioria das pessoas que moram na zona urbana do município já está empregada, tendo menos dificuldade para sobreviver.

Nos últimos anos, tem-se adotado no município uma política voltada a conter o êxodo rural através do apoio e incentivo por parte da prefeitura local com a implantação de culturas e atividades alternativas, o que tem apresentado resultados satisfatórios, amenizando a situação.

Ao expor estes aspectos da história agrária e urbana paranaense, na qual Novo Itacolomi está inserido, é possível entender que o processo de ocupação realizado pela Companhia de Terras trás reflexos diretos ou indiretos na qualidade de vida da população desta área de terras por ela colonizada.

Como parte integrante desta pesquisa, é pertinente aprofundar as discussões relativas à ocupação do sítio urbano de Novo Itacolomi, uma vez que o

contexto urbano reflete as condições socioeconômicas rurais, devido serem ambos os elementos indissociáveis de uma paisagem. Assim sendo, optou-se por analisar aspectos da ocupação do sítio urbano de Novo Itacolomi, os quais serão melhor detalhados na parte 4 desta pesquisa.

4. ASPÉCTOS GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI

4.1. Ocupação do Sítio Urbano e Localização do Município de Novo Itacolomi

De acordo com Capeloto (1998), a Vila Itacolomy nasceu do descrédito por parte da Companhia, que uma cidade viesse a se desenvolver perto de Apucarana e Jandaia do Sul. Esta, como as demais pequenas cidades da época planejadas pela Companhia, obedeceu a um projeto urbanístico previamente estabelecido. Conforme observações do relevo local, a cidade assenta-se sobre o divisor de águas dos rios Bom e Itacolomi, no segmento que, atualmente, localiza-se a avenida principal da cidade, sendo que, as águas que escoam a leste desta, possuem como destino final o rio Bom e as águas escoadas a oeste, possuem o rio Itacolomi como receptor.

O município de Novo Itacolomi localiza-se na região norte do estado do Paraná, mais especificamente na subdivisão conhecida como Norte Novo e

possui como áreas limítrofes os seguintes municípios:

- _ Ao norte: Cambira e Apucarana
- _ Ao sul: Borrazópolis
- _ A leste: Rio Bom
- _ A oeste: Marumbi e Kaloré

Localiza-se no eixo Apucarana- Borrazópolis, e é interligado a esses municípios pela PR 170 (Rodovia do Milho). Está distante da capital do Estado cerca de 395 quilômetros.

A área urbana do município, segundo IBGE é de 150,437 km². O ponto mais elevado na sede urbana é de 620,00 metros de altitude. O ponto de maior altitude do município encontra-se a 686 metros, na divisa com o município de Cambira, próximo à localidade de Sete de Maio. A localização do município de Novo Itacolomi está demonstrada através da Figura 12.

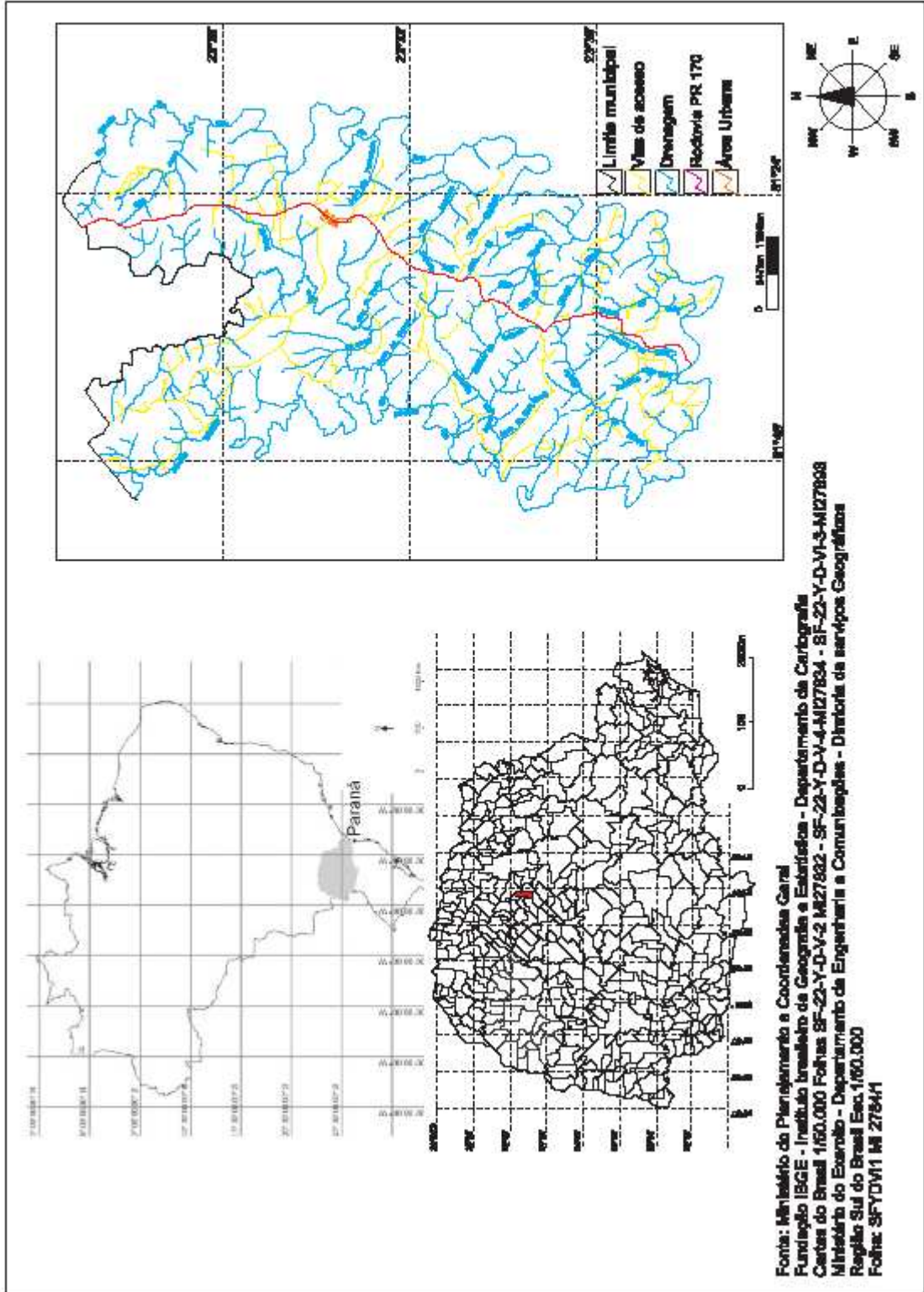


Figura 12 – Situação Geográfica do Município de Novo Itacolomi

O espigão ao qual se acentua a cidade de Novo Itacolomi apresentava uma parte plana concentrada no topo, o que favorecia a urbanização. Essa área era relativamente estreita, a partir da qual aumentavam progressivamente as declividades em direção às cabeceiras dos cursos d'água que nascem próximo ao divisor, onde em muitos locais, gera restrições geotécnicas e tornavam impróprias à urbanização.

As ruas de Novo Itacolomi, seguindo as diretrizes adotadas pela CMNP, foram traçadas procurando respeitar as características do relevo, e na medida do possível, sem afastar-se da configuração básica do arrumamento em “xadrez”, que facilita a implantação das redes de infra-estrutura, além de outras vantagens.

Ao longo do perímetro urbano de Novo Itacolomi, foram deixados pela Companhia de Terras, lotes reservados à construção de escolas, praças e da igreja matriz.

A Companhia Melhoramento Norte do Paraná, conforme mencionado em outros momentos nessa pesquisa, projetou Itacolomi, destinada a ser, pelo menos de início uma pequena cidade, com objetivo básico de inicialmente suprir a população dos gêneros alimentícios de primeira necessidade a que precisassem. Assim sendo planejou-a com uma pequena quantidade de lotes urbanos, que somavam um total de 241 lotes residenciais, duas praças planejadas, um campo de futebol, um lote destinado à construção da primeira escola, um cemitério, além de dois lotes grandes vazios para possíveis construções.

Assim, permaneceu, sem alterações no plano urbanístico da década de 1950 até início dos anos de 1990, quando então ocorreu a emancipação político-administrativa do município.

Novo Itacolomi a exemplo das demais cidades do Norte do Estado, sofreu as duras conseqüências do êxodo fator que ajudou a não deixar transparecer o *déficit* habitacional ocorrido ao longo de todos esses anos. Além do mais, outro fator que explica a ocorrência de tal fato, foi o tamanho dos lotes que a Companhia colocou a venda. Um lote original, por ela planejado, mede 800 m², um tamanho que pôde ser fracionado em dois ou até três, como já tem ocorrido.

Dentro desse contexto de urbanização lenta, faz-se necessário destacar que a cidade de Novo Itacolomi, enquanto distrito de Cambira, não oferecia empregos à população, o que não atraía novos moradores, sobretudo aqueles de outros municípios. Tal fato se dava em função de aqui não existir nesse período nem uma indústria sequer.

Nos anos de 1950, um fator climático ocorrido, caracterizado pelas fortes geadas de 1953 e 1955 devastou grande parte da cafeicultura e das lavouras, de um modo geral, da região e acarretou a redução do ritmo de crescimento das cidades, o que não foi diferente em Novo Itacolomi onde, além de não atrair população, perdeu grande parte da população rural para os grandes centros urbanos.

Segundo arquivos da Prefeitura de Novo Itacolomi, o primeiro loteamento desta localidade, só veio acontecer após a instalação da prefeitura municipal, o qual foi denominado de Núcleo Habitacional Domingos Carlos (Foto18) totalizando 71 unidades, o que ocorreu no ano de 1994.



Foto 18 - Vista aérea da cidade de Novo Itacolomi, área central com destaque para o Conjunto Habitacional Domingos Carlos ao fundo da imagem
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Novo Itacolomi (2007)

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no censo demográfico de 1990, a população de Novo Itacolomi, totalizava 2.986 habitantes, o que segundo o IPARDES (2006), apresenta uma densidade demográfica de 15,20 hab./km² e um total, na área urbana, de 1261 pessoas.

Novos lotes voltaram a surgir na cidade complementando o projeto que já havia sido iniciado no ano de 2002, quando foram construídas mais 15 unidades de casas populares, compondo o que veio a se chamar Moradias Antúrio, porém fazendo parte do Conjunto Habitacional Domingos Carlos.

E foi somente em 2007 (abril) que mais 21 unidades surgiram complementando então o espaço planejado para moradias no Conjunto Habitacional acima mencionado, totalizando até a presente data, 107 unidades residenciais.

Em relação ao número de loteamentos particulares, o primeiro surgiu em 2001, como subdivisão de lotes rurais, perfazendo um total de 11 lotes. Outros lotes

foram surgindo, mas, sobretudo, estruturados pela prefeitura local com o intuito de abrigar o Parque Industrial e mais um conjunto habitacional que aguarda liberação para construção de oitenta unidades, localizado na parte norte da cidade.

Ainda como parte integrante do período urbano da cidade está a Vila Rural Euza Borges Gomes, composta por 21 lotes e que se localiza na área nordeste da cidade, no perímetro urbano, uma vez que a Câmara Municipal desta Municipalidade votou e aprovou o projeto de incorporação da mesma ao perímetro urbano. (Figura13).

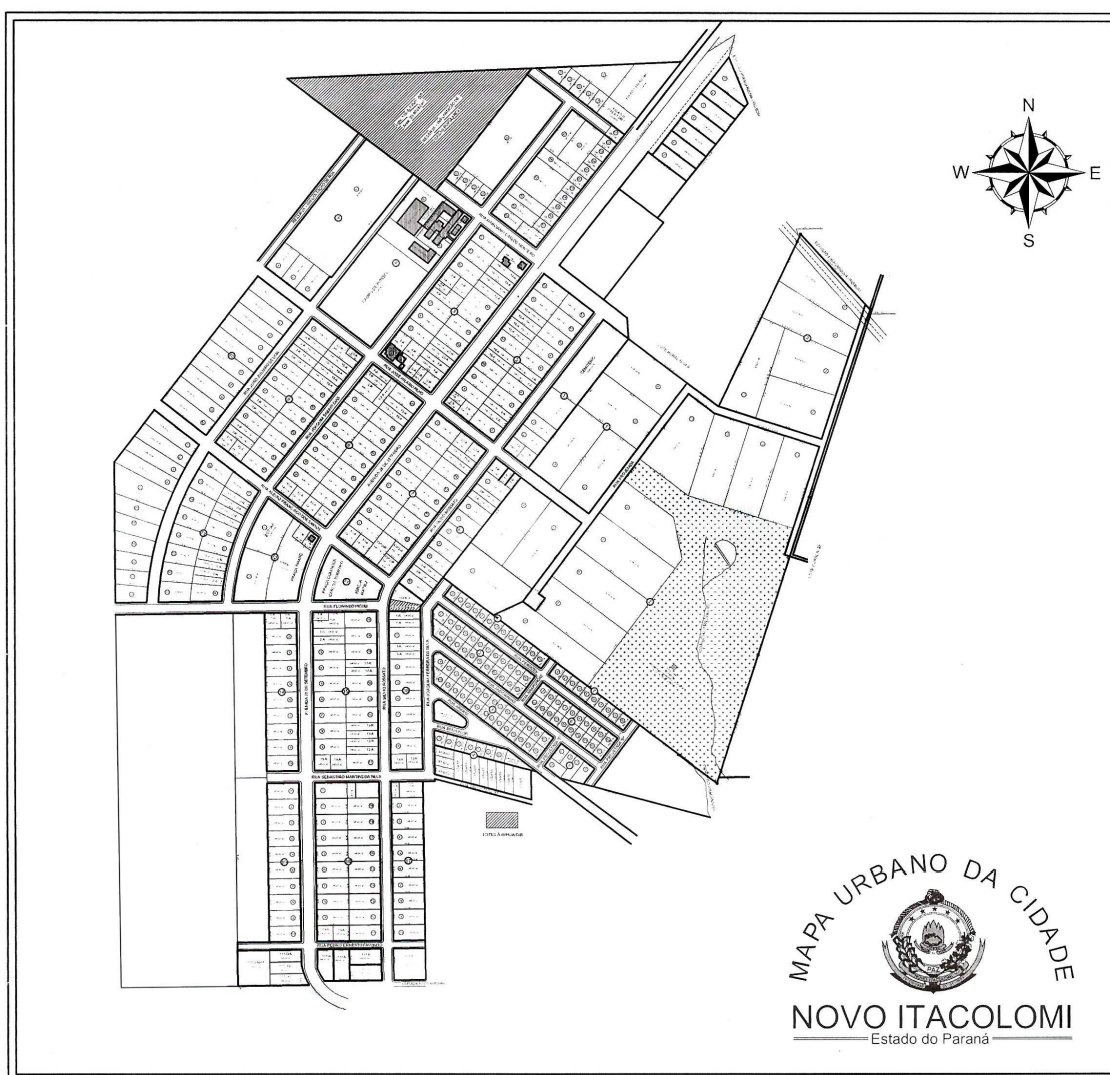


Figura 13 - Mapa urbano atual da cidade de Novo Itacolomi
Fonte: Prefeitura Municipal de Novo Itacolomi (2007)
Autora: Delgado, E.N.F. (2007)

Conforme Corrêa (1989, p. 11), o espaço urbano, mesmo que de uma pequena cidade é um produto social, resultante de ações de longo tempo, fruto da luta de muitos de que de uma ou outra forma, contribuíram para que houvesse um certo grau de desenvolvimento.

Muitas foram às pessoas que trabalharam para que houvesse aqui, o mínimo do conforto que uma cidade pode oferecer a seus habitantes. Nesse contexto, é pertinente ressaltar as palavras de Corrêa (1989, p.11):

“O espaço urbano capitalista fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campos de luta é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço”.(CORRÊA, 1989, p.11).

E foi dentro desse contexto social e político dos grupos sociais itacolomienses, que se explicam os fatos relacionados ao desenvolvimento da malha urbana de Novo Itacolomi, bem como de todo o município, uma vez que os reflexos da economia e da política local refletiram na evolução e crescimento do município, fazendo com que, por muitos anos, seu espaço urbano permanecesse praticamente inalterado com relação à criação de novos loteamentos e no surgimento de empresas.

Conforme imagem do *Software Google (Foto19)*, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 23° 45' 00" de latitude Sul e 51° 30' 00" de longitude Oeste. Fica distante do Trópico de Capricórnio cerca de 40 KM, uma vez que este corta territórios do município vizinho de Apucarana.



Foto 19 - Imagem de satélite da cidade

Fonte: Google Earth (2007)

Autora: Delgado, E. N. F. (2007)

O divisor principal de água (por sua vez delimitado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná) é cortado pela rodovia PR 170 – Rodovia do Milho que atravessa o município de Norte a Sul. A cidade de Novo Itacolomi situa-se no espigão entre as bacias dos rios Bom a Leste e Sul, e Itacolomi a Oeste. Ambos, pertencentes à bacia do rio Ivaí, dentro do complexo hidrográfico do rio Paraná.

Conforme se pode observar no mapa da Figura 14, o município de Novo Itacolomi possui como rio principal o Itacolomi, que atravessa seu território de Norte a Sul. O mesmo tem suas principais nascentes ao norte, no município vizinho de Cambira e sua foz deságua no rio Bom. Esses rios, além de sua importância como fontes de recursos hídricos, servem de divisa com os municípios vizinhos, uma vez que a maioria dessas acontecem por meios de rios.

Na área urbana do município, o uso do solo ocorreu através de loteamentos planejados, inicialmente no final da década de 1940 e início de 1950, quando aqui começaram a chegar os primeiros moradores. Esses loteamentos permaneceram inalterados até 1992, quando houve a instalação do município, o que acarretou um uso diferenciado do solo urbano, uma vez que por meio da instalação da Prefeitura, novos lotes foram criados com a chegada das primeiras setenta e uma unidades de casa populares.

Isso impulsionou ainda o loteamento, mesmo que pequeno, de lotes particulares para venda, resultando num pequeno crescimento da área urbana da cidade, ocupada pelo comércio e pelas primeiras indústrias.

Com relação à área rural, o uso do solo ocorreu na sua maior extensão através do desmatamento iniciado na década de 1950, com a finalidade quase que exclusiva do plantio do café.

Com as transformações ocasionadas pela chamada “revolução verde”, a partir da década de 1970, a modernização agrícola alcançou as propriedades do município causando intensa alteração no uso do solo.

Atualmente, no perímetro do município, as propriedades rurais estão inseridas numa grande diversidade de atividades, que foram motivadas com o intuito de conter o êxodo rural que era expressivo nesta localidade. Com a erradicação dos cafezais e a mecanização das lavouras, algumas propriedades desenvolveram o binômio soja – trigo/milho, além de cultivos de subsistência como arroz, feijão e café e outras, pastagens com criação de gado bovino nas áreas de relevo mais acidentado. Outras, nos últimos dez anos, iniciaram o plantio de cultivos alternativos como: maracujá e bananas, sem contar o grande número de agricultores que investiram na atividade avicultora através da instalação granjas. Ainda, um pequeno

número de sítiantes resolveu investir na sericicultura, apostando numa fonte maior de renda, além do plantio de áreas destinadas ao eucalipto com fins comerciais.

4.2. Características Físicas do Município de Novo Itacolomi

Novo Itacolomi situa-se na Formação Serra Geral, pertencente ao Grupo São Bento, em área de ocorrência de extensos derrames de lavas vulcânicas básicas (basalto e andesi-basaltos, associados a pequenas lentes de arenitos finos, ocorrido no período Juro – Cretácio da Era Mesozóica). Localiza-se no Terceiro Planalto Paranaense. Segundo Maack, (1981)

O Terceiro Planalto representa o plano de declive que forma a encosta da Serra Geral do Paraná, sendo denominada serra da Boa Esperança ou escarpa mesozóica. Esta escarpa é constituída por estratos do arenito São Bento Inferior ou Botucatu, com espessos derrames de lavas básicas muito compactadas de “trapp” do Paraná (MAACK, 1981, p. 414).

Ainda relacionado a esse assunto, Maack op. cit continua relatando que:

Apesar da uniformidade na conformação da superfície do Terceiro Planalto, limitado a leste pela serra da Boa Esperança, ou escarpa Triássico-Jurássica, observa-se uma divisão em vários blocos devido aos grandes rios que percorrem o planalto. Além deste, o Terceiro Planalto, devido à sua posição em latitude e altitude, estende-se sobre várias zonas climáticas (...) O grande bloco setentrional do Planalto do “Trapp” do Paraná estende-se a oeste do rio Tibagi, entre os rios Paranapanema e Ivaí até o rio Paraná (zona 5b) e é denominado planalto de Apucarana (MAACK, 1981, p. 83).

Apresenta uma conformação geral de um relevo que possui altitudes entre 400 a 686 metros, apresentando pequenos espigões com vales profundos em direção ao rio Ivaí. Confirmando tal afirmação, Maack (1981) afirma que:

A superfície do bloco de Apucarana (5b) evidencia ao lado dos pequenos espigões que constituem divisores de água secundários, apenas suaves colinas e platôs, com vales mais profundos em direção ao rio Ivaí. Não ocorrem linhas de serras elevadas acima do nível geral do planalto, que é cortado por um nível superior de

denudação visivelmente uniforme (pós gondwana Eo-terciário) (MAACK, 1981, p. 422).

Segundo Maack (1981, p. 85), localiza-se no Terceiro Planalto Paranaense ou Planalto do “trapp” do Paraná, no bloco do Planalto de Apucarana. Apresenta um relevo bastante movimentado, com declividade mais acentuada próximo ao curso dos rios Itacolomi, Bom e Marumbi: estes dois últimos servem de divisa entre municípios.

Na área de abrangência do município de Novo Itacolomi, ocorre uma geologia composta por rochas basálticas, bem como no leito dos cursos d’água, pode-se observar a presença do basalto vesicular, conforme as afirmações de Maack (1981):

(...) o terceiro planalto representa a região dos grandes derrames de lavas básicas do vulcanismo gondwânico do Pós-Triássico até o Eo-Cretáceo. As possantes massas de lava ascenderam através das fendas tectônicas de tração, que atualmente cruzam os planaltos rumo NW como diques de diabásio. (MAACK, 1981, p.424).

Os solos desta área em estudo apresentam características de uniformidade. Têm origem na decomposição do basalto. Apresentam uma coloração vermelho-arroxeadada e por isso se explica ser conhecido como “terra-roxa”.

Conforme relatos do senhor José Adalto de Almeida, técnico agrícola da EMATER de Novo Itacolomi em 2007, existe no município três tipos de solos: Neossolo (antigo solo litólico), Nitossolo (antiga Terra Roxa Estruturada) e Latossolo Vermelho.

Os Neossolos são encontrados no relevo mais acidentado, são os solos mais rasos, pouco espessos, pouco desenvolvidos e pedregosos. Situam-se nos topos íngremes associados a afloramento de rocha e campos de matações . O Latossolo Vermelho, nas partes mais altas do relevo e o Nitossolo, nos pontos de

meia encosta. Nas terras próximas dos cursos d'água ocorrem afloramentos rochosos, aparecendo aí os Neossolos Litólicos e, nas áreas de várzeas, solos hidromórficos.

Segundo a Embrapa (1999), os solos citados acima como existentes no município de Novo Itacolomi, recebem as seguintes denominações e constituições:

Neossolos – compreende solos constituídos por material mineral ou por material orgânico pouco espesso com pequena expressão dos processos pedogenéticos em consequência da baixa intensidade de atuação destes processos, que não conduziram, ainda, a modificações expressivas do material originário, de características do próprio material, pela sua resistência ao intemperismo ou composição química, e do relevo, que podem impedir ou limitar a evolução desses solos. Nitossolos – compreende solos constituídos por material mineral, com horizonte B nítico (reluzente) de argila de atividade baixa, textura argilosa ou muito argilosa, estrutura em blocos subangulares, angulares ou prismática moderada ou forte, com superfície dos agregados reluzente, relacionada à cerosidade e / ou superfícies de compressão. Latossolos – compreende solos constituídos por material mineral, com horizonte B latossólico imediatamente abaixo de qualquer um dos tipos de horizonte diagnóstico superficial, exceto hístico (EMBRAPA 1999, p. 94, 96 e 91).

No contexto fisiográfico da paisagem, é necessário também elucidar o clima e a vegetação, ambos, intimamente interagidos, uma vez que a vegetação é a expressão do clima em relação a alguns fatores como: a água (quantidade e disponibilidade), temperatura ambiente, altitude, latitude, entre outros. No estado do Paraná, a mata recobriu no passado a maior parte de sua área territorial, devido a fatores climáticos, conforme relata (TROPMAIR, 1990, p.79).

Durante o quaternário recente, ocorreram abundantes precipitações em regime de alternâncias climáticas que conseqüentemente permitiram o surgimento da vegetação de florestas, propiciando com que esta área se transformasse numa das áreas mais ricas de mata do Brasil, até poucos anos atrás, cerca de cinquenta anos, quando os colonizadores chegaram. (MAACK, 1981, p. 199).

A formação dessa exuberante formação vegetal que recobria o território paranaense é o resultado da interação de importantes fatores naturais, entre os quais se podem elucidar a altitude, a latitude, o clima e a formação pedológica.

Segundo Maack (1981), a vegetação predominante no norte do Paraná denomina-se de:

Mata pluvial-tropical dos planaltos do interior e do vale do rio Ivaí, desenvolvida sobre os férteis solos de terra roxa, provenientes da decomposição das lavas básicas da camada de "trapp", que representa uma variação da mata pluvial-tropical do litoral (MAACK, 1981, p. 233).

Conforme Silveira (1996, p. 77), a referida área se encontra numa região de transição climática. Essa transição, segundo as Cartas Climáticas do Estado do Paraná (IAPAR, 1978), apresenta-se como uma transição do clima subtropical úmido para o clima subtropical úmido mesotérmico.

Inserida nesse contexto de transição climática, e pela proximidade do Trópico de Capricórnio é que Monteiro (1968, p. 151) afirma que esta região está sujeita às massas de ar equatorial, tropical e polar, porém pode ocorrer maior influência da massa polar durante o inverno.

Conforme Rigon (2005, p. 66), a vegetação dessa região tem como característica a perda parcial das folhas durante a estação seca, principalmente onde os solos provêm de origem basálticas e areníticos, o que pode se confirmar através de Müller (1956):

"Na terra roxa", a mata latifoliada é constituída, no primeiro horizonte, por espécies de alto porte de 25 a 30 metros de altura, como a figueira branca (*Ficus pholiana* Mig) o pau d'alho (*Gallezia Gorazenrelobium ellipticum* Benth). O segundo andar é formado por espécies suscetíveis de atingir iguais dimensões das do andar superior se lhe forem dadas condições ecológicas favoráveis, tais como a canjerana ou canjarana (*Cabralea Cangerana* Sald) e o cedro branco (*Cedrela Fissilis* Vell). Vem a seguir o andar de predomínio das palmeiras (principalmente o palmito, *Euterpe Edulis*)

e as samambaias e, finalmente um andar herbáceo (MÜLLER, 1956, p. 51).

Conforme a classificação climática do estado do Paraná, baseado no sistema de Koeppen, adaptado por Maack (1981, p. 184), caracterizam-se dois tipos de climas como sendo predominantes nessa região:

1º Cfa (h) - que corresponde ao clima tropical de altitude, chuvoso, com verão longo e quente, sem estação seca. Em algumas épocas, podem ocorrer variações periódicas com inverno seco, e verão longo, quente e úmido, caracterizando o clima cwa, onde pode ocorrer 2 a 3 geadas noturnas. Índice pluviométrico acima de 1500 mm por ano.

2º Cfa – caracteriza o clima subtropical ou temperado úmido, sem estação seca, verão quente. Ocorrem de zero a três geadas noturnas ao ano, com índice pluviométrico superior a 1500 mm/ano. Apresenta temperaturas médias amenas e as precipitações ocasionam invernos mais secos, porém durante o restante do ano ocorrem bem distribuídas.

Wons (1982, p. 74) também faz um relato dentro desse contexto e afirma que: Apucarana está localizada em uma área de transição entre o clima Cfa e Cfb subtropical úmido mesotérmico, este situado nas terras mais altas dos planaltos.

Sendo, Novo Itacolomi vizinho de Apucarana, cerca de 25 Km e sabendo – se que os fenômenos naturais não obedecem limites criados pelo homem, acredita-se que Novo Itacolomi também esteja nesta área de transição, uma vez que os reflexos dessa transição podem ser sentidos “na pele” de toda a população, uma vez que o clima aqui é muito variável; as estações são muito mal definidas, a variação de temperatura em um mesmo dia é freqüente e a rigurosidade da temperatura

também chama a atenção: quando abaixa, é pra valer e quando sobe, também faz muito calor.

Pelo motivo de não existir no município uma unidade de estação meteorológica, infelizmente não foi possível quantificar através de tabela, os dados de temperatura, evaporação, insolação e umidade relativa do ar.

Também relacionado ao clima dessa área de estudo, Monteiro (1968, p. 151) afirma que a referida região encontra-se controlada por massas de ar equatorial, polar e tropical; sendo a massa polar a que mais interfere no inverno.

Relacionado às precipitações pluviométricas, Bigarella (1985, p. 54) enfatiza a ligação entre o regime pluviométrico com o ritmo tropical, onde se observa no inverno um curto período seco ou subseco, o qual é decorrente do clima tropical semi-úmido do Brasil Central. No norte do Paraná porém, esta estação seca tem pouca duração, pois o avanço das frentes polares compensa a ausência das chuvas, uma vez que nesse período, elas se intensificam.

Por outro lado, BERNARDES et al. (1978) apud SILVEIRA (1996, p. 78) enfatiza que a massa de ar Tropical Atlântica que impera de forma alternada durante o inverno com a massa Polar Atlântica na circulação atmosférica do Sul do Brasil, sofre um resfriamento basal ao atingir o continente. Em consequência, tende a estabilizar-se, uma vez que carregada de menor umidade em relação ao verão, se condensa ao transpor a Serra do Mar, precipitando a umidade e chega ao Norte do Paraná e Oeste paulista, bem mais seca.

É interessante destacar que nesta área em estudo, o município de Novo Itacolomi, a presença dos cafezais não é intensa como já foi no passado e, sendo a cultura dependente totalmente do clima, Silveira (1987, p. 118) faz uma observação

muito pertinente, ao explicar a posição do relevo como um fator determinante na ocorrência das geadas.

A autora constatou que nas bacias do rio Bom e do Cerne a concentração da cultura do café é menos expressiva que na bacia do rio Pirapó, uma vez que a posição latitudinal e a configuração topográfica com relação à exposição solar influencia, facilitando a entrada e saída de massas polares. Ela enfatiza que na bacia do rio Bom a incidência dos cafezais na atualidade é menor que na bacia do rio Pirapó e isso ocorre devido ser a bacia do rio Bom voltada para as direções Sul e Sudeste, facilitando a penetração da massa polar.

Cabe ressaltar que, nessa área de estudo, o município de Novo Itacolomi, se localiza uma parte da bacia do rio Bom e outra, refere-se à bacia do rio Itacolomi, ambas voltadas para as direções Sul e Sudeste, facilitando a ocorrência de massas de ar que facilitam a ocorrência das geadas, o que acarreta, como consequência, dificuldades para se cultivar a cultura do café.

Conforme Silveira (1996, p.81), “tanto o regime térmico como o hídrico de uma determinada área evidenciam-se através da cobertura vegetal”. E sendo assim, a área em estudo, de acordo com Maack apud Silveira (1996), embasado no mapa fitogeográfico do estado do Paraná afirma que a cobertura vegetal encontra-se no contato da Mata Pluvial Tropical dos Planaltos de Interior e matas secundárias predominantes nas zonas de araucária, porém esta vegetação encontra-se praticamente devastada, e em seu lugar, tomaram espaço às pastagens.

Para melhor entender a dinâmica da paisagem atual é imprescindível analisar o clima dos últimos anos, uma vez que, conforme Silveira (1996) o regime térmico, aliado ao hídrico é determinante na cobertura vegetal, e esta, por consequência, é uma das personagens principais do estudo paisagístico.

Assim sendo, é que se procurou elaborar a Tabela 3 através da composição dos dados pluviométricos no período compreendido entre 1975 e 2007, a qual tem por objetivo permitir uma visualização do comportamento das variáveis meteorológicas que, com o passar dos anos influenciaram na dinâmica da paisagem desta área em estudo; o município de Novo Itacolomi.

Tabela 3 - Dados Pluviométricos de Novo Itacolomi (1975 – 2007).

ANOS	PREC. ANUAL(mm)	MÁX.	DIA MÁX.	MAIOR PLUV. MENSAL MÊS/TOTAL(mm)		MAIOR QUANTIDADE DE DIAS CHUVOSOS MÊS / TOTAL	
				MÊS	TOTAL	MÊS	TOTAL
1975	-	-	-	*dezembro	424,7	março	31
1976	2.304,7	86,2	16/12/1976	janeiro	382,0	janeiro	18
1977	1.248,4	70,6	17/10/1977	janeiro	191,8	janeiro	13
1978	1.274,1	92,2	08/09/1978	março	249,2	fevereiro	10
1979	1.662,3	84,9	08/10/1979	outubro	291,4	Fev. – dez	12
1980	1.729,1	84,4	19/12/1980	setembro	213,3	dezembro	17
1981	1.583,8	79,0	23/02/1981	dezembro	296,1	Jan. – dez	12
1982	1.645,1	94,0	12/06/1982	junho	251,8	fevereiro	18
1983	2.704,2	88,6	25/06/1983	junho	497,9	junho	17
1984	1.993,7	110,8	13/12/1984	dezembro	346,6	março	12
1985	1.302,3	120,2	21/05/1985	maio	272,7	fevereiro	16
1986	1.893,3	94,2	11/11/1986	dezembro	304,3	fevereiro	20
1987	1.794,3	83,7	15/11/1987	maio	342,9	fevereiro	15
1988	1.338,1	70,0	30/05/1988	maio	269,3	maio	14
1989	1.908,5	90,3	27/10/1989	janeiro	342,0	janeiro	22
1990	1.961,2*	-	-	janeiro	464,9	janeiro	16
1991	1.405,2	68,9	24/12/1991	dezembro	306,3	março	13
1992	1.661,6	100,0	02/05/1992	maio	338,6	Mar.-set.	12
1993	1.655,1	77,2	08/09/1993	setembro	289,5	setembro	10
1994	1.649,5	98,3	25/05/1994	janeiro	324,5	fevereiro	17
1995	1.514,1	130,6	01/04/1995	janeiro	249,0	Janeiro	12
1996	1.555,6	72,9	17/03/1996	dezembro	294,7	janeiro	17
1997	1.801,0	122,1	05/06/1997	novembro	330,3	janeiro	17
1998	1.925,9	113,0	28/02/1998	setembro	320,2	março	18
1999	1.537,7	127,5	07/05/1999	fevereiro	299,2	fevereiro	15
2000	1.630,4	93,7	04/02/2000	janeiro	325,0	janeiro	17
2001	1.631,1	73,8	26/03/2001	fevereiro	286,2	fevereiro	14
2002	1.517,1	104,0	19/05/2002	maio	376,9	janeiro	12
2003	1.293,6	58,9	04/01/2003	janeiro	244,4	fevereiro	15
2004	1.787,8	154,1	10/12/2004	outubro	353,3	maio	11
2005	1.207,0	100,0	05/10/2005	janeiro	346,6	outubro	16
2006	1.230,4	58,6	10/02/2006	fevereiro	249,2	Fev.- nov.dez.	13
2007	**705,3	-	-	**fev.	256,9	*janeiro	14

(-) dados não disponíveis

(*) valor total consistido

(**) dados parciais

Fonte: SUDERSHA (2007)

Autora: Delgado, E. N. F. (2007)

Dos dados pluviométricos apresentados pela Tabela 3, merece destacar as variações existentes nos totais de chuvas no decorrer desses trinta e dois anos

analisados. Algumas peculiaridades chamam atenção como: o ano em que ocorreu maior precipitação; o de 1983 com um total de 2704,2 mm , já o ano em que ocorreu menor precipitação foi em 2005, com um total de 2207,0 mm .

Com relação ao mês em que ocorreu maior pluviosidade, destaca-se o mês de janeiro de ano de 1990, com uma precipitação de 464,9 mm e é pertinente destacar que o mês com mais dias chuvoso foi o de janeiro, ficando em primeiro lugar, já com relação à quantidade de dias chuvosos observou-se que foi o mês de março de 1975, com 31 dias, um fato pitoresco. Porém, vale lembrar que nem todos os meses com maior quantidade de dias chuvosos, foram os que obtiveram a maior pluviosidade, uma vez que meses que tiveram uma participação tímida no total de precipitação, apresentaram maior quantidade de dias chuvosos: (quantidade de dias diferente de quantidade de chuvas).

Entre 1990 e 2000, o destaque relacionado a pluviosidade foi para o ano de 1998, com 1925,9 mm e após esta data, ressalta-se o ano de 2004 com 1787,8mm.

Ainda vale destacar que os anos de 1988, onde a pluviosidade apresentada foi baixa, houve a incidência do fenômeno da *La Nina*. Já nos anos de 1989 e 1998 ocorreu o fenômeno do *El Niño*, o que se explica a alta pluviosidade.

Um outro fator que chama atenção é o declive na pluviosidade ocorrida nos anos de 2003, 2005 e 2006, intermediados por uma subida no ano de 2004.

Essa diminuição na pluviosidade dos últimos anos tem sido vivenciada no dia-a-dia dos agricultores e avicultores desse município, por meio da falta de água nas minas existentes na propriedade, o que será estudado com mais detalhes na próxima parte.

As características físicas de um relevo é fator fundamental para o entendimento dos fenômenos paisagísticos, uma vez que interferem nos fatores climatoedáficos e hidrológicos.

No caso específico do município de Novo Itacolomi, às peculiaridades do relevo estão interligadas a outros elementos para sua caracterização geral; assim sendo, optou-se pela apresentação da drenagem associada à hipsometria, à declividade e ao perfil longitudinal.

Para melhor caracterização do relevo desta área em estudo, optou-se por avaliar características gerais do relevo para a compreensão da dinâmica paisagística, aspecto fundamental desta pesquisa. Por isso optou-se em destacar o mapa de drenagem exposto na Figura 14, em seguida os mapas de hipsometria e declividade, respectivamente Figuras 15 e 16 nas próximas páginas.

Para a elaboração do mapa de drenagem foram utilizadas quatro cartas topográficas, uma vez que não existe em uma só carta a representação do espaço territorial do município. Três dessas cartas são de propriedades do IBGE: Cartas do Brasil 1975 folhas SF-22-Y-D- V-2 Mandaguari PR, SF-22-Y-D-V-4 Borrazópolis PR e SF-22-Y-D-VI-3 Rio Bom-PR do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral. Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Departamento de Cartografia. Além dessas utilizou-se uma quarta carta, de propriedade do Exército; SF -22-Y-D-VI-1 do Ministério do Exército – Departamento de Engenharia e Comunicações – Diretoria de Serviços Geográficos – Região Sul do Brasil – Escala de 1:50.000, que após digitalizadas foram exportadas para os *softwares Autocad* e *Coreldraw* para serem finalizados.

E para a elaboração dos mapas de hipsometria e declividade foram utilizados os *softwares* Global Mapper, *Autocad* 2006, SPRING (Sistema para

Processamento de Informações Georeferenciadas), além do Coreldraw 13. As imagens foram baixadas do site da NASA (www.nasa.com) e importadas no *Global Mapper*, onde foram geradas as curvas de nível em uma equidistância de 20m. Em seguida, foram importadas no SPRING onde foi gerada a grade mnt.

A) Drenagem

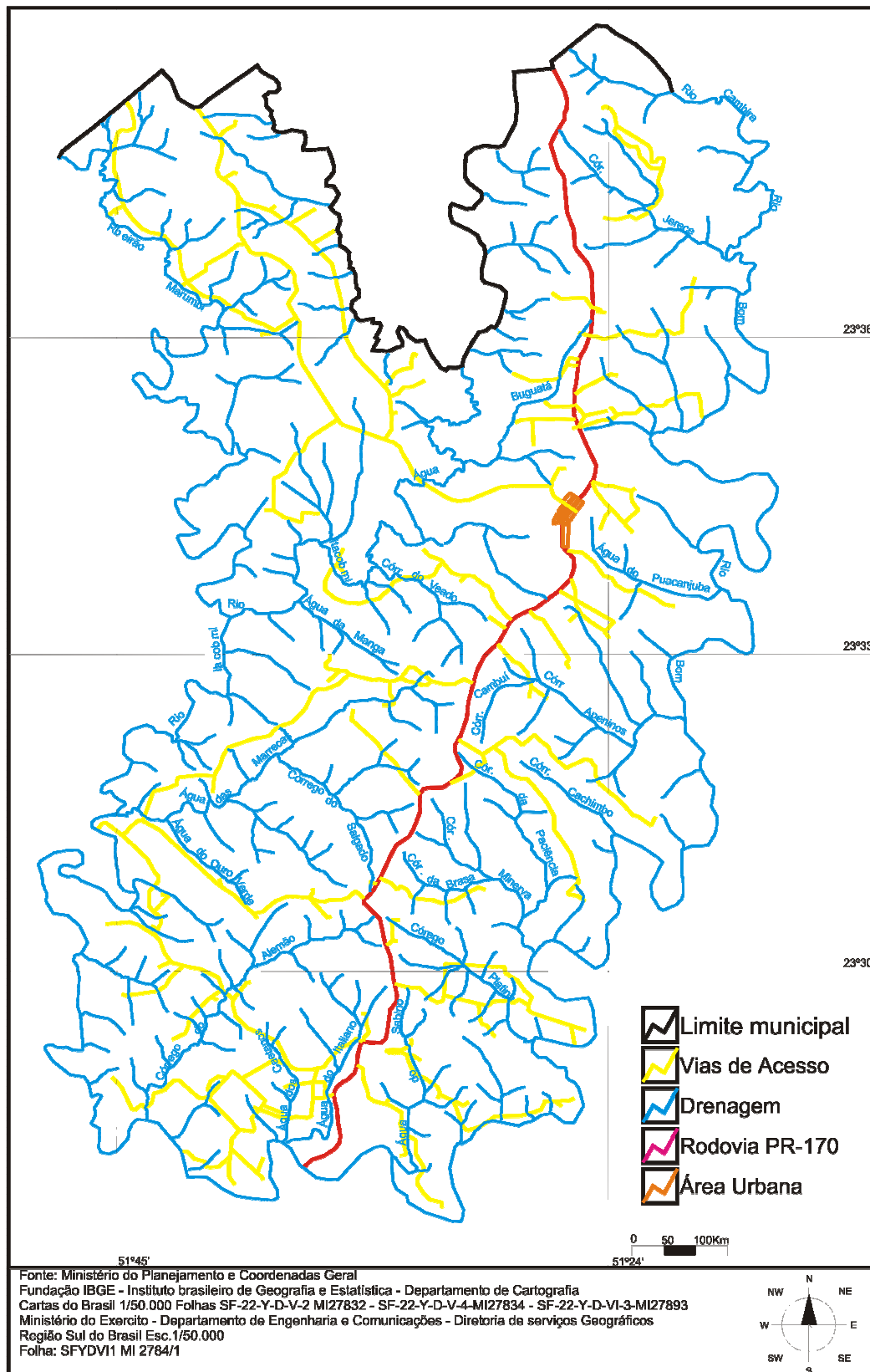


Figura14 – Mapa de drenagem do município de Novo Itacolomi

A área de drenagem representa a projeção horizontal entre os divisores topográficos. Conforme pode-se observar no mapa de drenagem (Figura14), o município de Novo Itacolomi possui como rio principal o Itacolomi, que atravessa este território no sentido Noroeste -Sudoeste. O mesmo tem suas principais nascentes ao norte, no município vizinho de Cambira e sua foz no rio Bom. É responsável por fazer as divisas com os municípios de Cambira e parte de Marumbí e fornece água para agricultores que possuem propriedades no seu entorno e ou possuem animais que fazem uso de suas águas.

A cidade de Novo Itacolomi possui uma característica hidrográfica importante: a divisória entre as bacias do rio Itacolomi e rio Bom é delimitada pela Avenida 28 de setembro no centro da cidade. A bacia deste primeiro rio é constituída de inúmeros pequenos córregos, embora estejam com suas margens bastante desprotegidas de matas ciliares. A parte da bacia do rio Bom que se localiza no município, abriga uma quantidade menor de córregos.

O relevo percorrido tanto pelo rio Bom como pelo rio Itacolomi, apresenta-se como bastante movimentado, com áreas mais baixas e planas próximos das margens dos rios, o que poderá ser melhor explicitado através da análise e interpretação do mapa de hipsometria exposto (Figura 15) .

As áreas planas próximas ao leito marginal de ambos os rios, formam as chamadas várzeas, sujeitas à inundação marginal nos períodos de enchentes, que ocorrem mais intensamente no período de janeiro a abril, porém voltando a normalidade em curto espaço de tempo.

É pertinente destacar que ambos os rios vem sofrendo as conseqüências da ocupação desordenada do solo, aspectos que são visíveis por toda a área drenada por ambos. Em visita de campo realizada na área próxima ao rio Itacolomi,

constatou-se a presença de gado bebendo água livremente, sem a presença de um corredor para delimitar a presença dos animais em sua margem, o que tem ocasionado maior erodibilidade das terras marginais, sem contar com a inexistência na grande maioria das margens da presença de matas ciliares, importante fator de preservação da fauna e flora, além de auxiliar no processo de contenção de assoreamentos. Muitos trechos de ambos os rios encontram-se nessas condições, conforme se pode observar na Foto 20.



Foto 20 - Ponte sobre o rio Itacolomi; pastagens até à margem
Fonte: Registrado pela autora durante trabalho de campo em 13/07/2007

Algumas medidas de proteção aos rios e mananciais do município têm sido iniciadas a partir da Promotoria Pública das cidades de Apucarana e Marilândia do Sul. Esta última efetuou a convocação no ano de 2006 de todos os proprietários rurais que permeavam as margens do rio Bom, para que iniciassem o plantio de matas ciliares em suas propriedades. Ainda estabeleceu um prazo para que todos regularizem a situação quanto ao plantio das mesmas.

Somando-se a essas medidas, o IAP (Instituto Ambiental do Paraná) por meio do escritório que jurisdiciona esta municipalidade, o escritório regional de Ivaiporã, tem exigido como obrigatório ao proprietário rural, que ao documentar sua propriedade agrícola, averbe na escritura a reserva permanente (como sendo 20%

do total da área do terreno) e da mata ciliar se esta propriedade for possuidora de fontes d'água e ou margear córregos ou rios, assegurando assim o cumprimento a lei.

B) Hipsometria do Terreno

Para Mendonça (1999, p. 71) a análise hipsométrica é de fundamental importância ao se estudar a paisagem quando ele ressalta que "a identificação e análise da hipsometria da bacia hidrográfica possibilitam a observação da variação altimétrica do relevo da área, fato importante na análise de processos relativos a dinâmica de uso e ocupação do solo e da formação de microambientes da mesma, dentre outros". E, como toda paisagem é composta por bacias hidrográficas, achou-se pertinente a referência de tal citação.

A observação e análises altimétrica e clinográfica de qualquer área, no caso, o município de Novo Itacolomi, representada pelos mapas de hipsometria e declividade (Figuras 15 e 16), servem antes de tudo para que se tenha uma apreensão mais específica e detalhada dos aspectos geomorfológicos, litológicos, pedológicos e hidrográficos, além da influência na sua dinâmica climática.

O intuito final das mesmas se presta à função iconográfica, além da contribuição para uma melhor interpretação da clinografia do relevo da área em estudo.

O mapa hipsométrico possui a mesma base cartográfica dos demais mapas utilizados nessa pesquisa e foi dividido em seis classes altimétricas: a primeira, entre 360 e 420 metros, próximos às margens dos rios Itacolomi e Bom; a segunda, entre 420 e 480 metros; a terceira, entre 480 e 540 metros, a quarta, entre 540 e 600

metros; a quinta, entre 600 e 660 metros e a sexta acima de 660 metros. É nesta cota altimétrica, que fica localizada a sede do município de Novo Itacolomi.

A divisão de 60 em 60 metros na carta hipsométrica foi fundamentada em Mendonça (1999, p. 71) ao afirmar que “a distribuição das classes de altitudes da microbacia, ou dos patamares hipsométricos, é uma eleição livre do pesquisador”. Portanto, o mapa hipsométrico deve, quando possível, ser elaborado levando-se em conta seu fluxo hídrico, o que facilitará a correlação desses aspectos considerados no estudo (FARIA, 2007, p.124).

Hipsometria

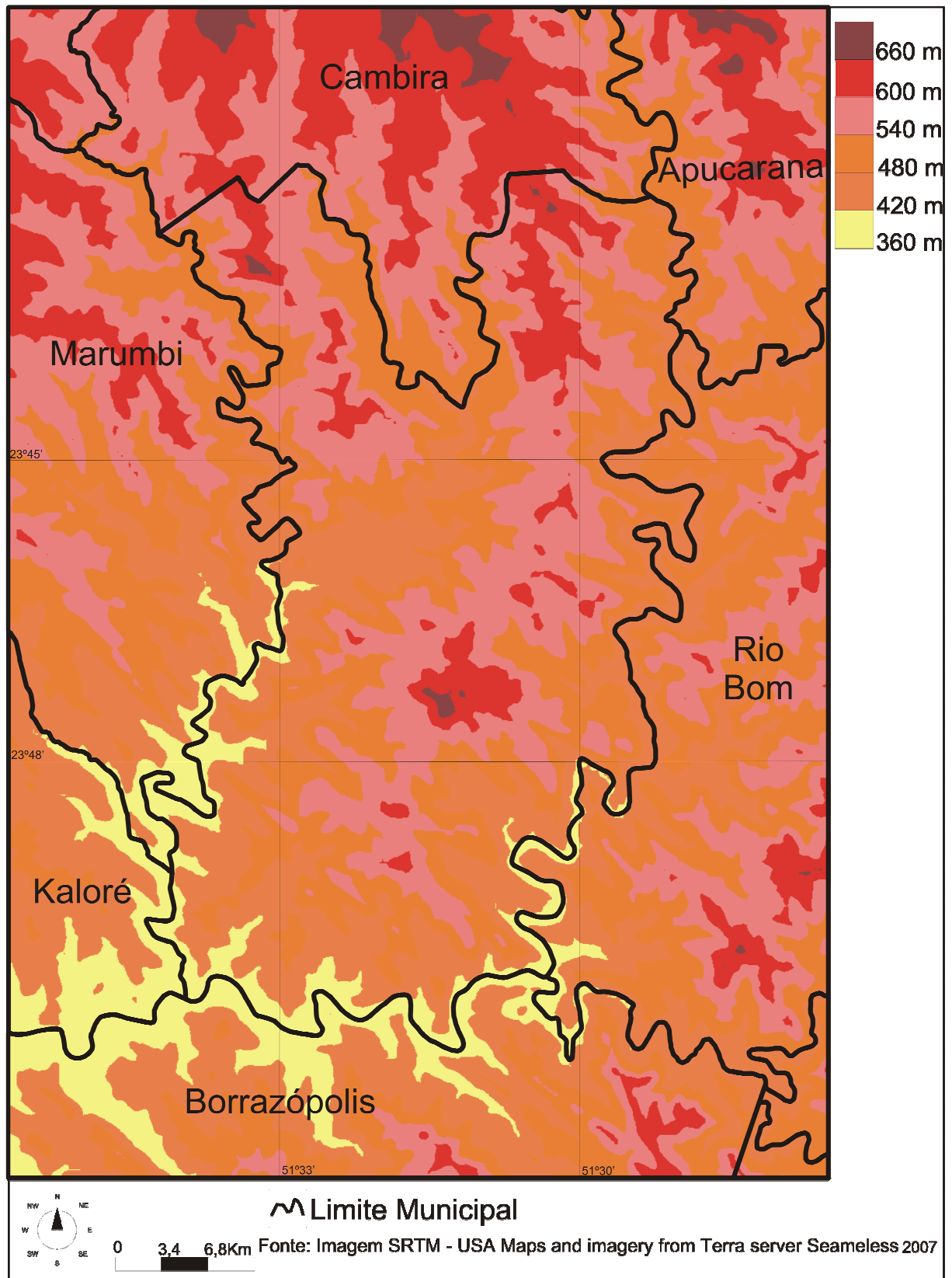


Figura15 – Mapa hipsométrico do município de Novo Itacolomi

C) Declividade da Área

Os terrenos da área em estudo apresentam-se como áreas de declives bastante acentuados. A maior parte do município apresenta relevo de difícil mecanização agrícola, o que tem feito com que a área de pastagens no município ocupe um tamanho muito significativo.

O mapa de declividade dos solos do município de Novo Itacolomi (Figura 16) foi construído levando em conta sete classes de declividade, a saber:

* 0 a 03%: é a área de declividade que menos se faz presente no município. É onde se localiza a cidade de Novo Itacolomi. Encontra-se presente nos topos dos divisores de água e dos interflúvios e próximo das margens dos rios. Ocupa aproximadamente 3 % do relevo.

* 03 a 08%: Estas declividades são encontradas principalmente nas médias vertentes e constituem espaço de grande aproveitamento econômico, uma vez que grande parte são terras mecanizáveis. Ocupam aproximadamente 10 % do relevo.

13 a 20% : são terras que ocupam aproximadamente 20% da área territorial do município, são parcialmente mecanizáveis, o que já dificulta o plantio de lavouras.

* 20 a 45% : constitui a maior parte do território, conforme demonstra o mapa da figura 16. Ocupa áreas íngrimes que constituem os morros e o relevo mais acidentado. Na sua maioria são ocupadas por pastagens. Ocupa aproximadamente 60% do relevo.

* 45 a 100%. São as áreas de relevo muito acidentado, não mecanizáveis, formadas basicamente de Nitossolos rasos com rochas expostas, muito comuns no município. Predominam as pastagens e ou reservas florestais da propriedade. Ocupa aproximadamente 5% do relevo do município de Novo Itacolomi.

* + de 100% : constitui a menor parte do território. São os locais muito íngrimes, nos topos de morros, impróprios a mecanização agrícola e de difícil acesso. Nestes locais ficam as maiores altitudes do município. Ocupa aproximadamente 2% do relevo.

Tais características clinográficas ao serem observadas dão uma idéia de quanto o relevo dessa área de pesquisa é acidentado. Predominam as áreas de pastagens, ficando a agricultura restrita aos locais de relevo menos acidentado. As áreas mais acidentadas, quando não estão ocupadas pelas pastagens, submete-se a reservas de preservação permanente.

As características morfológicas também influem na distribuição da cobertura pedológica, conforme já mencionado anteriormente. Quanto aos solos, encontra-se o Latossolo Vermelho encontrado principalmente nas cotas altimétricas acima de 500m, nos topos do divisor de águas e interflúvios, ou seja, nas áreas mais planas, com declividade entre 0 e 3%, em geral nos topos e altas encostas ; o Nitossolo Vermelho Eutrófico e/ou Distroférico (antiga Terra Roxa Estruturada) situa-se principalmente nas áreas com cotas altimétricas abaixo de 500m de altitude, com declividades acima de 3%, em todas as cabeceiras de drenagem, e em médias e baixas encostas que correspondem, respectivamente, aos seus terços médio e inferior; o Neossolo, predomina em grande parte do município, pois situa-se nos morros, onde há presença de rochas afloradas na superfície, são solos impróprios a agricultura devido serem pedregosos.

Declividade

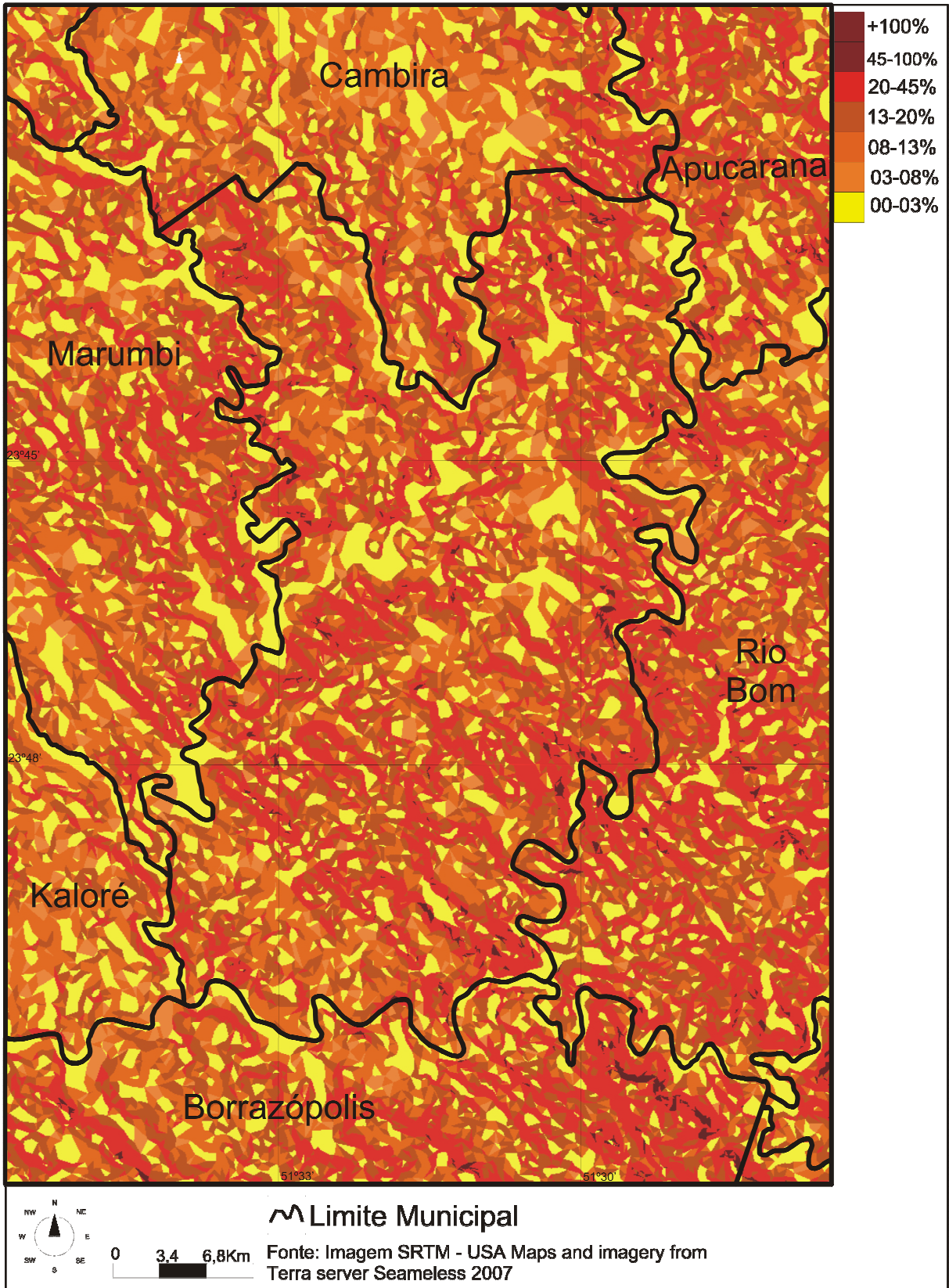


Figura 16 – Mapa de declividade do município de Novo Itacolomi

D) Perfil Longitudinal da Área

Os perfis topográficos do município de Novo Itacolomi, representados na Figura 17, foram construídos com o objetivo de melhor explicitar as condições reais do relevo. O primeiro que inicia no ponto 01 e vai até o ponto 02, demonstra a estrutura do relevo do município no sentido Noroeste – Sudeste e o segundo que se inicia no ponto 03 e termina no ponto 04, representa a estrutura do relevo no sentido Nordeste – Sudoeste.

O primeiro perfil; ponto 01 a 02, possui um comprimento total de 16,29km, distribuídos por um relevo cujas altitudes variam de 400 a 700 metros apresentando aproximadamente um desnível de 300 metros.

Nos primeiros 7,5 km o relevo não apresenta significativos desníveis permanecendo uma altitude que varia de 500 a 600 metros. Após 1,5 quilômetros no sentido Noroeste – Sudeste acontece um ligeiro desnível onde o declive se acentua em virtude da presença das águas do rio Itacolomi. Após essa quilometragem, o relevo começa novamente a se elevar alcançando sua máxima altitude por volta dos 13 km de comprimento, voltando a decrescer até o seu ponto mais baixo junto à margem do rio Bom (Ponto 2).

O segundo perfil, que tem início no ponto 03 e vai até o ponto 04, apresenta uma área maior de relevo, pois representa o município no sentido Nordeste – Sudoeste. Possui como área total 21,02 Km. As altitudes mais baixas encontram-se nos primeiros 2,5 km, próximas ao rio Itacolomi. Num contexto geral, são locais mais altos que os representados pelo primeiro perfil. Apresentam declives mais equilibrados, permanecendo a maioria das terras entre 500 e 550 metros de altitude. Os locais mais altos desse perfil localizam-se por volta dos 17,5 km sentido Nordeste, apresentando altitude de 650 metros.

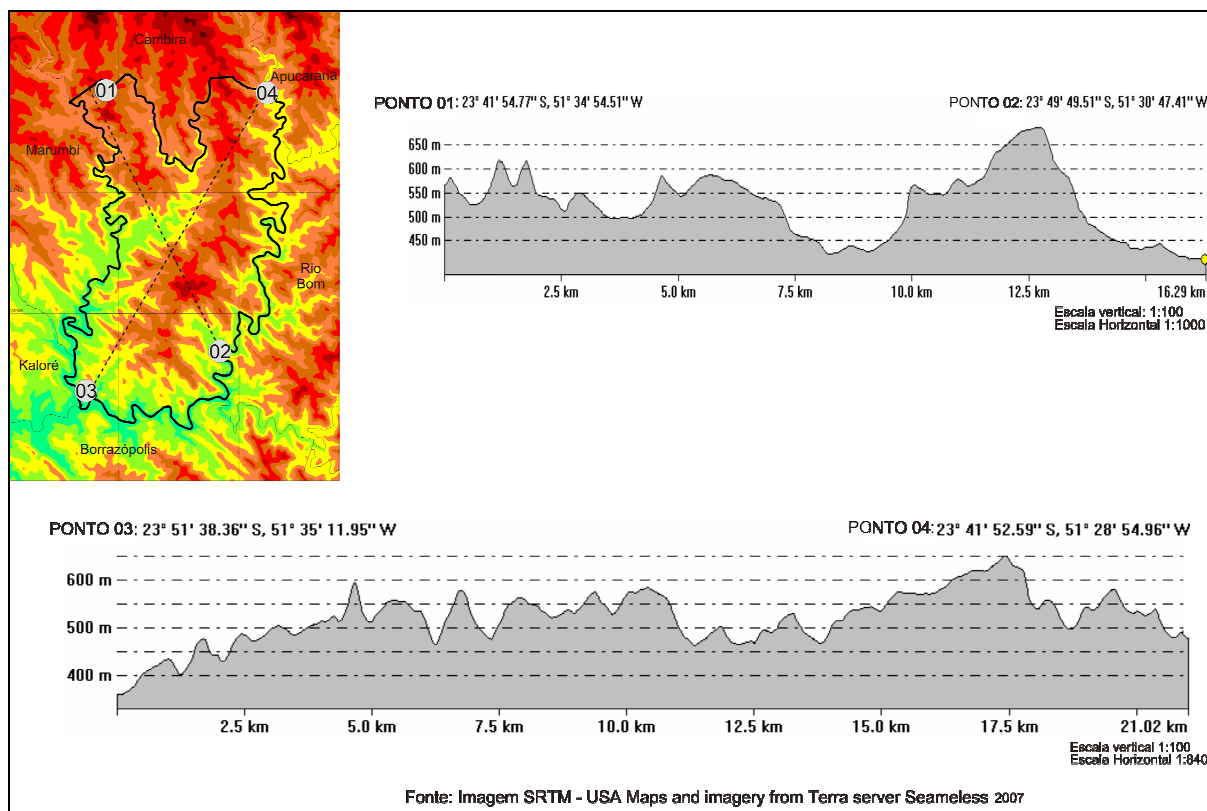


Figura 10 - Perfis topográficos do relevo do município de Novo Itacolomi

4.3. As Unidades Básicas de Paisagem do Município de Novo Itacolomi e sua Dinâmica Atual

Para melhor entender as transformações e a dinâmica da paisagem da área de estudo, optou-se por dividi-lo em unidades básicas, acreditando ser esta forma mais eficaz para um aprofundamento dos estudos desta área de pesquisa. Entender a dinâmica atual sem estudar o passado histórico destas unidades, seria uma tarefa incompleta, por isso, dividi-las em unidades menores é uma medida considerada sensata e eficiente no que se refere ao estudo de uma paisagem. É o que relata Beltrame (1994, p. 21) "(...) a divisão teórica da área em estudo em setores menores" (...)

Estes setores ou unidades de planejamento devem ser delimitados conforme a Hidrografia, ou seja, de acordo com a linha divisora de águas (...)"

De acordo com Beltrame (1994), para a setorização se utilizam critérios hidrográficos, ou seja, a linha do divisor de águas, a hipsometria, a carta de declividade e o perfil longitudinal do rio principal (...)

Ainda sugerindo formas de se dividir a paisagem em unidades é válido ressaltar Ross (2000, p. 11) onde o mesmo retrata sobre as diferenças entre as mesmas; "pelo relevo, clima, cobertura vegetal, solos e até mesmo pelo arranjo estrutural e do tipo de litologia, ou por apenas um desses componentes".

Segundo Passos (1988), a definição das unidades de paisagem deve demonstrar muito mais a dinâmica a que tais porções estão submetidas do que a própria fisionomia externa dessas. Para tanto, é o cruzamento de informações entre a ocupação e o uso do solo, com seu potencial ecológico que vai ser o ponto de partida e de chegada na definição das unidades de paisagem.

Cabe nesse contexto então retornar, todavia, a premissa lançada por Bertrand (1968), quando afirma que ao se considerar a paisagem como uma entidade global, os elementos que a constituem participam de uma dinâmica comum, mas que não corresponde, necessariamente, à evolução de cada um deles quando tomados individualmente. É encaminhada nessa linha de raciocínio, que se pretende apresentar uma compartimentação das unidades de paisagem no município de Novo Itacolomi.

Passos (1988) complementa que é interessante lembrar que as unidades de paisagem não são, na maioria das vezes, voluntariamente construídas para se tornarem unidades como tal. Elas podem ser apenas identificadas no espaço, a partir de sua construção histórica, sendo que se transformam internamente e podem

mudar sua configuração ao longo do tempo. Na hipótese de locais em que há uma gestão do território pautada no zoneamento ecológico – econômico, o qual indica / recomenda os tipos de usos a cada uma das zonas, em geral, partindo-se do ponto de vista do determinismo ecológico, ter-se-ia a produção de unidades de paisagem de forma voluntária.

Ainda segundo Passos (1988), a dinâmica global de cada uma das unidades de paisagem, oscila entre biostásica climácica na qual o clímax da paisagem é mais ou menos mantido e se tem um equilíbrio entre potencial ecológico / e ou exploração biológica; biostásica paraclimácica compreendida como aquelas que passam a conhecer uma atuação antrópica no seu potencial ecológico / e ou exploração biológica, sem romper com o clímax; biostásica degradada regressiva onde, embora sob grande influência antrópica, o equilíbrio ecológico não é rompido; resistásica, justamente naquelas áreas onde houve rompimento do equilíbrio ecológico e a erosão e o transporte de material se fazem presentes.

Complementando, Rodriguez et al. (2004) afirmam que “a atividade humana geralmente está associada de forma direta com as unidades locais de paisagem, servindo de base para a exploração dos recursos como meio de subsistência para as atividades da população”.

Assim sendo, é impossível referir-se as unidades paisagísticas sem mencionar a atuação humana, pois é dela que o ser humano homem e / ou mulher retiram o sustento para as necessidades básicas e ao intervirem sobre a mesma, torna-se impossível não deixarem marcas profundas, as quais, nem sempre preservam as características do ambiente.

Ainda relacionado à origem das Unidades de Paisagem, Haber, (1994 apud Rodriguez et al. 2004, p.83) afirma que:

As “unidades locais da paisagem originam-se no processo de desmembramento erosivo do relevo, de penetração da umidade nas rochas-mãe e sua lixiviação, influenciadas pela atividade vital das comunidades vegetais. (HABER, 1994 apud RODRIGUEZ, 2004 et. al.p. 83).

E quanto à disposição dessas Unidades, complementam:

“As unidades locais repetem-se em uma grande quantidade de representantes concretos. Em tais casos, os traços individuais passam a ocupar um lugar secundário, tendo maior importância os índices topológicos. Por este motivo, estudam-se as unidades locais no plano tipológico, não podendo considera-las como sistemas materiais autônomos, já que não podem existir independentemente um dos outros. As unidades locais formam sempre sistemas associados, nos quais inter-relacionam-se os diversos membros do sistema.”(HABER, 1994 apud RODRIGUEZ et al.2004, p. 83)

Assim sendo, procurou-se dividir essas Unidades levando em conta características predominantes, principalmente na representação do tipo de vegetação que domina na paisagem. Parte-se do pressuposto que todas as unidades estão compostas dos mesmos elementos, uma vez que são formadas por sistemas associados e não autônomos, porém encontraram-se fatores singulares que permitiu tal classificação.

4.3.1. Unidades de Paisagem do Município de Novo Itacolomi

Para melhor desempenho desta pesquisa optou-se por dividir o espaço do município nas seguintes unidades de paisagem:

- Unidade de Uso Extensivo: área de pastagens.
- Unidade Urbana / Peri – Urbana; Uso Intensivo - área de culturas perenes.

- Unidade de Uso Intensivo: área de cultivos anuais.

Essas três unidades juntas constituem o mapa de uso do solo do município, que foi assim dividida para efeito de análise da dinâmica / fisiologia da paisagem.

Ao se propor um estudo paisagístico, é interessante ressaltar que a paisagem é um produto da interação homem / meio, uma vez que este ao interagir neste espaço deixa suas marcas, modificando aquilo que a natureza preparou, adequando aos seus modos, atendendo suas necessidades de sustento e de capital, e nem sempre de forma consciente, sempre colocando em evidência seus anseios, suas vontades, sem se quer respeitar os desígnios naturais.

A paisagem local se expôs a uma transformação onde ocupação e uso do solo, associadas à dinâmica externa da região, tiveram como resultado a cafeicultura voltada ao mercado mundial. Diante desse contexto, torna-se pertinente levantar a hipótese de que a área deste município de pesquisa tenha sido atingida destas mesmas transformações, sendo elas um tanto negativas e / ou positivas, percebidas em nível regional.

Estudar o uso do solo é de relevância fundamental para a compreensão da paisagem atual e sua dinâmica. Isto se comprova nas palavras de Mendonça (1999):

A identificação da ocupação (elementos naturais / e uso (derivados das atividades humanas) do solo, constitui-se em importantíssimo elemento num estudo ligado à temática ambiental, pois o estudo atualizado sobre determinada localidade auxiliará, dentre outros, a identificar e localizar os agentes responsáveis pelas condições ambientais da área . (MENDONÇA, 1999, p. 77)

Inserido no contexto de condições ambientais da paisagem, é pertinente destacar que o uso do solo, bem como, a forma de como se desenvolve seu parcelamento, formas de acesso à terra além das potencialidades que o meio físico oferece são suscetíveis a alterações no decorrer do tempo, sofrendo influências,

sobretudo da ação antrópica que vem atuando cada vez mais intensiva e agressivamente.

Nessa perspectiva, se realizou uma análise têmporo – espacial, tendo como base a ocupação e uso do solo no município de Novo Itacolomi entre os anos de 1970 e 2007, com o objetivo de contribuir para o entendimento das transformações históricas desencadeadas nesta área. Essa tarefa funda-se basicamente na abordagem cartográfica.

4.3.1.1. Unidade de Uso Extensivo - Área de Pastagens (1975)

Para desenvolver o trabalho cartográfico de uso do solo do nas unidades que formam o município de Novo Itacolomi e que ilustram essa dissertação de mestrado, foram utilizadas as mesmas bases cartográficas utilizadas na elaboração dos mapas anteriores. Com o uso da ferramenta Autocad, foram georeferenciadas e importadas para o *Coreldreaw* para serem inseridas as cores. Para a construção da carta de 2007 utilizou-se também, imagens de satélite do *Software* Google Earth, além das observações realizadas nos estudos de campo.

Esta unidade Básica de Paisagem inicia-se ao norte do município, circunda as outras duas unidades e vai praticamente até ao Sudeste e Sudoeste, na divisa com os municípios vizinhos de Marumbí e Borrazópolis , conforme se pode observar na Figura 18. É composta na sua maioria por terras íngrimes não propícias ao desenvolvimento de lavouras mecanizadas, como também por terras baixas sujeitas as freqüentes geadas anuais. É a maior Unidade de Paisagem do Município, conforme pode observar através da Figura 18.

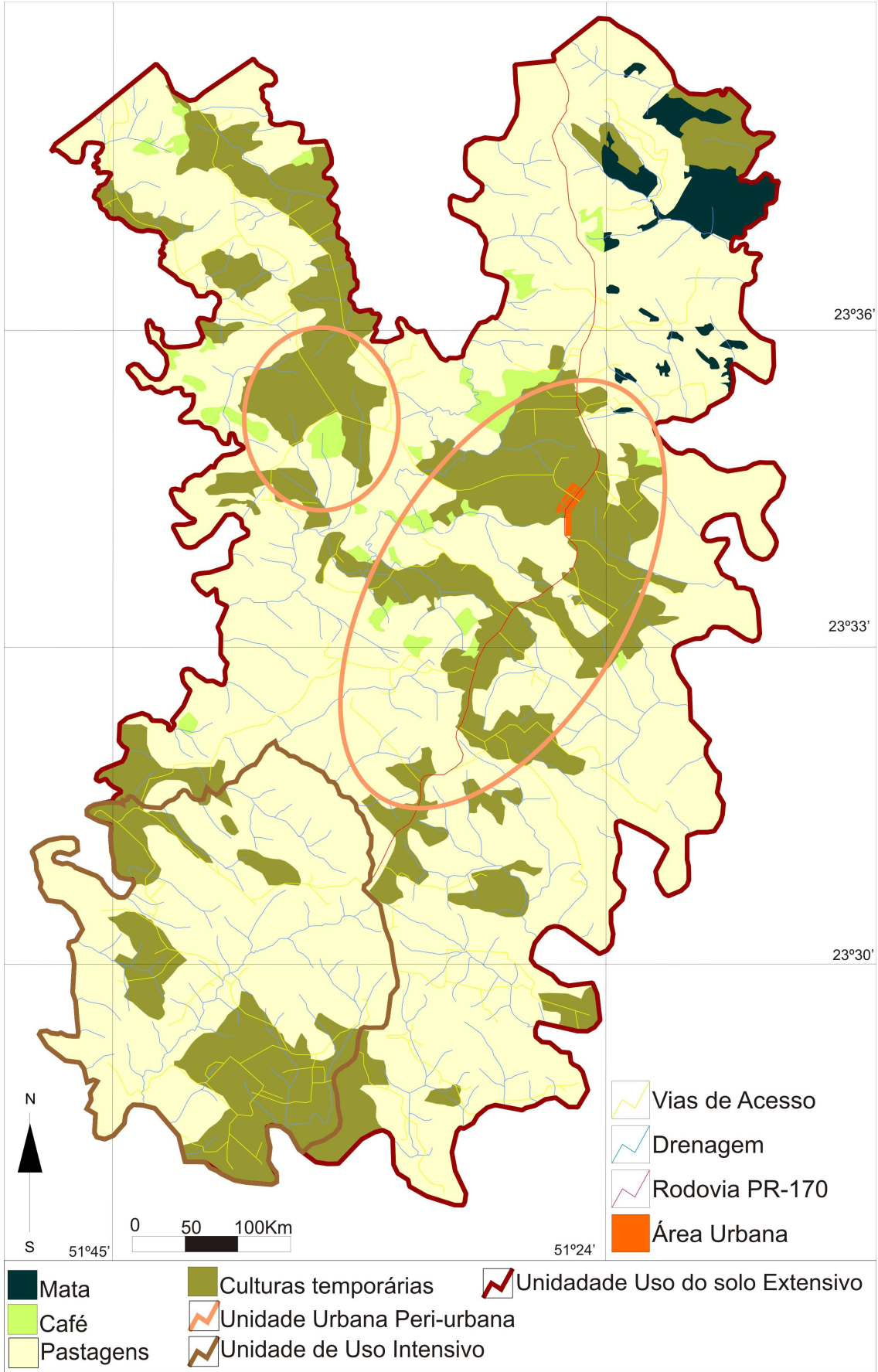


Figura 18 – O uso do solo no município de Novo Itacolomi em 1975

Como forma de delimitar as divisas desta unidade de estudo, estabeleceu-se como critério básico elementos geomorfológicos e litológicos, aliados a altitude, uma vez que interferiram diretamente nos tipos de cultivos da área, definindo assim as atividades a serem desenvolvidas nesta Unidade.

Durante o período dos anos de 1970, nessa região a maioria das propriedades se estruturou de acordo com os moldes de colonização propostos pela CTNP, nas quais as residências deveriam se localizar próximas aos cursos d'água. Quanto à lavoura, as terras mais altas deveriam ser ocupadas pelo plantio de café e nas partes mais baixas o comum era a prática da agricultura de subsistência e pecuária.

Durante o período dos anos de 1970, nessa região a maioria das propriedades se estruturou de acordo com os moldes de colonização propostos pela CTNP, nas quais as residências deveriam se localizar próximas aos cursos d'água. Quanto à lavoura, as terras mais altas deveriam ser ocupadas pelo plantio de café e nas partes mais baixas o comum era a prática da agricultura de subsistência e pecuária. (Figura 18).

Esta Unidade, a exemplo do que aconteceu também nas demais, neste período da década de 1970, era habitada por um maior contingente populacional em relação ao encontrado no presente, mesmo nos locais distantes da sede do município, onde o acesso era difícil devido às restrições impostas pelo relevo acidentado. Onde não se realizava o cultivo de subsistência, a prática da pecuária leiteira associada à de corte deixou suas marcas.

Pode-se encontrar na paisagem atual, vestígios que comprovem esses fatos passados, conforme as Fotos 21 e 22.



Foto 21 - Curral construído na década de 1970. Hoje apenas usado para retiro de um pequeno rebanho
Autora: DELGADO, E.N.F.



Foto 22 - Casa abandonada; fruto do êxodo rural dos anos de 19 70
Autora DELGADO, E.N.F.(2007)

4.3.1.2 Unidade Urbana / Peri – Urbana- áreas de culturas perenes (1975)

A Unidade Urbana / Peri – Urbana, corresponde à área de maiores altitudes; tem início na divisa com os municípios de Cambira e Apucarana e é onde está instalada a cidade de Novo Itacolomi, ou seja, a malha urbana da sede do município e ainda por áreas de loteamentos de uso agrícola (parcelas de cultivo) que permeiam a cidade.

Esta Unidade de estudo é formada pelas terras que circundam a cidade de Novo Itacolomi, num raio de aproximadamente 1.5 Km. São terras altas e mais planas, que compõe parte do espigão que atravessa o município de Norte a Sul, além de uma área menor localizada na porção Noroeste do município conforme se pode observar na subdivisão do mapa na Figura 18. É composta pela área urbana de Novo Itacolomi e também por áreas de agriculturas perenes. Foi à área escolhida pela Companhia de Terras Norte do Paraná na década de 1940 para abrigar a sede deste município em estudo.

De acordo com as diretrizes traçadas pela CMNP, o perímetro urbano de Novo Itacolomi é ladeado por pequenas propriedades, áreas de chácaras, lotes que variam de 5 a 20 alqueires paulistas.

Conforme já mencionado em outros momentos nessa pesquisa, o sucesso do empreendimento da CMNP se deve principalmente em virtude da forma de divisão dos lotes a que comercializava; pequenos na sua maioria exigiam dos compradores pequenos investimentos de capital, além de poderem custear boa parte do investimento com a futura produção do café, que naquela época era explorado pela própria família do agricultor, o que caracterizava a agricultura familiar, uma espécie de “Reforma Agrária da Terra”, conforme retrata CTNP, (1975).

Isso era relativamente novo no universo econômico rural brasileiro, caracteristicamente latifundiário e acostumado à existência de grandes propriedades rurais. Conforme (MORO e ENDLICH, 2003) “a ocupação capitalista efetiva da região alimentou expectativas de ascensão social”, uma vez que muitos agricultores com os lucros obtidos com as primeiras colheitas de café já conseguiam quitar parcelas do lote que havia adquirido.

Assim foi o que aconteceu com os primeiros habitantes que aqui se estabeleceram. Num contexto de” *Terra da esperança* “, como disse o Geógrafo Orlando Valverde ao visitar o Norte do Paraná, citado por (MORO e ENDLICH, 2003) estabeleceram-se em duas glebas criadas pela Companhia; a Gleba Itacolomy e a Gleba Rio Bom.

Algumas famílias se estabeleceram no antigo Patrimônio das Taquaras (uma das denominações locais da época), como é o caso da família Evaristo que nessa época, já habitava a área urbana. Figurava no cenário agrícola dessa época o plantio do café, pois a grande geada de 1975 ainda não tinha acontecido e nem o declínio econômico mundial da cultura do café. Essas terras, na sua maioria são propícias ao desenvolvimento dessa cultura, por serem altas e menos íngremes. Outro plantio desenvolvido neste período era o de milho, realizado para a comercialização, além de outros como o arroz e o feijão destinados à subsistência.

Foi nessa Unidade de Paisagem, que se instalou um dos pioneiros dessa localidade, o senhor Adelino de Melo Franco que construiu sua residência na década de 1950 e que permanece habitada até nos dias atuais, não por seus familiares, mas por pessoas que adquiriram posteriormente as terras dos seus herdeiros. Essa residência pode ser vista na Foto 23.



Foto 23 - Residência do pioneiro Adelino de Melo Franco
Autora: DELGADO, E.N.F.(2007)

Caso ilustrativo também dessa Unidade, é a família do Senhor José Conrado dos Santos, que aí reside com sua esposa Lourdes Peralta dos Santos desde o ano de 1949. Senhor José, veio do estado de São Paulo e sua esposa de Minas Gerais. Ele sempre cultivou o café como meio de sobrevivência. Ainda é possível encontrar instalações da década de 1970, conforme a Foto 24.



Foto 24 – Instalações cafeeiras da década de 1970
Fonte: Registrado pela autora durante trabalho de campo em 14/07/2007

Instalações como a retratada na Foto 24 não são vistas com frequência nessa Unidade. O mais comum são cenários paisagísticos onde fica claro o abandono e a substituição das instalações cafeeiras por outros cultivos agrícolas como a cana-de-acúcar, o milho, a soja, entre outros.

Segundo o senhor José Conrado, seu pai comprou as terras diretamente da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, um lote de 10 alqueires paulistas na Gleba Itacolomy, onde após derrubar as matas construiu sua casa e iniciou o plantio do café. Após sucessivas geadas, reserva ainda boa área da sua propriedade para o plantio do café, onde trabalham seus filhos, genros e netos. Ele relatou ainda que é possível encontrar nos dias atuais em sua propriedade um lote de café plantado na época das derrubadas das matas.

Ainda como parte visível desse período inicial de ocupação do solo, pode-se encontrar as marcas da colonização mineira na paisagem. Um exemplo pode ser mostrado na Foto 25, onde se exhibe o interior de um moinho de moer milho para a transformação em fubá, alimento imprescindível da culinária mineira local.



Foto 25 - Interior de um moinho de milho que ainda se encontra em pleno funcionamento
Fonte: Registrado pela autora durante trabalho de campo em 04/04/2007

A parte urbana, na década de 1970, sofreu alterações somente no que se refere ao visual de ruas e residências, não apresentou mudanças no tamanho da área urbana, pois era ainda período em que pertencia a Cambira na qualidade de Distrito e não havia interesse por parte dos dirigentes políticos que representava esta localidade que tal área urbana aumentasse em tamanho (Foto 26).



Foto 26 - Ruas de terra da antiga Itacolomi em meados dos anos de 1970; o famoso desfile de 7 de setembro com os alunos do Colégio Estadual Tomé de Souza
Fonte: Arquivo pessoal do senhor Sidinei de Oliveira Ribas obtida em (06/2007)

Não existia na área urbana, nenhuma indústria, e a população urbana trabalhava na sua maioria, na agricultura e uma pequena parcela no comércio e no Colégio Estadual Tomé de Souza, que havia sido inaugurado no ano anterior a 1970.

A linha imaginária e arbitrária para delimitar essa Unidade, passa pelo Bairro dos Poloni, na Igreja católica localizada às margens da Rodovia do Milho, uma vez que aí o relevo já apresenta sinais bruscos de alteração, por meio da maior declividade e conseqüentemente ocorre uma mudança na forma de organização da paisagem.

4.3.1.3. Unidade de Uso Intensivo – Culturas Anuais (1975)

Esta Unidade de Paisagem localiza-se extremamente ao Sul do município de Novo Itacolomi. Inicia-se no Bairro Poloni e vai findar no Rio Bom que serve de limite com o município vizinho de Borrazópolis.

Nesta Unidade ficam as terras mais baixas do município, uma vez que estão muito próximas ao rio. Em relação às terras das outras Unidades, são planas e mecanizáveis.

Na década de 1970, a maioria de suas matas já tinha sido derrubada, dando espaço ao plantio agrícola. Por serem terras com maior propensão a vulnerabilidade de geadas, devido à baixa altitude, os cafezais aí existentes, assim que aconteceu a geada de 1975 começaram a ser arrancados. O plantio de tal cultivo concentrou-se nas terras próximas ao rio Bom, que por serem planas atraiu os cafeicultores, mas com as geadas aliada à conjuntura política e econômica da época, não foi possível continuar com tal investimento. Outra concentração de cafezais ocorria nos terrenos mais altos localizados próximo ao Bairro Poloni, o qual resistiu às geadas e permaneceu. Além desses locais, houve outra concentração de café localizada mais ao Sudeste, próximo da divisa com o município de Marumbi, conforme explicitado no mapa de Uso do Solo (Figura 18).

Figurava assim, nesse cenário agrícola, plantios anuais voltados ao comércio, como: milho, feijão, soja, arroz nas baixadas mais úmidas próximas aos rios Bom e Itacolomi. As partes mais acidentadas a exemplo das outras Unidades eram ocupadas basicamente por pastagens através do gado leiteiro com produção voltada ao comércio realizado pela COLARI e outra parte para a subsistência.

Segundo conta um antigo morador desta Unidade, o senhor Anadir Pereira Franco (Foto 27), que reside aí desde a década de 1970, esta era uma época de difícil acesso de transporte, pois as estradas eram ruins e não eram cascalhadas, o que nos dias de chuva dificultava muito a locomoção até a cidade que se encontra distante cerca de 17 quilômetros. Relata ainda que quando chovia o único meio de transporte que conseguia romper o barro era os “Jeeps” ou caminhonetes

acorrentadas. Ele ainda relatou que sempre plantou culturas anuais devido a ocorrências de geadas.



Foto 27 - O senhor Anadir em sua propriedade agrícola no momento da entrevista
Fonte: Registrado pela autora durante trabalho de campo em 14/07/2007

4.3.2 O Uso do Solo no Município de Novo Itacolomi em 1992

No transcorrer do período entre 1970 e 1992, a região Norte do Paraná, vivenciou profundas transformações e Novo Itacolomi se inseriu nesse contexto.

Dentre essas mudanças, está o crescimento da população urbana, que ocorreu devido o intenso êxodo rural ocorrido nesse período, reflexo não só das geadas, como também da intensa modernização agrícola.

4.3.2.1 - Unidade de Uso Extensivo – Área de Pastagens (1992)

Conforme já mencionado anteriormente, essa Unidade de Paisagem pouco abrigava a cultura do café, um dos fatores que fez com que essa fosse sempre a menos populosa das Unidades, uma vez que o café empregava grande contingente populacional. Soma-se a isso o fato do relevo, que sempre dificultou o cultivo agrícola mecanizáveis. Conforme se pode observar no mapa de uso do solo (Figura 19), nesse período as pastagens continuavam a dominar a paisagem do município de Novo Itacolomi.

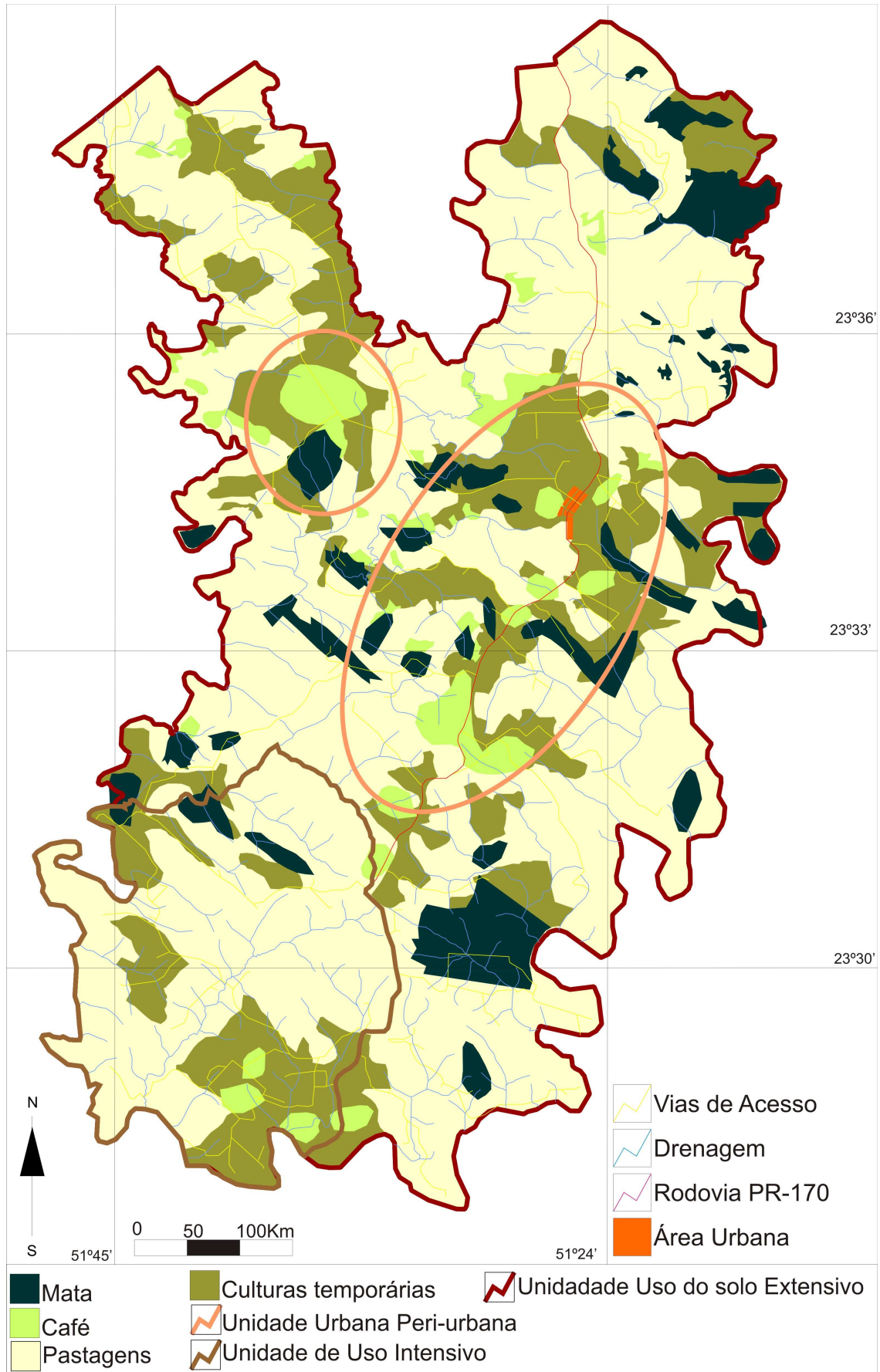


Figura 19 – O uso do solo no município de Novo Itacolomi em 1992

Durante os anos de 1990, nessa área, muitas famílias já tinham se mudado para as cidades circunvizinhas e muitas para os grandes centros, como São Paulo. Isso acarretou uma concentração maior de terras, visto que muitos venderam o que tinham ao partirem para as cidades. Foi comum então a formação de fazendas, na maioria destinada à criação de gado para o corte, principalmente onde o relevo era mais acidentado, o que estimulava a compra, devido o preço menor do alqueire do terreno.

Nas áreas menos íngremes, nesse período ocorreu à derrubada de trechos de matas para aumento das pastagens, como foi o caso da Fazenda Mercedes, que aumentou significamente o tamanho da área de pastagens.



Foto 28 - Fazenda Mercedes – Ao fundo da imagem, a vertente desmatada, antes toda a área era ocupada pelas “matas”.

Fonte: Registrado pela autora durante trabalho de campo em 15/07/2007

Outras áreas foram derrubadas para o plantio de lavouras que se restringiram em cultivos anuais, como: milho, soja, cana, trigo, além dos cultivos para subsistência da família.

4.3.2.2. Unidade Urbana / Peri-Urbana (1992)

No transcorrer do período entre 1970 a 1992, dentro do contexto de transformações a que passou todo o Norte do Estado do Paraná, essa Unidade sofreu severas transformações. Ocorreu o crescimento demográfico das cidades, porém Itacolomi (como era ainda denominada), não sofreu alterações na sua malha urbana em decorrência de não ter surgido nenhum loteamento. As famílias que para cidade se mudaram neste período, foram comprando lotes menores, surgidos a partir dos já existentes.

Na área rural rotacionava-se alguns cultivos agrícolas e incorporava-se novas tecnologias na agricultura, o que substituía ainda mais o emprego do trabalhador rural pela máquina.

Por se localizar nessa Unidade de Paisagem as terras mais altas e bastante mecanizáveis, novos cultivos passaram a figurar no cenário agrícola como: a soja e o algodão que permaneceram no mercado agrícola por alguns anos.

Como nas outras Unidades, também ocorreu nesse período a derrubada de “matas” para o plantio agrícola.

Um fator que se destacou nesse período de tempo, foi à chegada do asfalto por meio da Rodovia do Milho (Foto 29), substituindo a estrada vicinal que dava acesso à antiga Itacolomi.



Foto 29 - Vista da Rodovia do Milho, principal via de acesso a Novo Itacolomi; marco fundamental para o início do desenvolvimento do município
Autora: DELGADO, E.N.F (2007)

A Rodovia do Milho atravessa toda a cidade e conseqüentemente toda a Unidade. Por meio desta, a antiga Itacolomi ganhou sua primeira rua asfaltada, motivo de orgulho para a população. Mas todo este feito, só veio a ocorrer no ano de 1988.

Era uma época em que os agricultores passavam por situação econômica difícil devido aos preços baixos pagos pelas commodities no mercado mundial. Tal situação só começou a melhorar com a diversificação dos cultivos agrícolas incentivadas pela EMATER. Segundo o senhor Moacir Andreolla, a unidade da EMATER veio para antiga Itacolomi em agosto de 1989.

Cultivos agrícolas como o maracujá e amora para criação de bicho – da - seda foram sendo realizados pelos agricultores dessa Unidade, com o intuito de melhorar a renda da família.

4.3.2.3 Unidade de Uso Intensivo – Cultivos Anuais (1992)

Por se tratar de uma área basicamente constituída por cultivos agrícolas realizados em áreas mecanizáveis, as transformações no cenário agrícola foram grandes. Muitos maquinários foram adquiridos pelos agricultores, o que continuou a impulsionar ainda mais o êxodo rural.

Ainda nesse período nessa unidade de paisagem funcionava a Escola Rural Municipal Luis Pasteur, que atendia as crianças daquela redondeza. Com sistema multiseriado atendia em média 10 alunos por ano.

Com relação à pecuária leiteira, os poucos agricultores que tiravam leite, com a crise enfrentada pela COLARI, (Cooperativa de Laticínios de Mandaguari) a qual comprava o leite, viram-se obrigados a procurar alternativas, como fabricação de queijos ou diversificar os cultivos agrícolas com a introdução de novas culturas como o girassol que permanece no cenário agrícola até os dias atuais (Foto 30).



Foto 30 - O girassol no cenário da diversificação agrícola
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

Na tentativa de conter o êxodo rural e amenizar a crise agrícola, o governo do Paraná naquele momento lançou um programa de incentivo ao plantio de café e, mesmo sendo essas terras mais baixas, vulneráveis a ocorrências de geadas, muitos agricultores se aventuraram em plantar.

4.3.3 O uso do solo do município de Novo Itacolomi em 2007

Atualmente o solo de toda a área de pesquisa, o município de Novo Itacolomi, se encontra bastante desgastado pelo uso freqüente e desordenado do solo. A falta de curvas de nível, associada ao manejo rudimentar, uso de agrotóxicos, desmatamento das encostas e do relevo acidentado, falta de preservação das nascentes, exploração desordenada da água do subsolo através da perfuração de poços profundos, entre outras ações, tem causado profundas mudanças e desequilíbrios ambientais na paisagem como um todo.

4.3.3.1 Unidade de Uso Extensivo – área de pastagens (2007)

Para a construção do mapa de uso do solo de 2007, utilizaram-se as mesmas bases cartográficas dos demais mapas das Unidades de Paisagem, porém utilizou-se a ajuda dos programas *Autocad* e *Coreldraw*, além das imagens de satélite do *Software* Google e observações de campo. Por meio da interpretação das informações coletadas, foi possível a elaboração do mesmo. Após esse trabalho foi possível a compreensão do desenrolar das atividades antrópicas em sua relação com a natureza, a qual construiu essa Unidade de Paisagem (Figura 20).

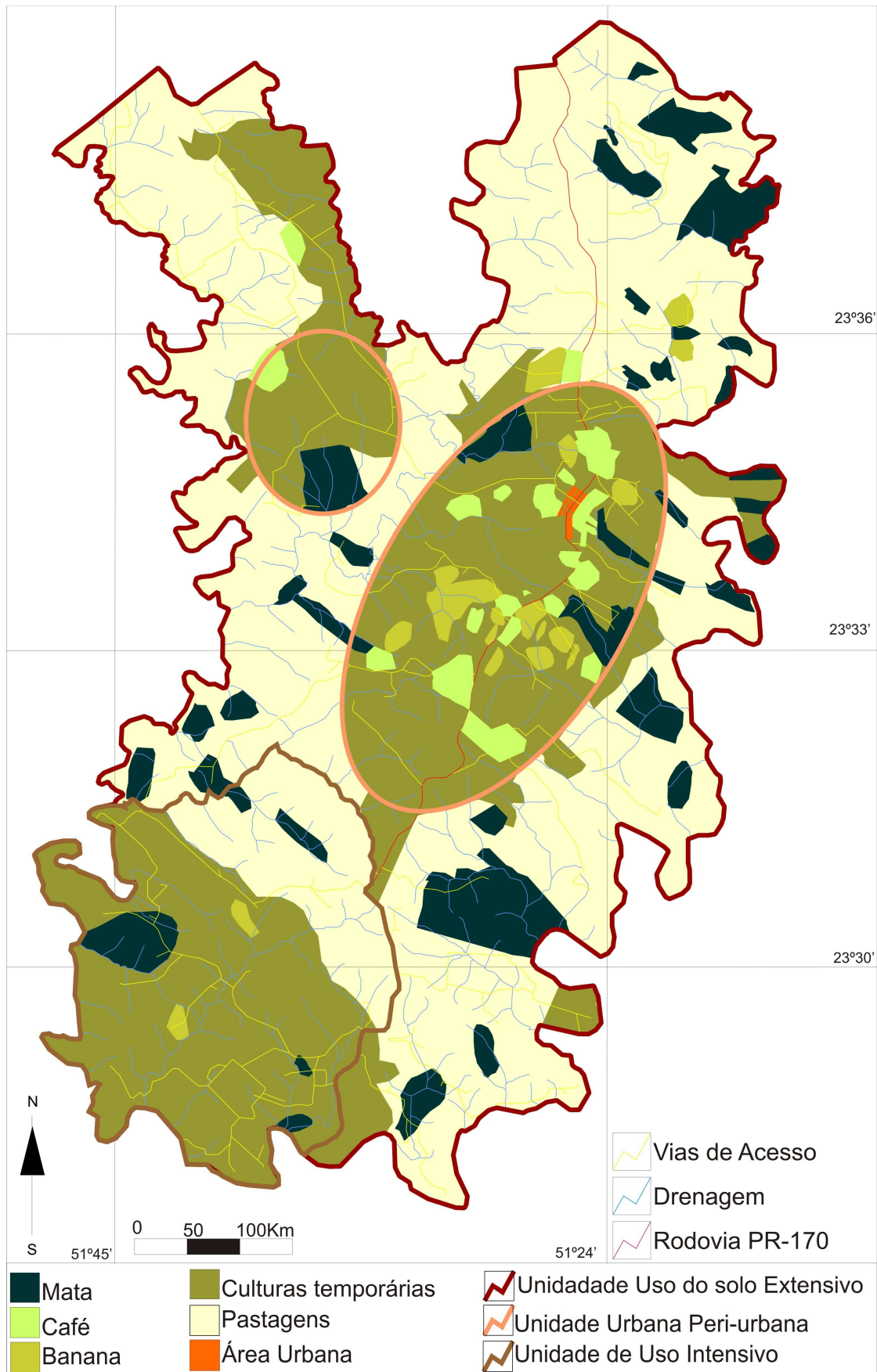


Figura 20 – O uso do solo no município de Novo Itacolomi em 2007.

A Unidade de Uso Extensivo do Solo se caracteriza notadamente pelas áreas de pastagens, pecuária de leite e corte. Conforme já mencionado em outro momento anterior, a referida Unidade ocupa as terras mais longínquas em relação à sede do município.

As parcelas de topografia que compõe essa Unidade são na sua maioria acidentadas e de difícil mecanização agrícola, o que faz com que a pecuária continue sendo ainda nos dias atuais o melhor negócio (Foto 31).



Foto 31 – A pecuária no relevo acidentado do município
Autora: DELGADO, E.N.F.(2007)

Estes fatores têm colaborado para que a instalação de granjas a exemplo de outras atividades desenvolvidas no município seja em menores quantidades em relação às demais unidades, pois para a instalação de uma granja na propriedade é necessário antes de qualquer coisa que a estrada esteja em boas condições, o que nem sempre acontece em lugares com topografia acidentada. Além do mais a distância da estrada pavimentada é outro fator negativo encontrado. Porém, vale

ressaltar que nos últimos meses vem crescendo muito o número de instalações granjeiras em todo o município e nesta unidade, não tem sido diferente.

Nesse período foi evidente ainda o desmatamento de áreas para o cultivo de pequenas parcelas de lavoura e até mesmo destinado ao aumento das pastagens. Porém, cabe ressaltar que esta Unidade abriga a maior reserva florestal do município, “a Mata do Cantor”, como é assim denominada, que se encontra próximo à divisa com o município de Rio Bom. Essa reserva florestal é composta por 300 hectares e serve de abrigo para inúmeras espécies animais e vegetais.

Um fator relevante a destacar tem sido a estruturação e modernização de algumas fazendas de criação de gado (Foto 32), quase sempre a partir do capital vindo de outras localidades, como por exemplo, de São Paulo. Neste contexto podemos citar o caso do senhor Anilton Corvello que no ano de 1990 adquiriu 60 alqueires e estabeleceu seu negócio. Também fica nesta unidade o encontro das águas dos rios Itacolomi e Marumbí, conforme se observa na Foto 33.



Foto 32 - Fazenda de criação de gado extensivo – a modernização nas instalações
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 33 - Encontro das águas dos rios Itacolomi e Marumbi
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

4.3.3.2. Unidade Urbana / Peri – Urbana – área de cultivos perenes (2007)

Nessa Unidade está localizada toda a área urbana, bem como do perímetro urbano do município.

Com a Instalação do Município em 01/01/1993, tal área foi a que mais sofreu transformações, sobretudo, pela ação antrópica.

O perímetro e a área urbana foram ampliados através da implantação do Conjunto Habitacional Domingos Carlos, Moradias Antúrio I e II e com a criação do Parque Industrial.

A cidade recebeu pavimentação asfáltica e algumas importantes construções públicas, como se pode constatar por meio das Fotos 34 e 35.



Foto 34 - Ginásio de Esportes Sebastião de Oliveira, construído em 2000
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 35 - Centro Cultural, construído em 2004.
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

A paisagem urbana começou a apresentar problemas estruturais, uma vez que se instalou em plena área urbana, uma Vila Rural com 21 unidades, ocupando essa, uma área plana localizada no centro da cidade, local onde posteriormente poderia ser ocupada por loteamentos residenciais.

Outro problema tem sido a liberação por parte do poder público da construção de granjas em plena área urbana, praticamente no centro da cidade, a menos de 500 metros do centro. Tais instalações têm causado um grande desconforto à população através da emissão de odor desagradável, lançado no ar sem nenhum cuidado.

Ainda é pertinente ressaltar que, com o aumento de residências urbanas e pela cidade, não dispor de sistema de tratamento de esgotos, muitos moradores tem lançado esgotos residenciais em plenas galerias pluviais, o que conseqüentemente tem ido parar em terrenos próximos à finalização asfáltica da cidade. Essas descargas pluviais, além de contaminadas são lançadas a céu aberto, sem nenhum cuidado, conforme se observou nas observações de campo.



Foto 36 - Rede pluvial com esgoto doméstico lançado a céu aberto em propriedade agrícola próximo a nascentes
Autora DELGADO, E.N.F. (2007)

Cabe ressaltar que próximo à cidade existe a nascente de dois córregos; Água Piracanjuba e outro de menor tamanho, que por esse motivo não recebeu

denominação específica. Ambos têm recebido as águas contaminadas das galerias pluviais da cidade, o que pode ser constatado também nas visitas de campo.

Outro fator que chama a atenção nessa Unidade tem sido o lixão da cidade que a céu aberto, recebe o lixo urbano sem nenhum cuidado. Não existe coleta seletiva na cidade e ainda é bastante tímida a separação do material reciclável por parte da população local, a qual é destinada para os agentes ambientais. Estes, após coletarem os materiais recicláveis os comercializam por conta própria.

Essa Unidade sofreu também fortes alterações na área rural, uma vez que após a instalação da Prefeitura, esta juntamente com a EMATER local, uniu forças e investiram maciçamente na diversificação agrícola a fim de assegurar o homem do campo na sua propriedade rural.

Investiram no plantio de maracujá, bananas e principalmente na construção das granjas, uma vez que a proximidade do asfalto e o relevo menos acidentado, aliado as melhores condições de estradas, fizeram com que essa Unidade de Paisagem se tornasse na campeã de granjas do município.

Existem também agricultores que industrializam artesanalmente a poupa do maracujá com finalidade comercial e outros que atendendo as exigências do mercado, fazem uso de câmara fria para armazenar e acelerar o processo de maturação das bananas para venda, o que se pode ser comprovado através das Fotos 37 e 38.



Foto 37 - Câmara de maturação das bananas
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 38 - Plantio de bananas em locais onde antes se plantava café
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

Ainda é possível encontrar trechos de lavouras cafeeiras, sobretudo nas áreas mais altas, onde a evidência de geadas tem sido menor (Foto 39).



Foto 39 - Lavoura cafeeira – lugar de altitude favorável ao cultivo
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

Em virtude desta dinâmica agrícola, e da área urbana, é que se explica o fato de existir nessa Unidade a maior concentração populacional do município. Um exemplo dessa concentração populacional pode-se encontrar na Colônia dos Secco, nas propriedades dos senhores José e Miguel Secco. A colônia abriga cerca de 10 a 12 casas muito próximas uma das outras, onde abriga as famílias dos filhos casados. Nesta localidade existe até um campo de futebol para o lazer dos fins de semana.

4.3.3.3 - Unidade de Cultivos Anuais – (2007)

Esta Unidade de Paisagem margeia os rios Bom e Itacolomi em sua grande parte, e é aí que se concentram as "baixadas" propícias ao desenvolvimento de lavouras mecanizáveis.

Mediante esse contexto, a mecanização intensificou-se ainda mais, estendendo-se em alguns casos até as margens do rio Bom, sem apresentar

nenhum cuidado com o uso do solo; inexistência de curvas de nível e mata ciliar são indícios do problema ambiental.



Foto 40 - Cultivos de milho safrinha e trigo até às margens do rio Itacolomi na divisa com Marumbi. O rio se encontra em meio às poucas árvores visíveis
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

Cultivos como: milho, girassol, trigo, arroz, feijão, são alguns dos cultivos plantados nessa Unidade, além das pastagens nas áreas de topografia mais acidentada.

Nas áreas menos distantes da Rodovia do Milho, encontra-se também a presença de granjas. Aproximadamente 10 famílias as possuem em suas propriedades, servindo de emprego e renda para toda a sua família. Foram instaladas nos últimos anos, porém em menor proporção, que nas demais unidades, uma vez que a distancia dificulta a instalação das mesmas.

É interessante ressaltar que próximo à divisa de município com Borrazópolis, bem próximo à rodovia, destaca-se a presença de cactáceas, num local de solo raso sob a presença de basalto decomposto com afloramentos de rochas, conforme se pode observar por meio da Foto 41 e logo perto, próximo a um córrego foi possível

encontrar cipós espinhentos, junto a uma espécie vegetal conhecida popularmente como arranha gato, vegetação típica de clima semi-árido, do clima da caatinga nordestina, uma vegetação xerofítica.



Foto 41 - A presença do mandacaru, vegetação espinhenta em meio à exposição das rochas
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

Tropmair (2006, p.142) refere-se a essas espécies a princípio como “deslocadas” de sua área de ocorrência, ao mencionar que” quanto ao aparecimento de novas espécies, surgiu a teoria dos ‘refúgios ecológicos, fundamentada nos processos evolutivos e levando em consideração os mais recentes estudos sobre paleoclimas”.

No clima tropical quente e úmido, a presença dessas espécies encontra explicação através do paleoclima, que quando no período glacial entre 12 e 18 mil anos atrás, a ocorrência de climas mais frio e mais seco, permitiu o surgimento dessa vegetação. Com o processo de retropicalização ocorrido no período Quaternário, elas restaram como testemunhas, uma característica não comum para uma área de mata tropical.

Ainda relacionada a esta teoria, Troppmair (2004, p.13) apud Viadana (2001) realizou uma pesquisa na vegetação de São Paulo e “na visão do tempo linear” a pesquisa sobre a “Teoria dos Refúgios Florestais Aplicada ao Estado de São Paulo” relata que na época de clima mais frio e seco (12.000 a 18.000 anos), quando o nível do mar era mais baixo e a planície costeira mais ampla, ocorreu uma invasão de espécies vegetais e do cerrado que ocuparam grandes áreas do estado, enquanto a Mata Atlântica ficou restrita a pequenas manchas, os chamados “refúgios florestais”.

Dividindo a segmentação do município de Novo Itacolomi em três Unidades de Paisagem, é interessante ressaltar que os limites entre essas unidades têm um caráter de descontinuidade objetiva da paisagem “segundo a expressão de Bertrand (1968), ou seja, são limites sem grandes rupturas, tomados de forma arbitrária com o objetivo de observar o todo da paisagem do município em parcelas (as unidades)”.

5. IMPACTOS SÓCIOAMBIENTAIS OCASIONADOS PELA AVICULTURA NO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI

5.1. UM HISTÓRICO DA AVICULTURA NO MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI

Após trabalho de campo realizado no desenrolar dessa pesquisa, por meio das entrevistas feitas com todos os avicultores do município, foi possível obter dados relevantes sobre a real situação da avicultura no município com relação ao consumo de água e lenha, bem como, explicitar com clareza um breve histórico da avicultura nessa área de pesquisa. Para exibir tais resultados foram construídos os gráficos demonstrando a origem da lenha e da água utilizada na avicultura, além da presença ou não de reservas de eucalipto na propriedade.

A introdução da avicultura no município de Novo Itacolomi é fruto do poder público municipal aliado a EMATER dessa localidade na busca de soluções ao êxodo rural. As primeiras manifestações a favor dessa atividade tiveram início em 1990, onde se desenvolveu projetos destinados à diversificação agrícola nas pequenas propriedades. E um desses, foi à implantação da avicultura na tentativa de aumentar a renda de pequeno agricultor que naquele momento enfrentava momentos difíceis devido os baixos preços dos produtos agrícolas produzidos.

Soma-se a esse fato, o interesse da Empresa Jandelle Ltda, popular “Big Frango”, que interessada em ampliar seus negócios, aproveitou o momento para se instalar no município, uma vez que foi concedido o respaldo necessário para efetivar seus negócios.

Assim, em parceria, EMATER e a Prefeitura Municipal de Novo Itacolomi reuniram os agricultores para o lançamento do projeto. A empresa expôs sua política de trabalho, a qual recebeu de início a aprovação da maioria dos presentes.

As primeiras instalações de aviários aconteceram no município, em 1993, começando as atividades no dia 12 de agosto, sendo proprietário o senhor Édison José Expedito. Este aviário fica localizado muito próximo à cidade, e um outro de propriedade do senhor João Felisbino localiza-se no Bairro dos Trezentos Alqueires.

Conforme evidencia na Figura 21, na atualidade os aviários estão localizados por todo o município. Há uma concentração dos mesmos próxima a cidade de Novo Itacolomi, o que tem acarretado conseqüências de desconforto a população, devido o mal cheiro que proporcionam . Existe uma outra concentração de aviários que está se instalando mais ao Sudoeste e Sul do município, próximo a Rodovia do Milho e das estradas vicinais.

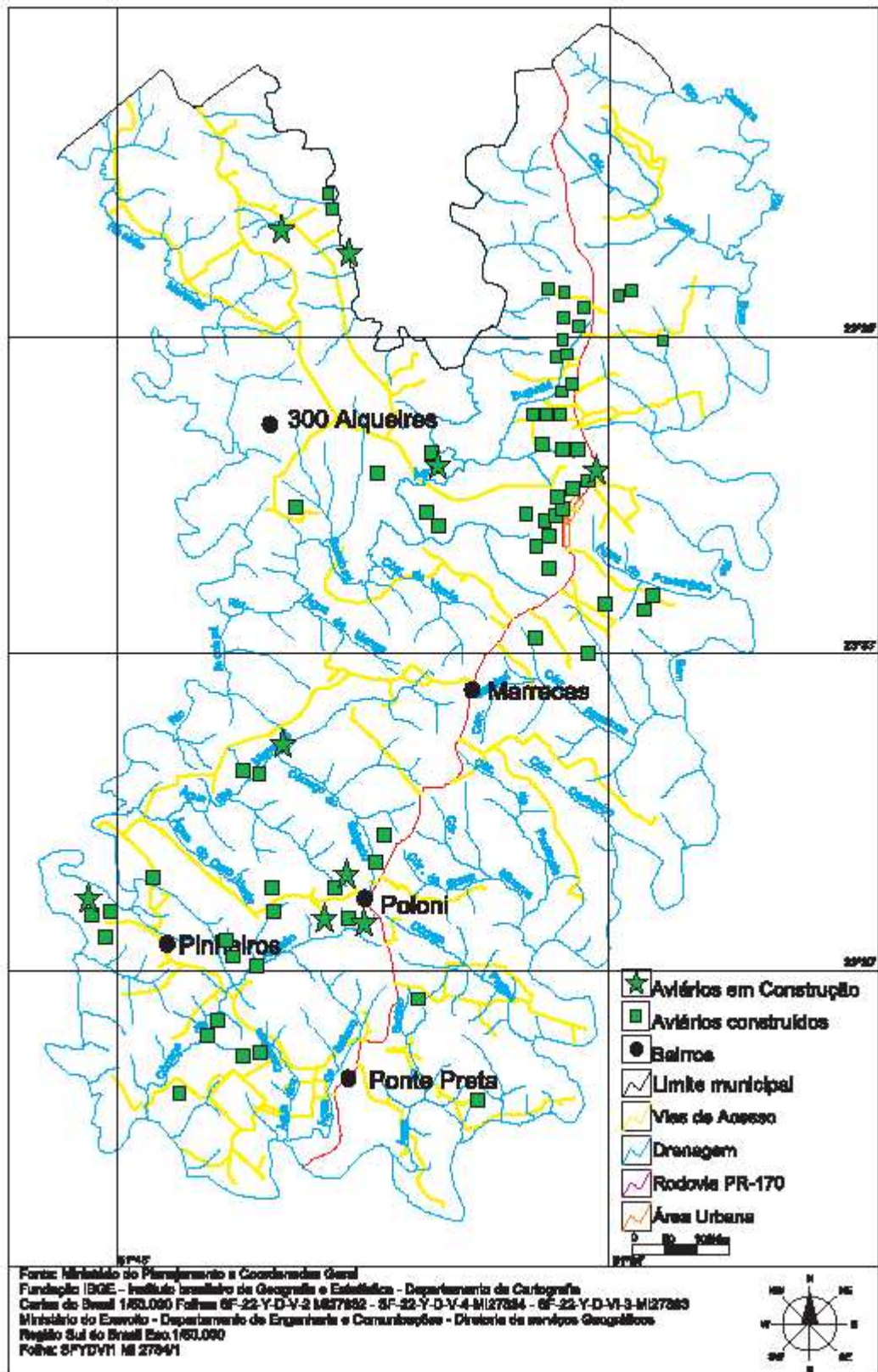


Figura 21 – Localização dos atuais aviários no município de Novo Itacolomi

Segundo o senhor Édison José Exedito a atividade granjeira para ele foi uma saída para sobreviver na pequena propriedade. Ainda relatou que naquele mesmo ano, dois outros aviários se instalaram no município; um de propriedade do senhor Teódolo Almeida próximo a Novo Itacolomi e outro no Bairro dos Pinheiros no sítio do senhor Geraldo Borges. Nesta visão de bom investimento, conforme relatou o senhor Edison é que hoje elas constituem um total de sessenta e três unidades no cenário paisagístico dessa área em estudo.

Em entrevista com o senhor Moacir Andreolla, atual prefeito, mas que naquela época estava à frente de escritório local da EMATER, o mesmo relatou vários acontecimentos daquele período e ressaltou que o plano da empresa de parceria, era aliado ao financiamento das instalações por meio de programas estaduais como o Panela Cheia, que naquele momento era equivalente a produto agrícola, no caso, o milho. Por meio desse programa, o agricultor conseguia o dinheiro necessário para a construção das instalações e efetuava o pagamento do empréstimo equivalente ao preço da saca de milho. Este programa teve a adesão de muitos agricultores.

Com o passar dos tempos outros aviários foram sendo construídos e desta vez financiados por outros meios como, por exemplo, por meio das agências bancárias e até mesmo com recursos próprios.

Os negócios foram prosperando e atraindo outros agricultores, pois o comércio da carne de aves foi crescendo no mundo todo. Segundo a revista ANUÁRIO (2005), a carne do frango brasileiro está conquistando o mundo e no ano de 2004 a avicultura brasileira vendeu 2,4 toneladas de carne de frango para mercados internacionais. Isto rendeu naquele ano ao país um faturamento de U\$\$ 8,5 bilhões. Ainda segundo essa mesma revista, esses números foram históricos e

dignos de figurar até mesmo no livro dos recordes, uma vez que o Brasil nesse ano assumiu a liderança mundial das exportações da carne, chegando a ultrapassar a gigantesca indústria americana.

Esse sucesso no crescimento do comércio da carne de frango continuou a ocorrer também no ano de 2005, conforme se pode observar na reportagem exibida na Figura 22.



Figura 22 – Reportagem sobre a avicultura no Paraná (Tribuna do Norte, 2005)

E foi nesse contexto de crescimento de mercado para a carne de frango, que as indústrias do gênero foram crescendo e adentrando o mercado em municípios como Novo Itacolomi.

Essa novidade na agricultura, foi de início uma proposta atraente para os agricultores que naquele momento, início dos anos 90, necessitavam urgente de uma saída para a crise que enfrentavam, e com o mercado em ascensão, sentiam-se seguros para tal empreendimento.

Os equipamentos para instalação, bem como as instalações de um modo geral, são de valor elevado. Hoje para se instalar na propriedade um aviário com capacidade para abrigar 15.000 aves, o custo médio gira em torno dos R\$ 80.000,00 a 150.000,00, dependendo do tipo de equipamento. Um valor bastante elevado, principalmente se o agricultor não dispor de mão-de-obra e materiais como madeira em sua propriedade. Daí o motivo pelo qual a maioria dos agricultores financia tais instalações.

Segundo o secretário da agricultura desta municipalidade, o senhor José Roberto Marzola, o município de Novo Itacolomi dispõe de um total de 53 avicultores e 63 barracões (granjas) de tamanhos variados e oito em fase de construção e acabamento. Estas produzem a cada lote (cerca de 40 a 45 dias), 1.036.000 aves / lote, porém possui uma meta de atingir até o final de 2007, um total de 1.700.000 aves / lote. Essa produção fez com que o município fosse reconhecido no Vale do Ivaí, como o campeão na produção de frangos.

Ainda segundo relatos de senhor José Roberto Marzola, a Prefeitura local continua com o plano de incentivo a avicultura no município, contribuindo com a doação de postes de concreto para sustento das instalações e construção de terraplanagem. Outro fator fundamental para o bom desempenho de tal atividade e que a Prefeitura disponibiliza ajuda, o que acontece através da manutenção da boa qualidade das estradas que dão acesso às granjas, uma vez que são abastecidas

por caminhões de ração diretamente da empresa, além do recebimento e retirada das aves que é feita a qualquer hora do dia ou da noite.

Outro auxílio prestado pela Prefeitura Municipal de Novo Itacolomi tem sido feito por meio de um caminhão pipa com capacidade para 8.350 litros de água que nas épocas de necessidades abastece sem nenhum custo os aviários.

A área do município de Novo Itacolomi abriga granjas na sua maioria de uma única empresa; a Agrícola Jandelle Ltda, porém outras empresas vêm tentando adentrar ao mercado, como é o caso da empresa Granjeira, que já se instalou no município desde o ano de 1997 sendo parceira em 07 aviários integrados.

Mais recentemente a empresa Agosto também tem pretendido adentrar ao município através de políticas de financiamento de instalações.

Todos esses fatores têm feito com que a produção anual de frangos do município chegue próximo à casa dos 6.100.000. Total esse responsável, segundo o prefeito Moacir Andreolla, por 70% do ICMS do município.

Segundo reportagem exibida pela empresa “Big Frango” (2007) na sua *home page*, em 2006, o consumo de carne de frangos aumentou entre os brasileiros. Este fato se explica devido ao preço acessível que estimulou os consumidores a adquirirem o produto. Isto ocorreu devido ter diminuído as exportações em virtude da doença da Gripe Aviária na Europa e Ásia, fazendo com que os chineses, os maiores consumidores desse produto diminuíssem o consumo, o que conseqüentemente forçou as quedas do preço aqui no Brasil. Soma-se a isso também a mudança de hábito do brasileiro, que de algum tempo para cá vem consumindo mais carne de frango.

Em meio a esse contexto, o mercado aviário brasileiro tem sido um bom negócio para se investir, pois o mercado para o produto não se apóia somente na economia brasileira, mas encontra respaldo na política mundial.

Para atender as exigências de exportação, é preciso seguir rigorosamente algumas normas estabelecidas pela empresa. Semanalmente cada aviário recebe a visita do técnico que vistoria o manejo e repassa as instruções técnicas necessárias.

Um dos aviários localizados na área de pesquisa é de propriedade da senhora Cecília de Lima Delgado. O responsável pelo cuidado das aves é o senhor Ramon Moreno Castilho, o qual foi entrevistado para essa pesquisa. Ele afirmou que trabalha na granja desde 2002 com a mulher e seus filhos que o ajudam nos cuidados com as aves, pois afirmou que na granja há muito serviço. Eles cuidam de 15.000 aves distribuídas em dois barracões próximos um do outro. Afirmou que o tempo de duração de um lote de frangos pode variar de 40 a 45 dias, tendo o granjeiro um prazo posterior a saída dos frangos de 15 dias para preparar o ambiente das instalações a fim de receber um novo lote.

O senhor Ramon ainda relatou que as aves recebem ração semanalmente, e que diariamente é anotado o total de mortalidade, bem como, o consumo de ração consumido pelas aves. Também é feita a pesagem semanalmente de dez aves para obter uma parcial de peso.

Para manter uma granja funcionando, é preciso um árduo trabalho e muita dedicação. Requer cuidados permanentes e mão-de-obra qualificada. Emprega toda uma família, pois como já dito anteriormente, para obtenção de bons lucros é preciso muito empenho e seguir rigorosamente às instruções técnicas.

Tudo tem que funcionar harmonicamente. As instalações devem ser mantidas em perfeito estado de conservação; comedouros, bebedouros, quantidade

exata de ração, temperatura controlada pelo uso de termômetro, nebulizadores – que são utilizados nos dias de calor, ventiladores, fornos de lenha para o aquecimento da temperatura, lâmpadas na quantidade ideal, entre outros.

Todo esse conjunto minucioso de instalações é de valor relativamente alto em comparação como ganhos de um agricultor, o que tem feito com que a maioria financie as instalações.

Segundo os técnicos da empresa “Big Frango” responsáveis pela assistência técnica das granjas instaladas no município, os senhores Reginaldo Lonardone e Sérgio Wacelkolke, os aviários funcionam em sistema de parceria; a empresa fornece as aves, ração, remédios e vacinas que são entregues semanalmente. A sobra da ração é devolvida para a empresa e descontada no gasto do lote. Além disso, ao final do lote, compra-se toda a produção. Afirmou que em 2007, o preço do frango tem variado entre R\$ 0,25 a R\$ 0,50 por cabeça, dependendo da qualidade da produção. Se bem trabalhado, tem gerado rendimentos satisfatórios para o avicultor. Ainda afirmou que o rendimento médio de um aviário com capacidade para 15.000 aves, tem proporcionado em média, um valor líquido de R\$ 3.500,00 para o avicultor, caso este não tenha que pagar financiamento nem empregado. Relatou ainda que a média de preços da empresa tem girado em torno de R\$0,35.

Muitos agricultores constroem um aviário e trabalham em sistema de parceria com um funcionário, onde o salário deste é proporcional ao resultado final do lote, variando de R\$1.000,00 a R\$2. 200,00.

Conforme já relatado, a atividade granjeira requer cuidados específicos, que são estendidos para a manutenção da qualidade das instalações até o controle de pessoas que circulam no aviário. Alguns cuidados merecem destaque como: pisar

dentro de uma caixa com cal antes de adentrar as instalações, proibição de pessoas estranhas no interior da granja, por meio de uma placa de alerta. Além disso, é expressamente proibido que o avicultor tenha em sua propriedade outros tipos de aves. Todos esses cuidados têm sido fundamentais para manter a qualidade da carne de frango e sustentar o mercado nacional e internacional.

Essas medidas foram intensificadas após o episódio da gripe aviária ocorrida no ano de 2005. A reportagem jornalística abaixo é fruto dessa época e divulga todos os cuidados intensificados nos aviários com a gripe asiática (Figura 23).

04 SABADO, 22 de outubro de 2005

TRIBUNA DO NORTE

TRIBUNA DO NORTE

MEDIDAS CONTRA GRIPE AVIÁRIA SÃO REFORÇADAS

Com medo de que a doença possa chegar ao Brasil, criadores de frango do Vale adotam ações preventivas

ERISEN COSTA
Da Redação de AGRIBUSINESS

A gripe aviária, que hoje se constitui num grande mal que afeta planícies na Europa, nos países asiáticos e da América do Norte, podendo atingir demais continentes, está deixando criadores de frango, empresários de frigoríficos e autoridades sanitárias do Brasil bastante preocupados. Nesta semana, o governo brasileiro, através do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), anunciou a execução de um plano nacional de contingência visando conter um eventual surto da gripe do frango no País. O plano inclui medidas tanto na área de saúde animal, como também no tocante à proteção da saúde humana, através de ações a serem implementadas pelo Ministério da Saúde.

Segundo o secretário-substituto de Defesa Agropecuária, Inácio Afonso Kroetz, técnicos do Mapa estão definindo quais ações devem ser tomadas para detectar, diagnosticar e erradicar um possível surto da gripe aviária, que já dizimou milhares de aves na Ásia, Europa e América do Norte. "Primeiro, temos que estabelecer medidas para evitar a entrada da doença no nosso território", diz Kroetz. "Além disso, precisamos saber como fazer para impedir a disseminação do vírus, caso ele chegue no País, via aeroporto ou aves migratórias. Por fim, devemos estar preparados para identificar e eliminar um eventual foco de influência aviária", completa.

No Paraná e na região, granjas e abatedouros têm dobrado esforços, nos últimos meses, no sentido de proteger o plantel avícola, panhando pelo rádio, pela televisão ou jornais todas as notícias sobre a gripe viária e sua expansão pelo mundo. Ao mesmo tempo, com apoio técnico dos abatedouros, adotam medidas práticas para garantir a saúde das aves e a boa sanidade do barracão e da propriedade.

O jovem Alessandro e seu pai Ermelindo Moratas, na granja de Novo Itacolomi: cuidado com os frangos

PRODUTORES estão cercando suas granjas e impedindo a entrada de qualquer pessoa estranha

ERMELEINDO mostra ao técnico José Adalto e ao prefeito Moacir Andreola casinha para compostagem de aves mortas

Proteção de todo o plantel

"Deus ajude que isto não aconteça, mas se a gripe viária atingir uma granja do nosso município, todos os criadores terão grandes prejuízos", alerta o técnico em agropecuária José Adalto, do escritório local da Emater. Ele lembra que Novo Itacolomi tem 62 famílias rurais que sobrevivem desta atividade e todas sairiam perdendo, já que um surto desta natureza acarretaria na interdição de todas as granjas e o sacrifício de todos os plantéis.

Segundo o prefeito Moacir Andreola (PMDB), que também é criador de aves de corte, Novo Itacolomi mantém hoje em torno de 3 milhão de aves alojadas por lote, sendo retirados seis lotes durante o ano. "Um surto da doença se transformaria numa catástrofe de grandes proporções para os produtores e o município", comenta Andreola, que cria 25 mil frangos e está nesta atividade há oito anos. O prefeito salienta que, para auxiliar os agricultores na sanidade das aves, está oferecendo até mão-de-obra para construção de casinhas de compostagem, uma das maneiras eficientes de se eliminar as aves mortas. (EC)

Recomendações de sanidade

"O que precisa ser feito para evitar qualquer tipo de doença nós estamos fazendo", diz o avicultor Ermelindo Moratas, 48 anos, dono de uma granja com 30 mil aves em Novo Itacolomi. Ele salienta que está obedecendo a todas as recomendações técnicas de sanidade estabelecidas pela Big Frango, empresa avícola de Rolândia com a qual mantém o sistema integrado de produção. "A gente torce para que todos os produtores adotem idênticas medidas de sanidade, pois assim todos saem ganhando", comenta Ermelindo, que trabalha na granja com o filho Alessandro, 23 anos, e outros da família.

A família Moratas não deixa, por exemplo, que estranhos cheguem próximo da granja, a pé ou com veículo; o veterinário que dá assistência deve estar com botas despojadas e vestuário adequados para o manejo das aves; todas as penas que ficam no barracão após cada retirada são queimadas, assim como a cama é desinfetada a cada retirada do plantel e trocada a cada três lotes; aves mortas são colocadas numa casinha de compostagem bastante segura e distante, onde são transformadas em adubo (ali não há cheiro e não há possibilidade de contaminação de doenças); também não é permitido a dono de granja entrar no barracão do outro; muitos estão cercando os barracões para impedir a entrada de qualquer pessoa estranha. (EC)

CAMPANHA DE CAPTAÇÃO 2005

2 HONDA GS 150 TITAN

1 FIAT 127 DOBRO DO RÁDIO

20km

Procure o regulamento em nossas unidades de atendimento.

SICREDI

Figura 23 – Reportagem sobre medidas contra a gripe aviária

Fonte: Tribuna do Norte.

Esta reportagem mostra os avicultores Ermelindo Moratas e seu filho Alessandro no interior do aviário. O senhor Ermelindo relatou na ocasião, todos os procedimentos técnicos que a empresa havia recomendado para serem cumpridos. Dentre eles, a proibição da entrada de pessoas estranhas, evidenciada no letreiro da

placa à direita, além dos cuidados com as aves mortas, exibido na segunda foto à direita (de baixo para cima) que deveriam ser colocadas na composteira, que na linguagem técnica nada mais é, do que o local onde são empilhadas as aves mortas e cobertas com serragem para a decomposição.

5.2. ÁGUA E LENHA: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA O DESEMPENHO DA ATIVIDADE GRANJEIRA

Para o efetivo funcionamento de um aviário é primordial a abundância de água e lenha.

Conforme demonstrado anteriormente por meio da tabela 4, um aviário com capacidade para abrigar 15.000 aves em fase final de alojamento, consome em média por dia de funcionamento 15.000 litros de água, o que ao final de um lote gera um total de aproximadamente 9.400.000 litros de água, um número relevante. Se calculado anualmente, multiplicado pelas 63 unidades em produção, gera um total de aproximadamente 56.000.000 de litros. E sem esse líquido precioso, não é capaz de produzir nem se quer uma ave, pois além de utilizada para matar a sede das aves, é primordial também na higienização de comedouros e bebedouros diariamente e na nebulização das aves nos dias de temperaturas elevadas. Toda vez que a temperatura atingir 35° graus centígrados é preciso nebulizar as aves através de um sistema de mangueiras em formas de chuveirinhos.

Segundo Valandro (2007, pag. 17), quanto às instalações “a limpeza é tão importante quanto a desinfecção. A remoção de detritos e gordura é imprescindível para o sucesso da desinfecção.” (...). Essa limpeza prévia deve ser feita com água limpa.

Nesse contexto, para cumprir com os princípios de biosegurança da atividade granjeira, é primordial o uso desse “líquido precioso”, uma vez que todas as instalações com aves alojadas ou não devem ser limpas e desinfetadas cuidadosamente.

Nº DE BAR –RACÕES	63
CAPACIDADE DOS BARRACÕES	DE 9.800 A 26.000
PRODUÇÃO / LOTE PRODUÇÃO	1.013.000
ANUAL = (PRODUÇÃO / LOTE X 6)	6.078.000
CONSUMO TOTAL MÉDIO DE ÁGUA POR LOTE	9.362.955
CONSUMO TOTAL ÁGUA / ANUAL	56.098.442
CONSUMO TOTAL DE LENHA / ANO	675,3m ³

Tabela 4 - Raio X da avicultura no município de Novo Itacolomi
 Autora: Delgado, E.N.F. (2007)

A origem dessa enorme quantidade de água consumida pelos aviários tem sido o lençol freático por meio das fontes d’água, que na sua maioria , se encontram totalmente desprotegidas.

Esse aumento excessivo do uso da água no município pela atividade granjeira, já apresenta problemas de ordem estrutural e econômico. Nas épocas de estiagem, principalmente de abril a agosto, a água em muitas propriedades agrícolas, tem sido escassa, diminuindo consideravelmente a quantidade de escoamento. Este fator tem feito com que o avicultor recorra a outras formas de aquisição da água; uma delas tem sido através do deslocamento de um caminhão pipa da Prefeitura local que abastece os reservatórios dos aviários nas eventuais necessidades.

Tais fatos tem sido comum nas épocas de estiagem em que as fontes diminuem sua capacidade normal, além do desaparecimento de outras.

Mesmo sabendo que nas épocas de estiagem tais problemas ocorrem, em pesquisa de campo constatou-se que a maior parte dos aviários do município são

abastecidas por água de nascentes. O resultado de tal investigação pode ser averiguado por meio do Gráfico 1.

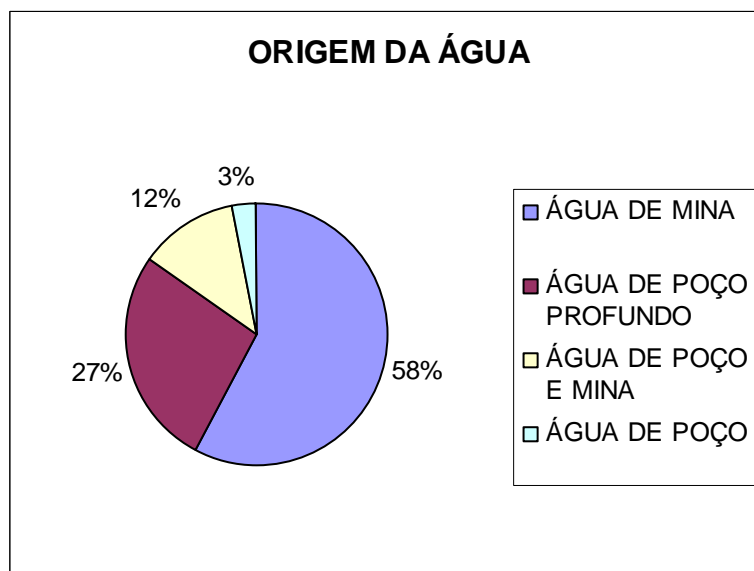


Gráfico 1 - Origem da água usada na avicultura
Fonte: Pesquisa em campo em 12/07/2007
Autora: Delgado, E.N.F. (2007)

Ainda que enfrentando a problemática de escassez de água, muitos avicultores vêm demonstrando resistência a preservações dos mananciais. Muitos não abrem mão do espaço reservado por lei à preservação da mata ciliar. Em alguns casos, a capacidade da nascente não foi suficiente para tocar o investimento, como é o caso de vários avicultores do município. Um deles é o senhor Erlindo, que acreditando no potencial da “mina,” realizou o investimento e agora passa por dificuldades, tendo que recorrer ao caminhão pipa da Prefeitura para tocar o investimento (Foto 42).



Foto 42 – Reabastecimento de água para um aviário no período da estiagem
 Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

Segundo Beltrame (1994), “os fatores antrópicos apresentam influência marcante sobre o estado de conservação física em que se encontra a área.” Essa intervenção é perfeitamente visível nessa área de pesquisa, uma vez que apresenta como resultado imediato, a falta de água e os transtornos a que isso tem decorrido; uma atitude de só retirar da natureza e a ela, nada retribuir.

Beltrame (1994) ainda relata:

A cobertura vegetal é um fator importante na manutenção dos recursos naturais renováveis. Além de exercer papel essencial na manutenção do ciclo da água, protege o solo contra o impacto das gotas de chuva, aumentando a porosidade e a permeabilidade do solo através da ação das raízes, reduzindo o escoamento superficial, mantendo a umidade e a fertilidade do solo pela presença de matéria orgânica, etc. (BELTRAME, 1994, p. 14).

E é justamente essa cobertura vegetal que foi devastada dando lugar a pastagens e as lavouras de um modo geral que deixam os solos desnudos e vulneráveis à erosão, pois os solos desta área em estudo são na sua maioria de relevos acidentados o que facilita ainda mais o escoamento superficial da água da

chuva, diminuindo a capacidade de infiltração direcionada ao lençol freático, de onde provêm as águas das “mimas”. Essas afirmações também são confirmadas em Beltrame (1994, p.15):

A Proteção dada ao solo pela mata nativa resulta em menores perdas de solo e maior capacidade de retenção de água, especialmente quando comparada ao solo sob culturas anuais ou desnudos. (BELTRAME, 1994, p. 15).

Todo esse conjunto de medidas abordadas, quando não tomadas, causam os problemas que foram levantados, uma vez que o consumo de água pelas granjas é realmente grande, conforme explicitado em outros momentos nessa pesquisa. O reservatório de uma granja com capacidade para alojar 15.000 aves é equivalente a 10.000 litros, os quais são gastos em aproximadamente 24 horas, pois além de fundamental para matar a sede das aves é primordial na higienização do ambiente, nebulização e ainda para umedecer a cama de frango (forração do piso do aviário feito com serragem ou casca de arroz) quando essa é reutilizada no chão da granja como tapete.

Segundo Valandro (2007) “a água em um aviário deve ser utilizada até mesmo para umedecer a cama de frango para possível reutilização no aviário.” (...) Quando possível, remover a cama velha do galpão e amontoá-la em outra instalação para que sofra a fermentação; se estiver seca, umedecê-la para que atinja 35 a 40% de umidade, para facilitar a fermentação.” Essa prática tem sido comum, uma vez que os avicultores na maioria das vezes reutilizam a cama para evitar gastos na sua substituição, pois a matéria prima é basicamente composta de serragem ou casca de arroz e são adquiridas em toneladas (um caminhão custa aproximadamente R\$ 500,00), o que para o avicultor é um custo bastante significativo. Ainda soma-se a isso a dificuldade para pagar o transporte e encontrar a matéria prima nos locais

adequados. Sem falar que às vezes o avicultor acumula a cama de frango, devido não encontrar mercado para venda do produto, que na sua maioria é vendido para os produtores de café dos municípios vizinhos.

Conforme explicitado anteriormente, a composição básica da cama de frango é a serragem e /ou casca de arroz que se junta às fezes e urina das aves e se transforma em um esterco forte e barato, adequado, sobretudo para os cafeicultores. Quando não comercializada, é jogada na própria propriedade agrícola, principalmente nas pastagens.

Para tentar resolver a problemática da falta d'água nos aviários, ocorrida principalmente nos períodos de estiagem (abril a julho), muitos avicultores começaram a perfuração de poços profundos. Esses possuem em média 200 m de profundidade e retiram água e que se infiltrou no solo por ocasião das chuvas e não originárias do lençol subterrâneo.

Porém, nem todos os avicultores possuem condições financeiras suficientes para bancar tal investimento. Atualmente o valor do poço é cobrado em metros. Até sessenta metros de perfuração possui um custo de R\$5.000,00 e após essa metragem, cobra-se R\$50,00 o metro.

Esta medida tem resolvido a princípio o problema da escassez de água nas granjas, pois um poço normal produz em média centenas de litros de água por minuto, tornando o que era escasso em motivo de sobra.

Estes poços particulares começaram a ser instalados a menos de dois anos e hoje já somam um total de 17 (dezessete). Porém, nem todos os poços perfurados conseguem manter a capacidade de escoamento. Já houve caso em que o poço não conseguiu sobreviver ao rigor da estiagem do inverno e diminuiu vertiginosamente a quantidade de água deixando o avicultor em dificuldades.

Há também avicultores que na busca pela água tem gasto um capital alto. Em visita de campo constatou-se que um avicultor gastou R\$17.000,00 e não conseguiram obter água, uma vez que a empresa perfuradora segundo ele, não oferece nenhuma garantia quanto à presença ou não de água.

Existem também poços que foram perfurados com recursos do Governo Estadual para atender as comunidades rurais e somam um total de 10 (dez) espalhados por todos os bairros do município (Foto 43).



Foto 43 – Poço comunitário do Bairro dos 300 Alqueires
Autora: Delgado, E.N.F. (2007)

Além desses, existe o poço perfurado pela SANEPAR (Companhia de Saneamento do Paraná), o qual abastece toda a população urbana de Novo Itacolomi.

Um fator que chama a atenção, é que até os sítiantes que não praticam a avicultura, estão perfurando tais poços, uma vez que existem no município famílias que não possuem em sua propriedade abundância de água. Estas nos períodos de

estiagem são escassas e eles vêm nos poços uma forma de resolução do problema.

Segundo ANA (Agência Nacional das Águas), órgão do Governo Federal encarregado de administrar as águas no território brasileiro, para a utilização das águas subterrâneas e especificamente no Estado do Paraná, a Lei Estadual de Gerenciamento de Recursos Hídricos, Lei nº 12.726 de 26 de Novembro de 1.999 que institui a política estadual de Recursos Hídricos, para a utilização das águas subterrâneas é preciso requerer outorga, ou seja, a liberação do órgão gestor, nesse caso, a SUDERSHA (Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos) para perfuração de poços profundos e artesianos, bem como para o uso das águas retiradas pelos mesmos. Este procedimento não vem sendo tomado pelos agricultores e avicultores, o que poderá acarretar em problemas futuros como multa e ou até a interdição dos mesmos.

Visto que a água é um bem precioso e que está se tornando escassa nessa área de pesquisa nos períodos de estiagem, a outorga dos poços profundos é muito importante, pois além torná-los legalmente existentes, é uma forma de controle e uso ordenado da quantidade de água do subsolo, embora essa não seja a realidade local.

Nesse contexto acima descrito, cabe destacar por meio da Tabela 5, os poços perfurados no município nos últimos anos.

LOCALIDADES	NÚMERO DE	
	PARTICULARES	NÚMERO DE POÇOS COMUNITÁRIOS
NOVO ITACOLOMI	6	2
SÃO SEBASTIÃO	3	0
MARREAS	0	1
POLONI	2	1
PONTE PRETA	0	2
PINHEIROS	4	1
300ALQUEIRES	2	3
TOTAL	17	10

Tabela 5 - Poços profundos no município de Novo Itacolomi

Fonte: Pesquisa de campo em 08/07/2007

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

Atualmente, dá-se a falsa impressão de resolução de um problema, porém é preocupante pensar em como será o futuro do município, uma vez que escassa a água superficial, tem se buscado mais profundamente, sem pensar que o amanhã poderá ser ainda mais comprometedor.

Cabe ressaltar que, nos últimos anos, a falta de água na zona rural do município, tem se intensificado nos períodos de estiagem prolongada e até pessoas que não possuem granjas em suas propriedades vêm sofrendo as conseqüências de escassez de água. Um exemplo foi o que aconteceu no mês de junho até o dia 15 de julho de 2007 quando iniciou as chuvas. Por ocasião da estiagem prolongada, muitos agricultores estavam recorrendo à ajuda do caminhão pipa da Prefeitura para levar água para o gado e até para o consumo próprio. Recebiam aproximadamente 8400 litros de água em dia intercalados ou até seguidos.

Muitas nascentes secaram totalmente com a estiagem. Cabe ressaltar que a atividade granjeira aumentou muito o uso de água, e que esta, uma vez extraída do lençol freático tem feito com que esse apresentasse em muitas propriedades um rebaixamento, uma vez que muitas nascentes desaparecem por completo durante a estiagem, e após as chuvas, voltam a fornecer água normalmente. Além disso, constatou-se em visita de campo um caso pitoresco, mas que serve como prova de

tal acontecimento. Um agricultor que perfurou um poço no mês de janeiro, o senhor Sinval Garcia, o qual com menos de 50 metros apresentou a presença de água. Porém, ele teve uma surpresa desagradável no mês de junho quando o seu poço secou. Ele agora se não quiser perder o investimento, terá que dispor de mais R\$10.000,00 para tentar reverter à situação e, sem nenhuma garantia por parte da empresa perfuradora.

Vale salientar que a atividade granjeira não é responsável sozinha pelo rebaixamento do lençol freático, pois se alia a ela outros fatores que já foram citados em outros momentos nessa pesquisa, como a inexistência de mata ciliar nas nascentes. Ainda é importante destacar que analisando a Tabela 3 que mostra a pluviosidade do município de Novo Itacolomi, é evidente a diminuição no Índice de chuvas dos últimos dois anos.

Ainda relacionado à exploração da água no solo, Bertrand e Bertrand (2007) relatam que:

(...) É no âmbito do solo que se efetua a passagem da matéria mineral para a matéria viva e reciprocamente. As culturas desviam estes mecanismos. Elas lhe aceleram, ou abrandam, ou bloqueiam. Mas elas não podem desenvolver-se independentes das águas (exceto no caso muito recente e muito excepcional da cultura sem solo). (BERTRAND E BERTRAND, 2007, p.153).

Mesmo sendo conhecedores da importância da água para a sobrevivência e manutenção das espécies vivas, a começar da espécie humana, as pessoas vem demonstrando atitudes imaturas, imediatistas e talvez até podendo ser chamadas de inconseqüentes, pois através do trabalho de campo e em entrevistas, constatou-se o descrédito na preservação das nascentes, sem contar nas áreas destinadas a preservação permanente e legal da propriedade que muitas vezes foram consideradas inexistentes.

5.2.1. Lenha: Outro Recurso Natural de Base para a Atividade Granjeira

De fundamental importância para o funcionamento da atividade granjeira é o uso da lenha. Utilizada nos fornos, como matéria prima, tornou-se recurso obrigatório para o desenvolvimento das aves.

Os “pintainhos” nos primeiros dias de vida requerem um cuidado extraordinário, necessitam de temperatura ambiente em torno de 30º graus. Por isso até complementarem 15 a 20 dias, ficam em estufas, que é um local menor na própria granja, onde dispõe de cuidados especiais, como o aquecimento da temperatura ambiente. Esse aquecimento na maioria das vezes é feito por meio de fornos à base e lenha (Foto 44).



Foto 44 - Interior de um aviário com destaque para o forno à base de lenha
Autora: DELGADO, E.N.F.

Após passarem por esse período (15 a 20 dias), são soltos por todo o aviário, porém nos dias em que a temperatura baixar, principalmente à noite, os fornos entram em funcionamento.

Estes ficam instalados em lugares estratégicos no recinto do aviário, bem no meio, conforme a Foto 44, para que possa ser circundado por todos os lados pelos “pintainhos” que são vulneráveis às baixas temperaturas. Este funcionamento, aliado a outros cuidados específicos nos primeiros dias de vida dos “pintainhos”, faz com que o granjeiro pernoite muitos dias no aviário, pois manter a temperatura é um desafio e uma necessidade para as noites frias.

Para abastecer esses fornos funcionando durante o inverno em um aviário com capacidades para alojar 15.000 aves, por exemplo, é necessário a aquisição por parte do avicultor de 15 a 18 metros cúbicos de lenha, o que tem se tornado um grande problema, pois muitos não dispõem desse recurso na sua propriedade agrícola, tendo que adquirir de terceiros, encarecendo ainda mais o lote, ou ainda efetua-se o corte ilegal de madeiras na própria propriedade (Foto 45).



Foto 45 - Flagrante de madeiras cortadas na propriedade para abastecer os fornos do aviário
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

Muitos dos avicultores acabaram e estão acabando com as reservas madeiras da propriedade, e não estão se preocupando em repor na mesma proporção em que efetuam a queima. Foi o que se pode observar na entrevista feita com os avicultores do município, onde ficou claro a evidencia de que a maioria não está comprando a lenha, o que polemiza um pouco tal atitude. Tal situação pode ser explicitada melhor por meio do Gráfico 2.

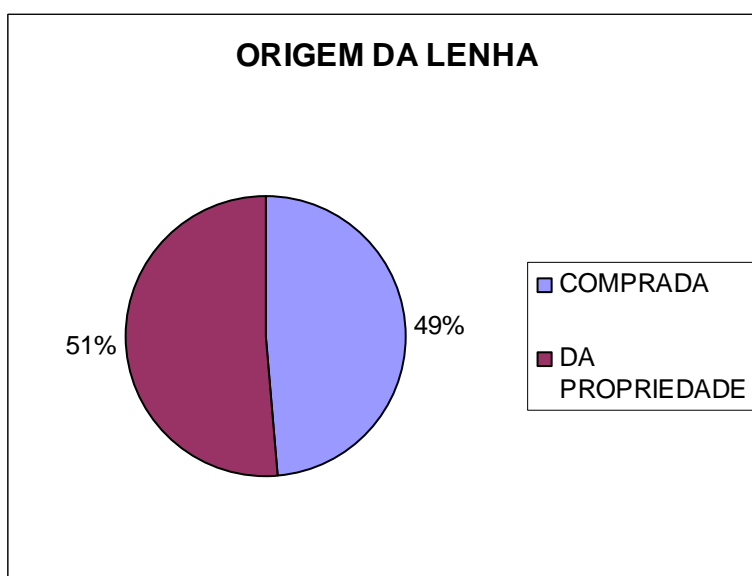


Gráfico 2 – Origem da lenha usada na atividade granjeira
Fonte: Pesquisa de campo em 12/07/2007
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

Ainda em trabalho de campo, onde se entrevistou todos os avicultores do município, constatou-se que as nascentes que abastecem as propriedades, mais especificadamente os aviários, na sua maioria não estão sendo preservadas. Encontrou uma propriedade que estava sendo abastecida pelo caminhão tanque da Prefeitura, mas a nascente que abastecia a propriedade antes do período da estiagem se encontrava no total abandono. Porém, com relação à madeira observou-se que os avicultores apresentam uma maior preocupação em relação à água, uma vez que já estão efetuando o plantio em suas propriedades de espécies

de crescimento rápido como o eucalipto, por exemplo, destinado para esse fim, o que pode ser melhor explicitado através do Gráfico 3 .

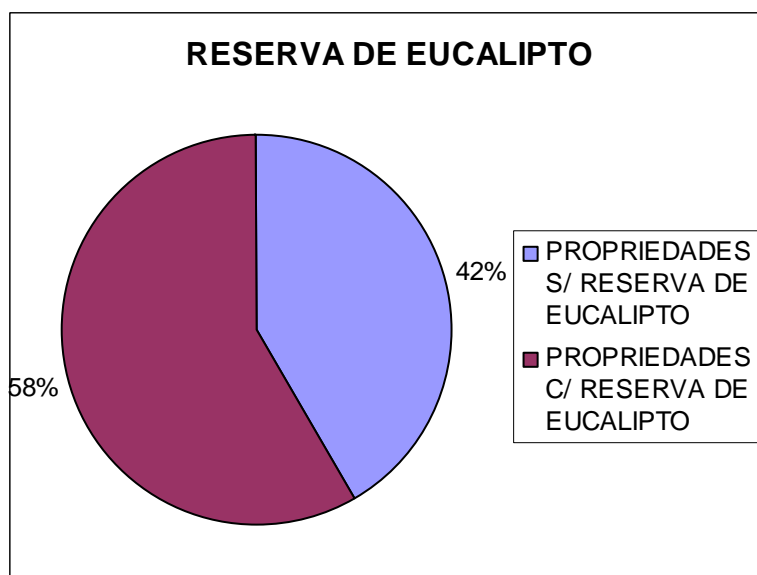


Gráfico 3 - Percentual de eucalipto entre as propriedades granjeiras de Novo Itacolomi
Fonte: Pesquisa de campo em 12/07/2007

Tal realidade tem colaborado para o desenvolvimento no município do comércio de madeiras. Em 2007, o metro cúbico de madeiras é vendido a R\$35,00 o que ao final de um lote em tempo de inverno apresenta-se um gasto aproximado de R\$ 520,00 ao avicultor.

A empresa que mais tem parceria com os avicultores no município é a “Big Frango”, por meio de uma tímida política preservacionista tem incentivado os avicultores a plantarem eucalipto em suas propriedades, assim como a preservarem as nascentes, mas, mesmo assim a maioria não aderiu ao incentivo.

Um dos fatores que tem colaborado para tal situação tem sido a dificuldade em se adquirir as mudas de crescimento rápido como o eucalipto, uma vez que no município inexistem a produção dessas espécies, pois o viveiro municipal encontra-se desativado.

Vale ressaltar que, a política municipal de incentivo a produção de mudas destinadas ao reflorestamento e silvicultura não tem caminhado na mesma proporção que a política de incentivo à instalação das granjas, o que tem ocasionado efeitos não agradáveis à natureza.

Relacionado ao uso desenfreado dos recursos naturais, neste caso, em Novo Itacolomi, quanto à derrubada e o uso da madeira com a finalidade de funcionamento dos fornos destinados ao aquecimento das aves, é pertinente ressaltar as seguintes colocações:

A destruição da natureza e a rarefação de certos “recursos naturais” não são atributos da industrialização e do capitalismo industrial. Desde a Idade Média, o bosque, a erva e a fauna selvagem tornaram-se bens de consumo ameaçados, cada vez mais raros e preciosos, que as classes dirigentes, depois o Estado, se esforçam para controlar e confiscar em seu proveito e sobre os quais as comunidades camponesas, revolta dos camponeses, tentam manter os direitos de uso cada vez mais contestados (...) (BERTRAND, 2007, p. 145).

Dentro desse contexto, não é novo os fatos relacionados à destruição dos recursos naturais. Estes sempre estiveram à mercê das classes dominantes e até do Estado, ora representado pelo Poder Público Federal, ora Estadual, e ora Municipal. Em busca da satisfação dos desejos e necessidades pessoais interferem de forma brusca no meio ambiente, uma vez indefeso, este se submete às vontades e necessidades de ser humano.

Pensa-se muitas vezes que a destruição ao meio ambiente é atitude da classe baixa e que o grau de desinformação que geralmente permeia tal classe é a responsável pela situação atual. Mas a realidade tem mostrado que as classes dirigentes associada ao Estado (Poder Público seja ele em qual esfera for) tem sido um dos principais responsáveis pela atual situação de exploração desenfreada dos recursos naturais, pois sempre em busca do lucro, fingem esquecer o futuro.

E, em se tratando da problemática local, não tem sido diferente, pois conforme já mencionado anteriormente, segundo o prefeito municipal Moacir Andreolla os aviários são responsáveis por 70% do ICMS do município, o que para um município essencialmente agrícola e de pequeno porte é um valor muito representativo, daí então a justificativa para tanto incentivo à instalação de aviários por parte do poder público local.

Sabe-se que outro tipo de cultivo agrícola além de não gerar tal quantidade de impostos ao município, não apresenta rendimentos satisfatórios para o agricultor então, opta-se por fazer vistas grossas em muitos momentos.

Ainda relacionado à intervenção antrópica no meio ambiente Tropmair (2006) complementa tal assunto:

Nas civilizações primitivas, pastoris e agrícolas, o homem era um elemento integrado no sistema natureza e nele interferia apenas de forma restrita. Com o aumento da população, o surgimento de formas sociais mais complexas e principalmente com o advento dos centros urbanos e da era industrial, que introduzi o emprego de maquinário mais potente e sofisticado e modificou modos de vida humana, a interferência e as perturbações provocadas pelo homem ecossistemas tornaram-se mais drásticas e conduziram aos problemas ambientais de nossos dias. (TROPMAIR, 2006, p.153)

Cabe destacar que, costumamos afirmar que o ser humano está em constante “evolução”. Nosso cotidiano é invadido por uma infinidade de novidades e dizemos que é fruto da tecnologia. O progresso é luta constante das sociedades humanas, porém ao se falar em desenvolvimento, lembramos do subdesenvolvimento e tudo num contexto de relatividade: desenvolvimento de tecnologias e produtos, embora, dentro do contexto de lucratividade sem preocupação ambiental. Quando se extrai a matéria-prima da natureza para produzir tais tecnologias, esquece que um dia poderá extinguir-se. Mas afinal, o lucro

prevalece e percebe-se que nesse sentido o ser humano não evoluiu equiparado a produção de tecnologias.

Em âmbito local, extrai-se os recursos, isto é o que interessa!

Ainda complementando essa linha de raciocínio Troppmair (2006) afirma que o ser humano:

De forma indireta interfere-se também nos ecossistemas: alterando-se as condições ecológicas e interrompendo-se as cadeias tróficas. Com a derrubada, mesmo parcial de matas, pela retirada de madeiras de lei, ou redução da sua área, ocorrem mudanças nas condições ecológicas reinantes, que impedem a sobrevivência de plantas e animais nas diferentes geobiocenoses ou ecossistemas.(TROPMAIR, 2006, p.153).

Essas intervenções sempre ocasionam transtornos que são sentidos imediatamente ou não pelas próprias sociedades que as causaram; na alimentação, saúde, produção agrícola, clima, entre outras.

Relacionado ao uso desenfreado de lenha pela atividade avicultora no município de Novo Itacolomi, cabe destacar que anterior ao uso de fornos movidos à lenha, eram usados como aquecedores para as aves fornos movidos a gás natural. Porém, com o aumento do preço desse produto, a empresa parceira (no caso a " Big Frango") viu nos fornos à lenha uma alternativa, uma vez que o preço da lenha no mercado é inferior, tornando ao avicultor ser mais economicamente rentável. Essa sugestão da empresa foi acatada de imediato pelos avicultores que mesmo tendo que adquirir novos fornos, aderiram a proposta. Atualmente quase todas as unidades avicultoras do município possuem fornos movidos à lenha.

Já existe no mercado fornos movidos a diesel, porém aqui no município somente um avicultor instalou em sua granja, é o caso do senhor Daniel de Oliveira que diz ser compensador, pois o preço do diesel no mercado se encontra mais compensador que o da madeira, sem contar que não é tão trabalhoso como o uso

da lenha. Ele afirma ainda que os fabricantes estão testando fornos movidos a biodiesel, o que para o futuro poderá ser mais rentável ainda (Foto 46).



Foto 46 – Senhor Daniel de Oliveira explicando sobre o funcionamento do forno a diesel
Autora: DELGADO, E.N.F. (20070)

Porém o do uso de tais fornos requer uma ampla discussão, uma vez que os resultados terão que ser pesados e ou analisados com muita cautela. Nas visitas de campo realizadas, um avicultor, o senhor Sidney Tegen, trouxe à tona um ponto relevante; afirmou que há indícios que tais fornos poluam ainda mais que os movidos à base de lenha, tanto pela questão da fumaça lançada na atmosfera, como pelo uso do petróleo enquanto recurso não renovável. Ele afirmou que “plantando árvores de crescimento rápido como o eucalipto, os recursos naturais (no caso, as árvores) se renovarão e isto evita o uso do petróleo enquanto recurso não renovável.” Uma questão que abre um leque abrangente de discussões e pesquisas a serem desenvolvidas futuramente.

6. O MUNICÍPIO DE NOVO ITACOLOMI: APREENSÃO GEO – FOTO – GRÁFICA

6.1. A Fotografia como Documento Histórico – Geográfico

Com a introdução da fotografia, foi possível ter uma visão realista do mundo, pois tornou-se possível registrar os fatos históricos. Esses foram captados pelas lentes e deixaram de ser meras lembranças ou escritas e puderam ser comprovados através dos flagrantes das câmeras.

Segundo Rigon (2005, p. 110), responsabilizou-se o francês Louis – Jacques Mande Daguerre (1787-1851), o título de descobridor inventor da arte de fotografar. Foi ele quem primeiro produziu por volta de 1835, uma imagem fixa pela ação direta da luz através de um, revolucionário aparelho para a época, chamado de daguerreótipo.

Outro estudioso da arte de fotografar é Passos (2004). O referido autor é um entusiasta no uso da iconografia como instrumento de análise da paisagem.

Segundo ele:

A generalização e o uso utilitário da fotografia constituíram, ao longo dos anos, uma ferramenta de registro e de restituição das paisagens. A fotografia de paisagem é um ato e presença no mundo. Ela é, por si mesmo, um dispositivo de expressão (PASSOS, 2004, p. 193 – 211).

No contexto do meio geográfico afirma-se que foi com Paul Vidal de La Blache (1908), que se iniciou a utilização da fotografia com função iconográfica realizada através da publicação da obra *La France. Tableau Geographique*, uma reedição do *Tableau da la Geographique* de La France, uma vez que inseriu nesta obra muitas fotografias comentadas, inaugurando um novo e importante significado na representação da paisagem.

Este trabalho realizado por Paul Vidal de Blache serviu de marco na história da fotografia. A partir de então inúmeros outros geógrafos, dentre eles Jeans Brunhes e Emmanuel de Martone, tornaram-se herdeiros na arte de fotografar.

Ainda nesse contexto, Passos (2004, p.177-189) refere-se à fotografia como instrumento de análise e quanto a La Blache (1908) afirma que este “avança rápido, do ponto de vista ilustrativo para o ponto de vista científico, afirmando que há um método geográfico de interpretar paisagens.”

Ao usar a fotografia para se retratar uma paisagem, conseqüentemente virá à tona a realidade instalada. Não têm como negar os fatos, as intervenções antrópicas, por exemplo. Porém ao fotografar, usa-se certa dose de subjetividade. Esta se manifesta na escolha do território a ser fotografado que para tal, dependerá da luz e distância, entre outros aspectos, o que tem como visualização de uma imagem real, se terá uma ferramenta de análise e registro da paisagem.

No meio geográfico a fotografia ganhou destaque ao evidenciar a realidade paisagística. Passos (2004, p. 177-189) afirma que “o geógrafo faz, de preferência, fotografias que registram a paisagem, o cotidiano das relações sociedade - natureza”. Afirma ainda que a fotografia possui um alto valor para a ciência, uma vez que “não se trata mais de uso da fotografia como ilustração, mas de uma técnica de análise.”

Nesse contexto de fotografia como reveladora da realidade paisagística, Passos (2004, p.180) relata que “as fotos são reveladoras de como a estrutura socioeconômica atuou e atua sobre a estrutura geocológica para construir a paisagem atual.” É nessa visão de análise e compreensão da realidade paisagística através do uso da fotografia que se encaminha este estudo por meio dos registros fotográficos de diferentes paisagens, em diferentes locais do município.

6.1.1. O Município de Novo Itacolomi numa perspectiva Geo – Foto – Gráfica

A fotografia mostra a realidade momentânea do objeto. Sendo este uma paisagem, retrata o óbvio e o subjetivo: dependendo da capacidade do observador. Não é possível omitir situações, nem camuflar intervenções antrópicas, não é possível disfarçar a atuação da estrutura socioeconômica. Ela é real e é por isso que segundo (Passos, 2004) a fotografia no estudo geográfico não é mais usada a título ilustrativo, mas sim como técnica de análise. E nessa visão de análise real da conjuntura paisagística é que nas páginas seguintes serão apresentadas a uma análise foto - interpretativa da paisagem da área em estudo” o município de Novo Itacolomi”.

Dos vários registros feitos nos estudos de campo pelo município, selecionou-se alguns, que pela subjetividade, evidencia algo relevante a ser destacado; seja no aspecto natural, na intervenção antrópica, cada fotografia com peculiaridades individuais e carregadas da historicidade local.

Procurou-se dispô-las seguindo a subdivisão das Unidades de Paisagem dispostas nessa pesquisa na parte 4, de acordo com os períodos históricos em que foram divididos essa pesquisa: a construção da paisagem até 1975, a construção da paisagem entre 1975 e 1992 e a paisagem atual, acreditando que a paisagem evidencia elementos subjetivos que uma vez implícitos e explícitos na paisagem são capazes de caracterizar cada período histórico. Foram feitas, percorrendo o município de Novo Itacolomi no sentido Norte – Sul, Leste –Oeste.

6.1.2 As Evidências Paisagísticas Anterior a 1975



Foto 47 – Reserva de eucalipto da década de 1970. A mais antiga do município, segundo moradores da região. Circundada pelas pastagens, exibe beleza e longas árvores
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 48 – Evidência da arquitetura europeia na paisagem; residência com características suecas que fora construída na década de 1950 pela família Hauselman. Hoje ocupada somente durante o dia pelos donos que aí se abrigam do sol, chuva e fazem suas refeições. A família reside na cidade de Novo Itacolomi, para onde se mudaram na década de 1980, com o objetivo de estudar os filhos
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 49 - A exuberância do ipê roxo em uma fazenda de colonização mineira. A presença da pecuária leiteira, ao redor de uma residência cujos traços e organização das instalações exibem a arquitetura mineira

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 50 – A abundância da água estampada na caixa de lavar café. No passado, um cenário completo da cafeicultura. Hoje só as lembranças que ficaram nas poucas estruturas que sobraram. No lugar do café, o plantio de cana-de-acúcar

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 51 - A antiga roda d'água . Marcas do passado onde a energia elétrica era luxo de poucos. Localizada nas margens do rio Itacolomi, hoje serve apenas de objeto de observação e morada de plantas que se abrigam em suas estrutura
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 52 – O registro da simplicidade do verdadeiro caboclo da roça. No rosto as marca de quem trabalhou duro. Em uma das mãos o serrote, objeto que usou para serrar a lenha com que depois torraria o café. Assim foi o costume de quem não se acostumou com as tecnologias. Assim vive o “Juca” na fazenda São Geraldo
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 53 – Instalações cafeeiras e o café no "terreirão". Tudo funcionando como na década de 1950 quando foi construída. Na propriedade do senhor José Conrado, preservar as instalações é lição de casa.

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 54 – Uma residência construída em 1959 por um pioneiro vindo do Estado de Minas Gerais, o qual seguiu o estilo da arquitetura mineira, e no detalhe, a parabólica. É a tecnologia que corta as fronteiras e chega até os lugares mais longínquos. É a realidade atual

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 55 – A presença dos bambuzais num local de nascentes. Além da beleza, a utilização para o fabricação de palitos, cestos e cercas nos quintais da propriedade
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 56 – Registro fotográfico do senhor José Conrado dos Santos e sua esposa a senhora Lourdes Peralta dos Santos. Ele é pioneiro no plantio de café no município de Novo Itacolomi. Foto esta tirada por ocasião de uma entrevista concedida
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 57 – Em meio ao pasto, o paredão de rochas basálticas como atração turística. Marcas da intervenção antrópica evidenciada nos paredões. As rochas fazem companhia à grama verde
Autora: Delgado, E.N.F. (2007)

6.1.3 As Evidências Paisagísticas entre 1975 e 1992



Foto 58 – O senhor Edgar de Souza em meio a sua plantação de maracujá; uma das culturas alternativas do município
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 59 – O abandono da casa rural. Hoje serve de abrigo a aves e plantas que ousam enfeitar seus telhados

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 60 – A exuberância do pé de cedro, madeira de lei nascida no sopé do morro. Gigante no tamanho e na audácia de sobreviver em meio ao pisoteio do gado e o golpe da foice

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 61 – Ontem uma escola, hoje, nada mais que um paiol de milho. Outra Escola Rural Estadual desativada e entregue ao abandono. Marcas claras do êxodo rural aliado à centralização do ensino. A mesma serve ainda de limite entre paisagens agrícolas diferentes; de um lado, o girassol, de outro, as pastagens.

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 62 – O pecuarista juntamente com os “peões” no momento de pesagem do gado para venda. A pecuária como alternativa de renda para o relevo acidentado

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 63 – Além da beleza das águas turvas, o detalhe dos marrecos num descontraído passeio. Essa é mais uma das muitas represas encontradas no trabalho de campo. O objetivo das mesmas é a produção de peixes para enriquecer a alimentação da família
Autora: DELGADO, E.N.F (2007)



Foto 64 – A exposição dos mandacarus em meio aos matações expostos na parte mais alta do relevo. Suposta herança do paleoclima. Em meio às cactáceas, a coragem da árvore que na busca pela claridade, competiu de igual para igual
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

6.1.4. A paisagem atual (2007)



Foto 65- O plantio de eucalipto como alternativa de renda e fornecimento de lenha para os fornos dos aviários

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 66 – O canavial em área antes ocupada por cafezais. Toda essa área foi no passado cenário de grande produção cafeeira e empregava muitas famílias

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 67 – Plantas da família das cactáceas, o mandacaru numa visão circular ao tronco da árvore Proezas da natureza, e que driblou os golpes da foice que passa por aí todos os anos
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

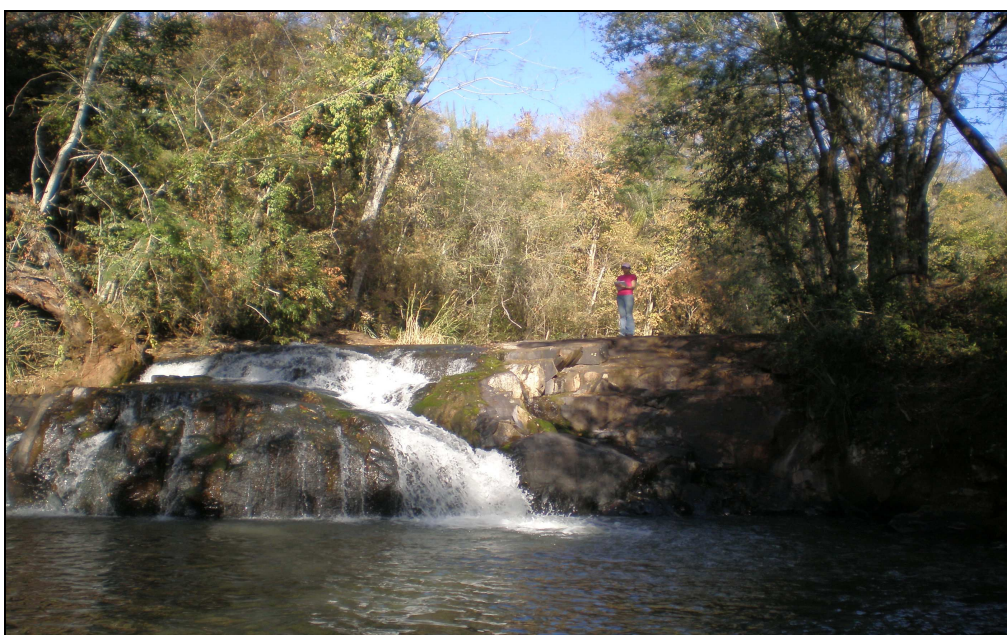


Foto 68- Uma das cachoeiras do rio Itacolomi formadas pela exposição das rochas basálticas . Local de fronteira entre novo Itacolomi e Cambira. As cachoeiras e o represamento da água em um poço, atraem pessoas no verão. Na estiagem do inverno, (julho de 2007) retrata o tom diferente da vegetação.

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 69 – Um mostra da intervenção antrópica: pastagens onde deveria existir matas. A solidão dos morros acompanhado pelo gado até o topo. O tipo de relevo predominante no município
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 70 – Caminho do gado e uma árvore solitária. A meia vertente desmatada. Toda essa área deveria legalmente ser recoberta por vegetação, porém cedeu lugar as pastagens.
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 71 – No encontro de dois morros, a existência de uma caverna formada de rochas basálticas. Localizada na fazenda Primavera no bairro dos 300 Alqueires, exibe em seus paredões uma mistura de cristais de rocha com rochas basálticas. Encontra-se um tanto soterrada pelo desmoronamento das encostas sem vegetação

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 72 – O caminhão pipa – prova concreta da falta de água nos períodos de estiagem. Socorro de avicultores, pecuaristas e da população rural em geral que no inverno sofre com a estiagem. Vitimas de suas próprias atitudes

Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 73 – A erosão em meio às pastagens; fruto da inexistência de curvas de nível aliada ao pisoteio do gado. A força das águas é maior que o poder de sustentação das raízes. O capim e as gramíneas só amenizam o que poderia estar pior
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 74 – A solidão da árvore esconde a sua direita a nascente que abastece a sede da fazenda São Miguel. É quase impossível notar a presença da mesma em meio a mancha um pouco escura da pastagem
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 75 – A prova da violenta intervenção humana. As pastagens até a beira do rio Itacolomi. Nem uma cerca se quer para proteger suas margens
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 76 – A vegetação nativa esconde a cachoeira de rochas basálticas. Neste local encontrou-se espécies raras como o palmito, além de uma vegetação de cipós e arbustos espinhentos. Toda essa área encontra-se cercada e livre do pisoteio do gado
Autora: DELGADO, E.N.F.(2007)



Foto 77 – A cerca demarca as diferentes atividades econômicas do espaço rural do município. Em primeiro plano, o cultivo do milho e no fundo uma área de café
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 78 – No detalhe da foto “eu” em meio às águas rasas do rio Itacolomi. A estiagem do inverno proporcionou-me adentrar até o meio do leito caminhando pelas rochas descobertas
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 79 – A mão do Cristo abençoa a cidade de Novo Itacolomi que está localizada a sua frente. Pelo declive do relevo, este seria mais um daqueles lugares que deveriam estar preservados
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 80 – Uma mostra do lixão a céu aberto da cidade de Novo Itacolomi. Ele se encontra a menos de 100 metros da cidade
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 81 – Neste mesmo local da foto anterior, o flagrante da criança junto do pai em meio aos dejetos. Não é preciso ir a uma grande cidade para se deparar com essa cena
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 82 – Visão panorâmica proporcionada do alto do morro do Cristo. No destaque a nova escola municipal que acabara de ser construída. A sua volta um pouco do verde que circunda a cidade de Novo Itacolomi
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 83 – A paisagem representada em uma espécie de mosaico. Num primeiro plano, pastagens se misturam ao plantio de bananas seguido por uma área circundada por matas e ao fundo, no vale do rio Itacolomi, se alternam terras prontas ao plantio e pastagens novamente
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 84 – A dimensão da erosão em meio ao pasto. Antes um “pequeno buraco” cavado para a passagem do gado e que foi aos poucos erodindo de baixo para cima e se transformou nesse estágio
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)



Foto 85 – No centro da imagem o local de uma nascente que quase desapareceu. Era a época de estiagem do mês de julho. Nesse local há anos atrás era normal à abundância de água. Hoje, a capacidade da mesma é pequena e todos os anos no período da estiagem ela fica assim seca
Autora: DELGADO, E.N.F. (2007)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Novo Itacolomi, objeto de estudo desta pesquisa, é parte integrante da região Norte do Estado do Paraná, a qual vivenciou o processo de colonização implantado pela CTNP. Um modelo inovador à época; onde ocorreu a interação dos fatores históricos, econômicos e geográficos.

Desenvolvida já no início do século XX, a ocupação do Norte do Estado do Paraná se tornou em um próspero negócio imobiliário, realizado pela empresa britânica *Paraná Plantation Company*, através de sua subsidiária CTNP, esta que transferida a empresários brasileiros na década de 1940, passou em 1951 a denominação de CMNP. Tal empresa foi responsável pela aquisição e comercialização de mais de 500 mil alqueires de terras, se tornando em um dos maiores projetos de colonização já ocorridos no país.

O excelente potencial ecológico, favorecido pelas características naturais como: a riqueza do solo formado a partir da decomposição do basalto em área de clima tropical, a denominada “terra – roxa” e assentado sobre um relevo planáltico cuja topografia é formada por espigões de topos amplos e com inclinações suaves, o solo apresentava-se coberto por uma exuberante floresta tropical, e quando desnudo, tornava-se propício à agricultura, principalmente a cafeeira.

A migração do café do Estado de São Paulo rumo ao Paraná acontece na primeira metade do século XX, uma vez que as terras da região norte-paranaense atendiam aos interesses de reprodução e acumulação do capital tanto nacional, como estrangeiro. Isto fez com que a área fosse fácil e rapidamente incorporada às novas fronteiras agrícolas e nesse contexto surgiu o povoado de Itacolomi. No início pertencente ao município de Apucarana, posteriormente como Distrito de Cambira e a partir de 1992, como município constituído.

Como os demais municípios, Novo Itacolomi, assim denominado após a criação do município em 1992, vivenciou todas as etapas do grande processo colonizador. Porém, para a compreensão das transformações históricas e ambientais ocorridas na região, optou-se por investigar uma unidade menor de paisagem – o espaço territorial do município de Novo Itacolomi, o qual atuou como elemento norteador na trajetória desta pesquisa.

A observação do município de Novo Itacolomi, relacionada ao processo de ocupação e uso do solo permitiu precisar as transformações históricas ocorridas na área, além do levantamento das condições ambientais, que a partir do trabalho de campo resultou numa coletânea fotográfica, apresentada nesta pesquisa.

Assim como os outros municípios da região Norte Paranaense, a intervenção antrópica deixou marcas na paisagem do município de Novo Itacolomi. Tais intervenções são decorrentes de um modelo de ocupação socioeconômica posto em prática num contexto histórico de acelerado crescimento da economia brasileira sobre uma paisagem natural.

Durante esse período de ocupação territorial, não houve consciência preservacionista, pois naquele momento, a mentalidade colonizadora não previa a conservação, o lema era: terra desmatada, sinônimo de progresso.

Outro fator que naquele momento colaborou para o alto índice de desmatamento foi o fato de que a maioria das propriedades serem vendidas a prazo, havendo então por parte do comprador a preocupação de plantar o máximo possível para poder conseguir quitar a dívida das terras, assim sendo, desmatar o máximo, era uma necessidade momentânea. Diante dessa situação, o desmatamento atingiu até mesmo os fundos de vale, com notáveis e irreversíveis prejuízos ao meio

ambiente. Rapidamente a paisagem cultural sobrepôs a natural, assimilando os costumes inerentes ao processo vivido.

O resultado dessa investida humana foi uma verdadeira transformação ambiental, onde a vegetação nativa no período compreendido entre 1950 e 1970 quase chegou ao total extermínio. Ao final desse período, a área correspondente ao município de Novo Itacolomi, já se encontrava praticamente toda desmatada. Restavam poucas manchas isoladas de vegetação nativa. O que restou, se reduziu principalmente às áreas de relevo muito acidentado. Prevaleceu uma ocupação rural acentuada inicialmente num uso do solo baseado no trabalho familiar, cuja principal atividade era a lavoura cafeeira.

Após 1975, ano em que ocorreu a forte geada, houve uma forte alteração na paisagem do município. A lavoura cafeeira foi fortemente afetada pela geada e conseqüentemente teve sua área reduzida. Prevaleceram somente as lavouras localizadas nas áreas de topografia mais elevada, onde os efeitos da geada não foram tão drásticos.

As propriedades agrícolas, que antes exibiam cafezais exuberantes, foram sendo visitadas por tratores, colheitadeiras e demais equipamentos agrícolas usados, sobretudo no preparo da terra e colheita de cereais como: milho, soja, trigo, entre outros, que dominaram a paisagem das terras deste pedaço de chão. Antigas moradias dos cafeicultores foram sendo arrancadas e/ou abandonadas pelo êxodo rural que toda essa situação acabara de ocasionar. Tudo isso fez com que a vegetação nativa diminuísse e, produtos químicos como adubos e agrotóxicos fossem usados nesses novos cultivos agrícolas que figuravam naquele momento e, como resultado desse uso, iniciou o processo de contaminação do solo e dos cursos d'água da área do município.

Com relação à área urbana, nesse período ela permaneceu sem muitas alterações. Estas ocorreram somente no que diz respeito à sofisticação das construções, pois a área territorial permaneceu inalterada com relação ao crescimento urbano, até a emancipação em 1992.

A área de pecuária tornou-se expressiva, uma vez que a maioria das terras do município compõe um relevo movimentado e assim sendo, caracteriza-se como inviável ao cultivo agrícola mecanizado.

A partir de 1992, com a criação do município, começa a paisagem a sofrer modificações mais radicais. Na área rural, houve um significativo aumento na área de cafeicultura, incentivado por programas estaduais de governo, o que não teve uma vida longa devido, sobretudo, às geadas que visitam essas terras todos os anos. Após alguns anos, permaneceram poucos cafeicultores daqueles que tinham tentado o plantio novamente; somente os que tinham suas lavouras acentadas sobre um relevo de topografia mais alta.

Surge ainda incentivos por parte da EMATER e Prefeitura local para a diversificação agrícola na propriedade. Aparecem plantios de amora (sericicultura) e maracujá, e um novo cultivo dominou o cenário agrícola de um bairro inteiro do município: as bananas no bairro das Marrecas, que segundo dados da EMATER (2007) ocupam uma área agrícola de 200 hectares.

Na paisagem urbana começa as primeiras modificações relacionadas ao espaço. Teve início os primeiros loteamentos e a implantação das primeiras pequenas indústrias. Inicia-se o êxodo rural em direção à cidade de Novo Itacolomi e não mais somente em relação às cidades vizinhas. A população rural começou a se modificar e a intervenção antrópica ficou mais evidente na área urbana. A cidade passou a ter coleta de lixo, mas depositado a céu aberto.

A partir do ano 2000, houve uma intensificação do incentivo a diversificação agrícola e a implantação dos aviários. Tal fato fez com que o município se tornasse o maior produtor de frangos de corte do Vale do Ivaí. Porém, o título de município campeão na produção de frangos teve seu preço: atualmente o município sofre com a escassez de água todos os anos nos períodos de estiagem, sobretudo, no inverno. A avicultura é uma atividade econômica que requer o uso exorbitante de água, porém os avicultores na sua maioria, não têm se preocupado em preservar suas nascentes e sim em furar poços profundos e sem outorga, o que pode se comprovar por meio das entrevistas nas visitas de campo. Além do mais, a população urbana viu-se obrigada a conviver com o mau cheiro emitido pelos aviários que foram sendo instalados em plena área urbana.

Soma-se a isso, o consumo de lenha que tem provocado o corte de centenas de árvores, e nem sempre legalmente, todos os anos para funcionamento dos fornos de aquecimento das aves. O que chamou a atenção é que na maioria das propriedades que possuem granjas instaladas, encontraram-se plantios mesmo que significativos de eucalipto, diferentemente do que acontece com a água, onde se deparou com o abandono das nascentes da maioria das propriedades visitadas, o que chama a atenção para a imatura consciência ambiental por parte dos avicultores e agricultores, visto que a problemática da falta de água nos períodos de estiagem afeta a todos. Outro ponto a destacar é que o cuidado maior com o plantio de espécies destinadas ao corte, dá-se também em função que a lenha quando não encontrada na propriedade tem que ser comprada, já a água, diretamente não apresenta custos, uma vez que quando não fornecida pelas nascentes da própria propriedade é obtida por meio do caminhão tanque da Prefeitura local sem nenhum custo.

Economicamente constatou-se por meio desse trabalho que a avicultura tem sido uma atividade financeiramente viável desenvolvida no município e que cresce assustadoramente. Porém, em relação ao meio ambiente, já não se pode afirmar o mesmo. A política de sustentabilidade dos recursos naturais não caminha na mesma velocidade, somente com o início da pressão jurídica por meio da Promotoria Pública em se fazer cumprir a Lei, é que aumentou o número de propriedades com reservas e matas ciliares, porém ainda muito longe de atingir a área que legalmente seria o correto.

Desenvolver e aprimorar projetos destinados a sustentabilidade ambiental é uma necessidade urgente, como o que se encontra em gestação: a implantação de cisternas para aproveitamento da água da chuva e conseqüentemente, para a economia de água subterrânea, além da produção e distribuição de mudas de eucalipto e nativas para compor reservas destinadas à exploração madeireira, bem como para a recomposição de matas ciliares.

Conforme já explicitado, Novo Itacolomi encontra dificuldades de crescimento urbano e desenvolvimento como toda cidade de pequeno porte. Mesmo que lentamente, porém, vem se desenvolvendo, principalmente após o surgimento das pequenas empresas e do investimento na área rural através do apoio ao pequeno produtor, sobretudo na diversificação das atividades agrícolas, o que tem proporcionado um ligeiro melhorar nas condições de vida da população local e um amenizar no impulso a que caminhava o êxodo rural do município, fatos que puderam ser comprovados nas visitas de campo, por meio das entrevistas com moradores de localidades rurais e urbanas.

Nesses últimos anos, na paisagem urbana apareceram além das construções públicas relevantes já evidenciadas nessa pesquisa, um aumento e

fortalecimento do comércio, das indústrias e de casa populares. Houve um substancial aumento no número de empregos após a instalação das pequenas empresas.

Necessário se faz efetuar o Plano Diretor do município com a finalidade de traçar metas de planejamento das atividades econômicas e estabelecer critérios de uso e ocupação do solo tanto na área rural como na urbana, principalmente estabelecendo restrições para instalação dos aviários, de uma forma que o avicultor explore a natureza de uma forma sustentável.

Concluindo, pode-se deixar registrado que a área correspondente ao município de Novo Itacolomi reproduz, se não todo, pelo menos grande parte do processo histórico e socioeconômico vivenciado pela região Norte do Paraná, trazendo consigo as marcas positivas e negativas do ser humano que nela agiu. Assim sendo, ao mesmo tempo em que se caracteriza como um espaço de grande desenvolvimento da pecuária e produtividade agrícola, aliado ao setor do agronegócio destinado a exportação por meio da avicultura, também se reprime de maneira brusca como se desencadeou a ocupação e posteriores formas de uso do solo, estando a degradação ambiental evidenciada nos olhos de qualquer observador.

A beleza da paisagem se equipara a ganância do lucro: mesmo sabendo avicultores e agricultores que dependem única e exclusivamente da natureza, o interesse capitalista sobrepõe e camufla a necessidade de se preservar: aplicar a lei e conscientizar, sobretudo, as crianças, acredita ser medidas na direção correta em busca do caminho da sustentabilidade, este, que cedo ou tarde, deverá ser trilhado por todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amarilda Regina da Silva. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 12 de maio de 2007.

ALMEIDA, José Adauto. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 20 de maio de 2007.

ANDREOLLA, Moacir. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 15 de abril de 2007.

ANUÁRIO, 2005

ARIAS NETO, Jose Miguel. *O eldorado: representação da política em Londrina – 1930 – 1975*. Londrina: Ed da UEL, 1998.

AVICULTURA representa 36% do valor da pecuária do PR Jornal Tribuna do Norte, Apucarana, ano nº p.6, out. 2006.

FRANCO, Anadir Pereira. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 20 de julho de 2007.

BELTRAME A.V. *Diagnóstico do meio físico de bacias hidrográficas: modelo e aplicação* Florianópolis: Editora da UFSC. 1994.

BELTRAME, Pedro. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 15 de abril de 2007.

BERTRAND, G. *Paysage et géographie physique: esquisse methodologique*. E.G.P.S.O. Toulouse: 1968. p.249 – 72.39 v.

_____. *Paisagem e geografia física global: esboço metodológico*. Caderno de Ciências da terra. São Paulo, 1971. p. 1-27. 13v.

_____. Pour une histoire écologique de la France rurale. In DUBY, Geoges e WALLOOM, Armand (org.). *Histoire de la France rurales*. Paris: Seuil, 1975. 1v.

_____. *A geografia física; de um paradigma perdido a um paradigma re-encontrado*.

Curitiba: Conferência da abertura do VII simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 1997.

BERTRAND, G ; *Paisagem e geografia física global: esboço metodológico*. Caderno de Ciências da Terra São Paulo, 1971. p. 1-27.13v.

_____. *La science du paysage, une science diagonale*. R.G.P.S., Toulouse, v. 43, p. 127-33, 1972.

BERTRAND, G.; BERTRAND, Claude. *Le geissysteme ou "systeme territorial naturel."* R.G.P.S.O., Toulese, v.49, n.2, p.67-80, 1978.

_____. *Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades*. Maringá: Editora Massoni, 2007.

BEROUUTCHACHVILI, N BERTRAND, G. Lê *Geosystème oi Dysteème Territorial Naturel*, Toulouse, Revue Geographique dès Pyrinées et di Quest, 49 (2): 167-180, 1978.

BIGARELLA, João Jose. *Visão integrada da problemática da erosão*. In: SIMPOSIO DE CONTROLE DE EROSAO (3:1985, Maringá). *Anais...* Curitiba: Associação de Defesa e Educação Ambiental e Associação Brasileira de Geologia de Engenharia, 1985 p.

BRUNET, R. *Les phénomènes de descontonuté em géographie*. Paris: C.N.R.S., 1968. 119p.

CAMARGO, João Borba de. *Geografia física, humana e econômica do Paraná*. 2. ed. Paranavaí: Chichetec, 1998.

CAPELOTO, Narciso. *Cambira: origens e formação*. Curitiba, Secretaria de Estado da Educação, 1988.

CARDOSO, J. A *Atlas histórico do Paraná*. 9. ed. Curitiba: Chain, 1981.

_____. J. A. e WESTPHALEN, C. M. *Atlas histórico do Paraná*. Curitiba, Indústria Gráfica Projeto, 1981. 78p.

CASSETI, Valter. *Ambiente e apropriação do relevo*. São Paulo: Contexto, 1991.

CASTILHO, Ramon Moreno. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 12 de maio de 2007.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná*. Publicação Comemorativa do cinqüentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). São Paulo, 1975.

CORRÊA, R.L. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática. 1986. 93 p.

_____. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática. 1989.

COSTA, Donizete Fernandes da. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 02 de maio de 2007.

EHART, H. *la theorie resistasique et lês problemes biogeographiques et paleobiologiques*. Soc. Biogeog, França: CNR, 1956.

EMATER, *Entreposto* de Novo Itacolomi, PR, 2007.

EMBRAPA. *Sistema Brasileiro de Classificação de Solos*. Serviço de Produção de Informação – SPI. Brasília , 1999.

EXPEDITO, Edson José. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 13 jul. 2007.

FARIA, Gislaine Garcia de. *As transformações históricas e a dinâmica atual da paisagem microbacia hidrográfica do Ribeirão Cambé – Londrina – PR* Dissertação de Mestrado, Presidente Prudente, 2001.

FARIA, Maria do Carmo Carvalho. *As transformações históricas e a dinâmica atual da paisagem na Bacia Hidrográfica do Ribeirão Biguaçu – Apucarana/PR*. 2007. 221 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós Graduação em Geografia. Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2007.

FILHO, João Rodrigues. *Entrevista*. 10 fev. 2007.

FRANCO, Anadir Pereira. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 20 de julho de 2007.

FRANCO, José Pereira. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 02 de fev. de 2007.

FRANCO, Maria Nabarrete. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 10 jul. 2007.

FRANCO, NAIR Pereira. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 29 de abril de 2007.

GEORGE, Pierre. *Geografia urbana*. 5. ed. Espanha: Editorial Ariel, 1980.

IMAGEM de Satélite da cidade de Novo Itacolomi. Disponível em <http://www.google.com>. Acesso em: 15 de maio. 2007.

IPARDES, 1999.

IAPAR, *Cartas Climáticas do Estado do Paraná*, 1979.

JORNAL *Tribuna do Norte*. Apucarana, 22 de outubro de 2005.

LA BLACHE, P. V. *Tableau de la Geographie de la France. Histoire de la France de Lavisse*. Tome I , 1ere. Partie, Paris, Hachette, 1908, 395p. R. Dion, Essai sur la formation du paysage rural français. Neuilly-sur-Seine, G. Durier, 181 p. (réédition).

LÔR, Haroldo V. *Álbum comemorativo dos 25º aniversário do Município de Apucarana – Arapongas*: Editora Quessada, 1969.

MAACK, Reinhard. *Geografia Física do Estado do Paraná*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1.981.

MARZOLA, José Roberto. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 15 jul. 2007.

MEDIDAS contra gripe aviária são reforçadas. *Agribusines – suplemento especial Jornal Tribuna do Norte*, Apucarana , p. 4 out. 2005.

MENDONÇA, Francisco. Diagnóstico e análise ambiental de micro bacia hidrográfica. *Revista RA' EGA*. Curitiba, nº. 03, p. 67-89,1999.

MICHELIM, Marizi Inácia Expedito. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 08 de abril 2007.

MONTEIRO, Carlos Augusto de FIGUEIREDO. Clima. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Geografia do Brasil: grande região sul*. 2ª edição. Rio de Janeiro: v. 4, t.1, p. 114-116. 1968. (Biblioteca Geográfica Brasileira).

MORO, D. A. (organizador) e Endlich, A. M. Maringá Espaço e Tempo. Ensaio de Geografia Urbana. Maringá: Programa de Pós Graduação em Geografia – UEM, 2003. 238p.

MÜLLER, N.L. Contribuição ao estudo do Norte do Paraná. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, nº 22. 1956. p. 55 – 96.

NEEF, E. *Fundamentos teóricos da ciência da paisagem*. Moscou: editora Progresso, 1974.25p.

NETO, J.M. O Eldorado: Representações da Política em Londrina 1930 – 1975: ed. UEL, 1998.

PASSOS, Messias Modesto dos. *O Pontal do Paranapanema: um estudo de geografia física global*. 1988. 326 f. Tese (Doutorado). Departamento de Geografia FFCL Universidade de São Paulo. Dão Paulo, 1988.

_____. A construção da paisagem no Mato Grosso – Brasil. Maringá: Mestrado em Geografia – UEM; Presidente Prudente: PPGG-ECT-UNESP, 2000.

_____. *Biogeografia e Paisagem*. 2ª ed. Presidente Prudente: UNESP – PPGE, 2ª. Edição, 2003.

_____. A paisagem no pontal do Paranapanema uma apreensão geo-foto-gráfica. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Maringá, v. 26, nº 1, p. 177-189, 2004.

_____. A Raia divisória : *geossistema, paisagem e eco-história*. Maringá: Eduem, 2006.

PASSOS, M. M. dos; SPÓSITO, E.S. *Globalização e Regionalização na Europa Ocidental*. Portugal, Espanha e França. Presidente Prudente: PPGG, FCT-TNESP, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE APUCARANA. *Plano diretor de desenvolvimento urbano*. Curitiba: MINEROPAR/FAMEPAR, 1994.

REVISTA ANUÁRIO. Porto Feliz – SP, nº.11, ed. 1129, 2004.

RIGON, Osmar. *Desenvolvimento local e meio ambiente: Produção do espaço e problemas ambientais. A bacia hidrográfica do ribeirão morangueira*. Maringá- PR (1970 -). 2005. 149f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós Graduação em Geografia. Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Maringá. 2005.

RODRIGUEZ, José IM. IM. et al. *Geoecologia das paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental*. Fortaleza: UFC, 2004.

ROSS, Jurandir L. Sanches (Org.). *Geomorfologia: ambiente e planejamento*. Coleção repensando a geografia. 5ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

SANTOS, M.et. SILVEIRA, M. L. *Más Allá de lãs metáforas: una geografia de la globalización*. Estudios Geográficos. nº 230, p. 99-112:1998.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

_____. *Por uma nova geografia: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: Edusp, 2002.

SILVA, Amarilda Regina da Silva. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 12 de maio de 2007.

SILVEIRA, Leonor Marcon da. *As Condicionantes climáticas e a organização do espaço rural no setor sudeste do planalto de Apucarana – PR 1996*. , Dissertação (Mestrado em Geografia) PPGG-ECT-UNESP. Presidente Prudente-SP: 1996.

_____. *Condicionantes ambientais da organização do espaço rural no município de Apucarana – PR*. Maringá, 1987.

_____. *Análise rítmica do tempo no Norte do Paraná, aplicada ao clima de Maringá-PR*. 2003 2 v. Tese (Doutorado em Geografia Física)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SAUER, C. O. The morphology of landscape. *Publications in Geography*. Berkley, v.2, p.19-53, 1925.

SOCHAVA, V. B. *O estudo de geossistemas: métodos em questão*. São Paulo, nº. 16, p. 1-52, 1977.

TEGON, Sidiney. *Entrevista*. Novo Itacolomi, 17 jul. 2007.

Troll, C. *Landscape ecology*. Deft: publ. UNESCO, 1966.

TROPMAIR, Helmut. Perfil Fitoecológico do Estado do Paraná. *Boletim Geografia*, Ano 8, nº 1, Maringá, 1990.

_____. *Geossistemas e Geossistemas Paulistas* IGCE, UNESP, Rio Claro, 2000.

_____. *Sistemas, Geossistemas, Geossistemas Paulistas e Ecologia da Paisagem*. Rio Claro: IGCE, UNESP, 2004.

_____. *Biogeografia e meio ambiente*. 7ª ed. Rio Claro: Divisa, 2006.

VALANDRO, Luis César. *Principais medidas a serem adotadas entre a saída e entrada de um novo lote de frango de corte*, Agromais, Chapecó, nº 4, p. 16-19, abr./mai.2007.

VIADANA, A.G. *Teoria dos Refúgios Florestais aplicada ao estado de São Paulo*. 2001 Tese (Livre Docência) IGCE, UNESP, Rio Claro, Sp, 2001.

VIEIRA, I.M. *Jacus e Picaretas: (A história de uma colonização)*. Maringá: Bertone, 1999.

Wachowicz, Ruy *Norte Velho, Norte Pioneiro*. Departamento de História da UFPR Curitiba. Gráfica vicentina, Curitiba, 1987.

_____. *Historia do Paraná*. 9ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WONS, Iaroslav. *Geografia do Paraná*. 4ª ed. Curitiba: Ensino Renovado, 1982.